Luiz Almeida

PERFIS

PERSONALIDADES DO MARANHÃO

VOLUME I

COLEÇÃO

PERFIS

Todo Conceito Books

Copyright © 2022 por Luiz Almeida

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escritos dos editores.

Coordenadora: Sandra Santos
Diagramação: Marcelo Araújo
Pesquisa: Odete Moreira
Projeto gráfico e capa: Lorena Sacramento
Revisão: Fabiola Medeiros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Almeida, Luiz
Perfis personalidades do Maranhão : volume 1 /
Luiz Almeida ; coordenação Sandra Santos. –
São Luís, MA : Ed. do Autor, 2022.
ISBN 978-65-00-43795-9
1. Almeida, Luiz 2. Biografia 3. Experiência de vida 4. Homens – Biografia 5. Maranhão – História 6. Relatos pessoais I. Santos, Sandra. II. Título.

22-108626 CDD – 920.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Homens : Biografia 920.71

Aline Graziele Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Todo Conceito
Rua dos Cedros 11 – 104 – Jardim São Francisco
São Luis – MA, CEP 65076-100
E-mail luizalmeidatc@gmail.com

Luiz Almeida

PERFIS

PERSONALIDADES DO MARANHÃO

VOLUME I

Todo Conceito Books

Agradecimentos

Ao meu Poder Superior por me dar essa oportunidade e capacidade de concretizar mais um objetivo.

A todos os entrevistados pela disponibilidade de me darem seus depoimentos. Sou eternamente grato e honrado.

Ao Gonçalves e sua família do Centro Elétrico por acreditarem nesse projeto e me apoiarem. Muito obrigado.

A minha amiga Sandra que acreditou e colocou sua marca neste projeto.

Ao governador Flávio Dino, pois, em seu governo, com a Lei de Incentivo Fiscal pude realizar este projeto.

A Ciane Sozinho que, na época da aprovação, era a secretária Adjunta de Projetos Culturais Incentivados e ao grupo que aprovou o projeto a minha eterna gratidão.

A Rose Viegas e sua equipe do setor de Incentivos Fiscais da Secretaria de Cultura.

Ao Airton Marinho pelas suas xilogravuras que estão na capa do livro.

A minha irmã Odete, sobrinha Carminha que amo muito, meu cunhado Renato e sua família que me adotou como membro. Seu Nogueira, Dona Maí, Maria Carmem, Júlia, Alberto, Pedrinho e Arthur, Cláudio, Iluska, Luiza, Laura.

Aos profissionais que participaram deste projeto Arcenildo, Fabíola, Lorena e Marcelo.

A minha amiga, companheira e amada cachorrinha Vycky que esteve no meu colo quando escrevia meus textos desse livro.

In memoriam a minha amada mãe Lurdinha.

Nota do autor

Em matéria publicada na Revista Carta Capital em 2018, após o incêndio no Museu Nacional da Quinta da Boavista, é citado que: "um povo que não conhece seu passado, que não compreende suas referências e suas origens, perde a chance de reparar seus erros históricos e não é capaz de trilhar seu caminho a um futuro de respeito aos direitos humanos e à democracia".

Considerando a citação acima, principalmente quando se percebe que o brasileiro não costuma valorizar sua história, o projeto foi pensando nesse sentido, pois de forma clara, objetiva e de fácil leitura o "Personalidades do Maranhão – volume 1" vem buscar, mesmo que ainda de forma "simples", resgatar e perpetuar a história de grandes maranhenses em diversas áreas de atuação.

Dessa forma, a produção de um livro busca a intenção de provocar a reflexão e proporcionar o conhecimento de temas e pessoas que anteriormente muitos não conheciam nem sabiam de suas histórias, porém aqui são retratadas de uma forma mais condensada.

Não tenho a pretensão de achar que esse meu primeiro volume é uma forma grandiosa de preservar a nossa história, porém como disse uma vez Madre Teresa de Calcutá: "Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar, mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota". Esse livro é essa gota no mar de preservação da nossa história.

Ah, muitos dos textos já foram publicados no Jornal Pequeno depois de 2009, outros publicados mais recentes e alguns especialmente para o livro, por isso, os mais antigos não foram revisados, sendo assim, claro que a vida de muitos mudou, infelizmente, alguns até faleceram, porém é importante que esses registros fiquem salvos num livro.

Uma boa leitura.

Obrigado.

Prefácio

Sempre acreditei no poder transformador de uma boa história. Aquela que traz exemplos, mostra caminhos, revela fragilidades, insinua sentimentos, descortina emoções e acima de tudo, nos diverte, nos emociona e nos inspira pelo exemplo das jornadas vividas por pessoas que passamos a conhecer melhor quando a nós reveladas...

Eu tive um grande contador de estórias desde cedo, e meu ritual para dormir antecedia sempre grandes aventuras criadas e narradas por ele...Aprendi com esse incrível storyteller – meu inesquecível pai Joaquim Jorge Vieira Neto – que a vida é bem mais interessante quando nossa imaginação é estimulada pelas palavras e pelas narrativas.

Mas quando crescemos e somos desafiados a sobreviver ao duro cotidiano da humanidade líquida, superficial e muitas vezes cruel, que esmaga sonhos e – se deixarmos, pode até nos reduzir a nada – é de belas histórias com H que precisamos. Aprender com que já viveu, é bem melhor que sonhar!

Sermos apresentados às pessoas que criaram algo, que foram ou são resistência, que usam a arte para revolucionar, que escrevem para nos transportar a outros mundos; que curam dores, ou que empreendem para transformar o mundo ao seu redor; é sem dúvida, um ato de poder, e de prazer.

Como jornalista, sempre valorizei os registros – das pessoas e dos fatos. Ao entrevistar recentemente uma liderança indígena, Davi Guajajara me disse que "cada ancião de sua aldeia é uma biblioteca viva e rica em saberes e conhecimentos". Olha que forte isso!

Eu diria então que somos, todos nós – independente de idade, raça ou sexo – personagens únicos, que merecemos encontrar um talentoso garimpeiro, que consiga extrair do âmago de nossas almas, as nossas melhores memórias. Esse é o trabalho árduo do entrevistador, e que dele exige paciência para entrevistar, perspicácia para nos fazer revelar fatos, e ainda, habilidade para lapidar com precisão tantos relatos. Uma tríade de talentos que o autor Luiz Almeida domina com maestria nessa obra!

E foi a esse ato de garimpar histórias e revelar pessoas, que ele se entregou com tanto afinco, resultando nessa obra tão potente, com perfis que merecem ser descobertos e até mesmo festejados por seus feitos e lições. Carlos Drummond de Andrade bem lembrou a complexidade humana: "dentro de mim, bem no fundo, há reservas colossais de tempo". Pois Luiz Almeida conseguiu ir fundo em cada perfil escrito, e trouxe à tona essas reservas colossais de cada entrevistado; usando para isso, toda a sua formação de psicólogo, além da experiência jornalística.

Antes de falar do que você vai encontrar nessa obra, deixe-me revelar um pouco daquele que a escreveu. Luiz Wanderley de Almeida Filho, assim como eu é carioca, e veio para o Maranhão em 1990. No Rio, ele foi produtor da icônica Rádio Tupi e foi lá que começou a escrever profissionalmente, mas de forma enxuta, para fins jornalísticos.

Já em São Luís, realizou diversas atividades, entre as quais, diversas campanhas políticas vencedoras, nas quais atuou como redator. E em meio a esse fazer jornalístico, eis que ele descobre uma nova paixão – a Psicologia. Foi estudar, e entrou de cabeça nos mistérios da mente humana, primeiro em busca de autoconhecimento, para aprender a dominar-se melhor. Depois viu o quanto é nobre ajudar outras pessoas a vencerem seus medos e traumas, e a serem mais felizes. Já psicólogo formado e especialista em dependência química, ele lança seu primeiro livro intitulado "Uma Mente Compulsiva", que veio trazer luz a tantas questões que perturbam milhares de pessoas.

Apaixonado pelo Flamengo, ele não apenas veste a camisa rubro – negra; mas segue o líder, literalmente! É daqueles que viaja para torcer pelo time, e assim já foi parar na no Uruguai, Rio de Janeiro, Brasília, até no Qatar entre outros. Jornalista, psicólogo e escritor ele se revela habilidoso nessas três áreas e nos presenteia agora com seu segundo livro "Perfis – Personalidades do Maranhão".

E que livro! Aqui estão revelados em um texto que mescla a descrição jornalística detalhada às provocações do autor em primeira pessoa – seria o psicólogo argumentando com o jornalista? O certo é que o resultado é um texto leve, prazeroso de ler, mas profundo em histórias de vidas, reveladas pelas vinte pessoas que passaram pelo seu escrutínio de alma, feito com maestria e muita elegância, pelo autor.

Posso adiantar que conheço todos neste livro, e admiro um a um, todos eles. Luiz Almeida "escalou" um time e tanto, de pessoas de gerações distintas, com bagagens diversas; mas todas admiráveis e inspiradoras. Winners, vencedores mesmo, todos eles!

Alguns já se foram, mas tiveram seu rico legado eternizado nesses perfis. São eles: Josilda Bogéa, uma amante da literatura e cujo caderno literário criado por ela no Jornal Pequeno, ainda hoje é editado. O querido produtor cultural Moraes Júnior, que ousou colocar São Luís na rota dos grandes espetáculos e peças teatrais; lotando teatros e formando diversas gerações de plateias. O empreendedor português Manoel Alves Ferreira, da Lusitana, um pioneiro desbravador do varejo maranhense, que inovou ao lado da esposa, a querida D. Rosalina e depois com os filhos construiu esse império. Uma marca tão forte que era sinônimo de verbo – fazer Lusitana – que aqui era sinônimo de ir ao supermercado. Há outra pioneira ilustre, a Dona Nina, culinarista talentosa, que implantou o conceito de cozinha industrial self-service na cidade.

E há também ricos perfis dos jornalistas – todos meus amigos e grandes profissionais – Zé Cirilo, o Sílvio Santos maranhense. Ademar Danilo, "pai do reggae no jornalismo" e agora à frente do Museu do Reggae. Minha querida colega de sala de aula na UFMA, Mônica Moreira Lima, que entre outras habilidades é uma brilhante entrevistadora e também locutora, apresentadora e escritora, além de mãe exemplar e uma irreverente sexóloga popular. O visionário radialista e locutor Léo Felipe, que além de uma linda voz, revolucionou o entretenimento com suas empresas, além de comandar a Rádio Mais FM.

Integram esse time líderes empresarias do mais alto valor como Carlos Gaspar – pioneiro empresário do ramo automobilístico, e também escritor e membro da Academia Maranhense de Letras; minha amiga Luzia Fonseca Helena Rezende – empresária e a primeira mulher a presidir a ACM-MA; assim como o empresário Sérgio Sombra, atualmente em cargos públicos, mas cujo sobrenome está associado à indústria da fotografia profissional no Maranhão; com lojas criadas pelo pai Sr. Sombra, que revelaram no papel, as memórias de diversas gerações, inclusive as minhas.

Já deu para sentir a riqueza de vidas, exemplos e lições que Luiz Almeida garimpou, lapidou e reuniu nessa obra? Pois tem mais... O coiffeur mega talentoso e ser humano gentil que é Décio Delamano; os representantes da área de saúde: A Profa. Rita Ivana que fundou o Instituto Florense para formar profissionais da área de saúde; o médico Phil Camarão e a Dra. Márcia Antunes, proprietária da Farmácia de Manipulação Facial.

Também escalados para revelar suas lições de vida o policial rodoviário federal que atua na comunicação da PRF, Antônio Norberto; e o cantor, compositor e pintor Betto Pereira, hoje radicado em Petrópolis (RJ) mas que garante que leva com ele o Maranhão e suas riquezas culturais para onde for....

E para a fechar essa escalação inspiradora, tem a história de vida que se confunde com a arte da gastronomia, de Célia Rossetti e a força empreendedora daquele homem que fez do sobrenome um ícone do fast food "made in Maranhão". Afinal quem não conhece em São Luís o Souza do Cachorro Quente? O que você não sabe, são os detalhes da vida desse guerreiro vencedor, reveladas aqui.

Um livro bom é aquele que revela um universo surpreendente e que nos deixa melhor ao findar sua leitura. O que dizer então, dessa obra produzida no mais nobre tear de palavras e sentimentos por Luiz Almeida, e que revela não um apenas, mas 20 exemplos de vida superlativos e inspiradores?

E permitam-me a modéstia de achar sim, também incrível, a nossa jornada – eu e minha irmã e sócia Danielle Vieira e a nossa empresa InterMídia Comunicação Integrada – também estamos nesse "dream team" de entrevistados. Abrimos nosso coração em uma conversa de mais de três horas com Luiz, e ficamos impressionadas como poder de síntese dele sobre a nossa história.

Como bem disse o magistral Machado de Assis: "Palavra, puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, uma revolução".

Luiz Almeida, do alto de seus 59 anos, realmente fez uma verdadeira revolução positiva e motivacional, ao mesclar pessoas, vidas, lutas e conquistas, sonhos e almas e unir tudo isso com seu texto leve e revelador.

Quantas vidas e sonhos cabem em uma só pessoa?

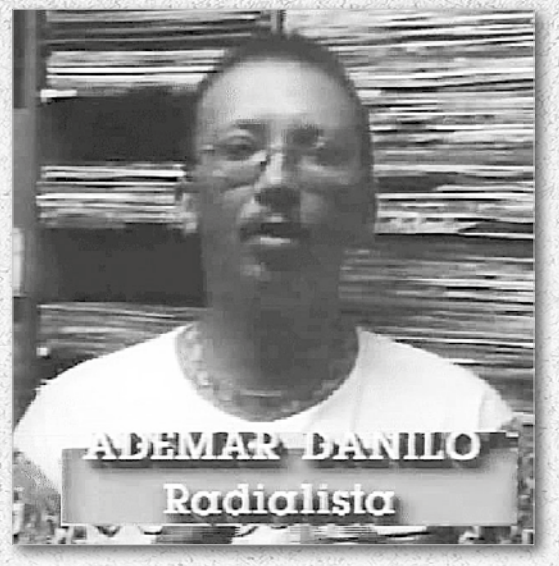
Leia os perfis aqui escritos por Luiz Almeida para descobrir.... Emocione-se sem moderação, e inspire-se com paixão!

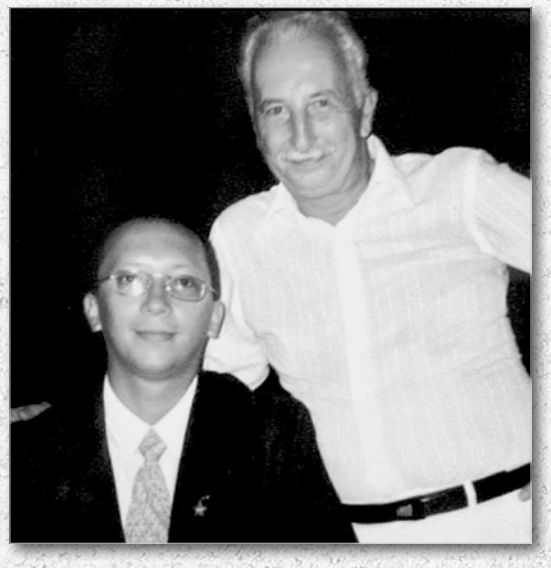
Adriana Vieira / Jornalista, Especialista em MKT e Relações Públicas, Consultora de Comunicação Corporativa e Gestão da Reputação, Sócia da InterMídia Comunicação Integrada e filha orgulhosa do seu Jorge e da dona Carmen.

Índice

ADEMAR DANILO 19
ADRIANA E DANIELLE 25
ANTÔNIO NOBERTO 35
BETTO PEREIRA 41
CARLOS GASPAR 51
CÉLIA ROSSETTI 57
DÉCIO DELAMANO 65
DONA NINA 69
JOSILDA BOGÉA ANCHIETA 73
LÉO FELIPE 79
LUZIA HELENA 87
SEU MANOEL DO LUSITANA 93
MÁRCIA MACIEL ANTUNES 99
MÔNICA MOREIRA LIMA 105
MORAES JR. 111
PHIL CAMARÃO 117
RITA IVANA 123
SÉRGIO SOMBRA 129
SOUSA DO CACHORRO QUENTE 133
ZÉ CIRILO 137

MUSEU DO
REGGAE
MARANHÃO


ADEMAR DANILO
Radialista



Bob Marley

Ademar Danilo: É "pedra de responsa"

Por Luiz Almeida

Publicado no Jornal Pequeno no dia 17 fevereiro de 2018

Hoje o local mais falado de São Luís é o Museu do Reggae. Exagero? Até a BBC de Londres, uma das maiores Redes de Comunicação do Mundo, fez matéria sobre ele. O Museu foi falado também na maior Emissora de Televisão do Mundo que é a CGTN – China Global Television Network – com 1 bilhão de telespectadores. Então, nada melhor que o nosso Todo Conceito Perfil de hoje seja com o seu ilustre diretor Ademar Danilo Santos Junior, mais conhecido como Ademar Danilo.

Quiseram os Deuses do Reggae que minha entrevista iniciasse de maneira bem diferente das outras. Meu entrevistado chegou um pouco mais cedo, mas pediu para eu esperar um pouco, pois tinha que resolver um assunto sobre a internet que precisa funcionar.

Legendas da esquerda para direita: 1. Museu do reggae; Museu Bob Marley, na Jamaica; 2. Entrevista ao programa "Documento Especial", extinta TV Manchete; 3. Com a camisa do Flamengo: 4. Lissandra Leite, sua esposa; 5. Discotecando por aí; 6. Na outra ponta, Ademar Danilo, seu pai (eu sou o Jr), jornalista e um dos fundadores da revista Placar; 7. Redação jornal O Estado do Maranhã; 8. Com os filhos queridos.

Ah, o título "Pedra de Responsa" é com base na expressão que ele criou quando queria dizer que a música era uma joia, uma pedra preciosa e o "responsa" surgiu na primeira chamada de Televisão sobre um show de reggae com o cantor Gregory Issaca em 1989.

Voltando ao início da minha entrevista. Ademar me convida para iniciar nossa conversa com um tour ao Museu do Reggae guiado por ele e, entre um dos convidados, estava Gabriel, proprietário do Toque de Amor, local que, no início do movimento Reggae aqui em São Luís, era um sucesso total na Ponta da Areia e, claro, faz parte do acervo do grande espaço da memória do Reggae.

Foi uma verdadeira aula que o doutor Ademar Danilo deu. Isso mesmo, doutor porque além de formado em Jornalismo, primeiro ele cursou a faculdade de Direito, não atuou, só um pequeno estágio, pois logo a Comunicação se apoderou dele e fez com que nascesse o grande comunicador e produtor que hoje ele é. E a população perdeu um advogado, mas ganhou muita festa e alegria.

Eu não acredito muito em coincidência e nem que os nossos destinos, o meu, o seu ou o dele, foram traçados na maternidade como disse Cazuza. Acho que é algo maior e se eu tentar entender e explicar não conseguirei. Por que estou escrevendo isso?

Como disse acima, minha entrevista começou com Ademar como guia da apresentação do Museu e durante o nosso bate-papo, descobri que seu primeiro trabalho remunerado foi de guia de turismo. Aos 14 anos, já falava muito bem inglês e a namorada do irmão mais velho, trabalhava numa agência de Turismo. Tinha chegado um navio de cruzeiro chamado Eugênio C da companhia Costa de Turismo à São Luís e ele guiou os turistas.

Hoje, toma conta de um Museu, que guia as pessoas em lugares por onde só elas podem percorrer na imaginação e viver momentos especiais. E, atualmente, Danilo faz um curso superior de Turismo. Seria o destino? Como disse Nietzsche que ele gosta muito de citar: "Tal é o destino que minha vontade quer". Talvez seja o destino que ele sempre quis: comunicar, explicar e ensinar.

O menino Ademar teve uma infância feliz. Nascido em Viana, veio cedo aos 3 meses para São Luís. Criado no bairro Ivar Saldanha também morou e estudou na Alemanha. Com o bom humor refinado e oportuno, brinca comigo e diz que apesar de ter morado e estudado na Alemanha não aprendeu nada de alemão. Caí na piada e, depois de saber que ele realmente falava do bairro da Alemanha em São Luís, caímos na gargalhada.

E agora. Quem veio primeiro? O regueiro radialista ou o radialista regueiro? O regueiro nasceu primeiro.

Sempre levava seus amigos ao Reggae e, entre eles, Celso Borges que, na época, era diretor da recém-criada Rádio Mirante FM. Inteligente e sagaz como Celso é, ao perceber esta excelente relação que Ademar Danilo tinha com o Reggae não perdeu tempo. Convidou imediatamente Danilo para montar um programa que ficou conhecido como Reggae Night.

Morria de vez a chance de um dia o doutor Ademar Danilo Santos Junior existir e nascia o grande comunicador Ademar Danilo.

Porém, como montar um programa nos meados dos anos 80 com pouco disco? O que poderia ser o seu primeiro obstáculo, foi de pronto resolvido. Pegou uns discos que tinha. E chamou um amigo paulista que trabalhava no Porto do Itaqui, pois sabia que ele possuía alguns outros discos de Reggae.

Adivinhe, nobres leitores, quem era esse paulista? Fauzi Baydon que criou a famosa banda Tribo de Jah. Um casamento perfeito. Afirmo sem medo de errar que foi o divisor de águas na promoção do Reggae em São Luís. Não acham?

O programa foi um sucesso total e como ele disse: "Em 3 meses, já tinha arrumado várias namoradas". E caímos na gargalhada mais uma vez.

A partir daí o homem não parou. São mais de 30 anos dentro do movimento reggae. Fez diversas festas e a primeira grande produzida foi Cobras do Reggae no ano de 1986 em parceria com o publicitário Joviano Furtado.

Hoje Ademar Danilo é uma marca e sei que, quando eu ler isso para ele, não irá concordar, mas não é por falsa modéstia, mas sim pela sua simplicidade.

Talvez ele se surpreenda quando ler, mas é a primeira vez que, de fato, falo pessoalmente com ele, porém Danilo tem uma energia tão boa, um magnetismo e um carisma, que, para mim, é como se fossemos amigos de longas datas.

Eu até já me sentia seu amigo, mas só agora o conheci de fato.

Ademar é um ser iluminado, de uma simplicidade incrível, consegue transformar o complexo em algo muito fácil de entender. Um homem, como se define, de multiversos que participa de diversos grupos sociais distintos.

Perguntei sobre uma música, ingenuidade minha, ele é homem de muitas músicas, tem essência musical e cita Nietzsche para resumir isso. "Sem música a vida seria um erro"

Muito culto e com um excelente papo, ele até acha que fala muito, porém o que ele diz está eivado de muita verdade e muito bem embasado. Profundo conhecedor, principalmente sobre o movimento reggae, mas fala de Filosofia, Artes, Política e outros temas com muita facilidade.

Conversamos sobre suas convicções políticas e comenta do seu momento como único vereador do PT de São Luís.

Deixa claro que é comunista, diz que leu e lê tudo que possa imaginar sobre o comunismo e me diz que consegue circular em todas as áreas, conversar com pessoas de diversos pensamentos (políticos, por exemplo), sem criar inimizades ou de querer prevalecer a sua ideia sem desrespeitar a dos outros, como quando foi vereador da capital maranhense.

Quando fala sobre isso, percebo algo muito interessante. Todo segmento é muito complicado de atuar, a tendência são os grupos de iguais serem desunidos, uns mais e outros menos.

Ademar, multifacetado, participa como disse de vários grupos, mas só para citar três segmentos: o da rádio, reggae e produção de shows, além da própria inveja natural que surge, são áreas que mexem com a vaidade. Percebi que ele é querido por todos, não gostar dele é o direito de qualquer pessoa, mas seria uma exceção e não regra.

O Ademar família é muito legal. Seus olhos brilham quando fala dos seus filhos. São 5 de 4 mães diferentes e ele diz logo: "todos são unidos e me dou bem com todas as mães deles". Aí sou eu quem faz a piada agora. O cara realmente é bom de fazer amizades, lidar com uma ex-mulher é complicado e conviver com 4 ex's na boa, não é para qualquer um.

O filho mais velho, Bruno Antônio de 32 anos, é defensor público. O segundo, Tainahakan de 29 anos, fez Educação Física, agora faz Biologia e é professor. O terceiro, Arthur Danilo, largou o Direito e Ciências Sociais que fazia em São Luís e foi em busca do seu sonho que é ser arqueólogo e estuda na Universidade Federal de Sergipe. A quarta é a única filha, Melanie de 20 anos, estuda Relações Internacionais na PUC (Pontifícia Universidade Católica) de Belo Horizonte e, o mais novo, Pedro Danilo que faz ensino médio tem 16 anos e é ator com 11 peças e um filme na carreira.

Ele se declara quando fala do seu grande amor por sua esposa, a jornalista Lissandra Leite, com que tem os dois filhos mais novos. Fala dela de forma muito carinhosa, apaixonada e diz que a tem também como sua grande amiga e mais uma benção de Deus na sua vida.

Uma mulher que o apoia em tudo e abraçou seus filhos como se fossem dela. Dá a base de que Ademar necessita para poder viver neste mundo de grandes atividades que participa.

Perguntei se tem um grande amigo. Na nossa entrevista, ele sempre deixou claro que foi um homem muito ajudado e nunca esteve só, porém neste momento falou de Mário Moraes, advogado, amigo de infância, padrinho da sua filha. Um amigo que sempre esteve ao seu lado, em momentos bons ou ruins.

É um homem que vive o momento atual para fortalecer o futuro, não se arrepende de nada, não sente tristeza e, quando aparece, é rápida. Faz o que precisa fazer no momento e não deixa para depois. É enérgico quando precisa ser, porém sem ser prepotente e sem diminuir o outro. Na nossa entrevista, manteve sempre uma serenidade, apesar de ser um vulcão preste a entrar em ebulição de tantas responsabilidades que tem.

Sua diversão é se divertir com seu trabalho. Ser diretor do Museu, por exemplo, é pura diversão. Num sábado de pré-carnaval, fui ao Reviver no Centro de São Luís, passei na porta do Museu do Reggae para tirar uma dúvida de uma música. Quem estava fazendo um tour com os turistas? Ademar, se divertindo trabalhando.

Foi proprietário de uma das mais importantes "Casas de Reggae" de São Luís, o Chama Maré,

e tem o programa África Brasil Caribe, na Rádio Timbira, de 10 às 12 horas de domingo.

Pedi para ele voltar um pouco no tempo e tentar passar para mim o que ele sentiu quando estava dentro do Museu do Reggae e viu tudo pronto. Disse: "PQP! Eu consegui montar isso", o palavrão na voz de Ademar Danilo soa como poesia, depois de tanto tempo, ter realizado um sonho, sonhado, magnetizado, de mentes abertas, como diz a letra do Samba Enredo da Vila Isabel de Martinho da Vila.

Ademar Danilo disse que tem um hino em São Luís do Reggae "Are you a Warriors?" cuja tradução em português é uma pergunta: "Você é um guerreiro?".

Você é um guerreiro sim, Ademar Danilo. Que conseguiu resistir à opressão, desigualdade, preconceito, repressão, descaso das autoridades em relação ao movimento reggae.

Você é um guerreiro sim. Que conseguiu montar unido a todos, um Museu que representa a vitória da luta e da mudança da atuação do Poder Público, que antes era de discriminação e hoje é de igualdade. Poder esse que hoje sabe da importância do Reggae para São Luís e o Maranhão.

Você é um guerreiro sim. Que conseguiu lapidar as pedras do seu caminho e se tornou bom filho, amigo de todos, pai amoroso, esposo grato, profissional respeitado e tudo mais que você é e quiser ser.

Você é um guerreiro sim! Pois muitas pedras irão surgir. Serão pedras brutas que você lapidará para que virem uma joia rara, que brilha e reluz.

Por isso, o título deste perfil Ademar Danilo é "Pedra de Responsa" que foi pedra e no balanço do reggae foi virando joia e hoje, como joia vem lapidando várias pedras como o nosso Museu do reggae que também é "Pedra de Responsa". Obrigado, Ademar Danilo, pela oportunidade.

PRÊMIO

Prêmio
ABERJE

Mulher de
Negócios

Intervida

Celular

WORLD
COMMUNICATION
FORUM IN DAVOS

Adriana e Danielle: com amor se constrói uma vida

Eu, às vezes, fico me perguntando de onde tiro algumas ideias e como consigo concebê-las. Resolvi fazer o perfil de duas pessoas ao mesmo tempo, num único texto, de duas irmãs vencedoras e que são um exemplo de que é possível trabalhar com irmãos e obter êxito.

Nossa conversa durou quase 3 horas, demorou pra acontecer. Ou eu tinha problema de agenda ou eram elas que o tinham. Tiveram momentos que elas estavam cheias de trabalhos (quando não estão?) e outra que eu me preparava para viajar. Depois entraram de férias, pegaram covid, mas, enfim, aconteceu.

Adriana Vieira é seu nome profissional. É jornalista, professora, empresária, com diversos cursos, empreendedora, sonhadora e por aí vai. Adriana trabalhou em afiliadas do SBT, na TV Globo, Alumar, na Suíça, estudou no exterior e tem muita coisa para estudar, pois ela não para.

Danielle Vieira Domingues, empresária, formada em turismo, pós-graduada em comunicação e gestão de empresas, com diversos cursos, foi professora de inglês assim como Adriana, trabalhou numa das melhores agências de turismo do Maranhão e também não para de se atualizar.

Legendas da esquerda para direita: 1. Adriana e Danielle recebendo o Prêmio Aberje; 2. Danielle Vieira recebendo o Oscar da Comunicação; 3. família) As irmãs Adriana e Danielle com os pais Joaquim Jorge (*in memorian*) e Maria Carmen Vieira; 4. Adriana e Danielle com o Prêmio Sebrae Mulher de Negócios 2015; 5. augusto) As sócias com o cliente Augusto Miranda, CEO da Equatorial Energia; 6. Em Paris, Adriana Vieira foi palestrante do Fórum Women International em 2019; 7. Adriana e Danielle com Tony Bellotto (Titãs) em evento realizado por elas; 8. amazonia celular) Dos jobs da Amazônia Celular: O Pres. Marcos Aurélio Oliveira, Joãozinho Trinta e Adriana Vieira; 9. Adriana Vieira com o guru de RP Paul Holmes, no Forum Mundial de Comunicação em Davos na Suíça.

Quando iniciamos nossa conversa, Adriana, a mais falante, começou contando sua história de vida e sua trajetória profissional. Um detalhe: se você não é bem resolvido e tem problema de baixa autoestima é melhor não conversar com ela, pois a riqueza de conteúdo e de vida que essa carioca/maranhense tem é de deixar qualquer um que tenha problema muito mal.

Quem não é bem resolvido pode achar que seja arrogância dela, mas longe de ser. É a vida dela. E graças a Deus sou bem resolvido (risos).

Apesar de conhecer Adriana há uns 30 anos, não sabia dessa riqueza de conhecimento que ela demonstrou a cada fala em nossa conversa.

Descobriu que era comunicação que queria fazer. Estudou na UFMA e, antes mesmo de chegar no 8° período, já estava fazendo estágio numa emissora de televisão de São Luís. Como sabia o que queria, sempre percebeu as oportunidades e procurou agarrá-las.

Danielle ficava calada, ouvindo de forma muito compenetrada tudo que sua irmã falava. E, no final de toda conversa, quando lhe perguntei uma pessoa da comunicação que admira, ela me respondeu que, para ela, sua irmã Adriana é um exemplo de profissional da comunicação.

Não tem nessa parceria a cabeça ou a que é melhor, não é banda de rock em que o vocalista é o líder. Realmente elas se completam. Quem olha de fora talvez ache que existe uma melhor, mas eu descobri que o sucesso depende dessa união, dessa sintonia.

No silêncio, que fala muito sobre a Dani (gosto de chamá-la assim), ela sabe que uma não vive sem a outra.

Existe uma frase do senso comum que sociedade é mais difícil que casamento, pois na união marido e mulher, tem amor e na sociedade não tem. Se faz sentindo não sei, porém, no caso das duas irmãs, tem muito amor nessa construção de sociedade.

Esse amor foi cultivado e nasceu na infância. Apesar da pequena diferença de idade entre as irmãs, Adriana teve primeiro contato com o amor, e depois que Dani nasceu, ela também começou a beber nessa fonte de amor.

Seus pais, em especial seu pai Joaquim, já falecido, foi o grande líder, de fato, dessas duas mulheres. Não estou deixando de lado a importância da mãe dona Maria Carmen, cujos nomes significam "senhora, soberana" e "poema" respectivamente, pois a união dos pais era um exemplo vivo de que com amor se constrói uma vida.

Adriana viveu um momento no Rio de Janeiro onde seu pai a levava para lugares de extrema beleza e que a definiram com uma criação lúdica (gostei), dentre eles estão: Parque Lage, Jardim Botânico, museus, teatros. E isso, com certeza, fez com que ela cultivasse o prazer pelo saber. Pelo descobrir.

Como a vida me ensinou, vamos ficando mais velhos e mais humildes, alguns pioram (risos), mas eu não. Adriana citava lugares, autores de livros, expressões em inglês que eu não sabia, além dis-

so não conhecia os lugares e nem os autores que ela citou. Perguntei todos, anotei, e, em breve, irei lê-los. Citou um em especial: "Biblioteca da Meia Noite" de Matt Haig e traduzido por uma Adriana, só que com o sobrenome Fidalgo (olha aí outra Adriana aparecendo, acho que ela não sabia disso).

A "Biblioteca da Meia-Noite" é um romance incrível que fala dos infinitos rumos que a vida pode tomar e da busca incessante pelo rumo certo. A história das duas seguiram rumos diferentes, mas talvez o amor entre as duas será sempre o rumo certo.

Quero mais uma vez chamar a atenção para o silêncio da Danielle, um silêncio que "falava" muito – isso é coisa de psicólogo (risos). Lembra que falei da importância do amor e também de algo que aprendi com a vida.

Uma boa sociedade é de um complementando o outro. Se os dois vendem muito, não terá ninguém para entregar os pedidos, ou se os dois são mais administradores, não haverá vendas. É assim que percebo as duas. Uma complementa a outra.

Adriana começou a trabalhar cedo e já fazia faculdade de jornalismo, durante uma greve na UFMA (que durava muito tempo), foi trabalhar como secretária bilíngue no exigente setor de engenharia da Alumar.

Como ela também é exigente, as coisas foram indo bem. Lá ela fez amizades e começou a dar aulas de inglês para outros executivos da empresa. E, em virtude do padrão Adriana de eficiência, foi convidada para ser efetivada no cargo de secretária bilíngue, mas, como teria que largar a faculdade de Jornalismo, resolveu não aceitar.

Porém, ela aproveitou essa amizade com os profissionais que precisavam aprender inglês. Adriana, montou, num ambiente da casa dos seus pais, uma mini sala de aula com cadeira, quadro (lousa) e passou a ganhar dinheiro com isso. O mais importante: mais uma vez teve o apoio do pai e também ganhou um dinheirinho o que não faz mal a ninguém.

O pai sempre ensinou as duas a voarem, mas a Adriana não tinha muita tendência a criar raízes (até demorou para comprar seu apartamento aqui), já Dani é pé no chão, no estilo risco calculado, observa as coisas e depois dá o xeque-mate.

Adriana trabalhava na Difusora de São Luís e encontrou em Ivan Renato, profissional que cuidava das afiliadas da Rede Globo, uma grande amizade. Ela fez de tudo nas emissoras, atuou como jornalista em São Luís (TV Cidade, TV Mirante e TV Difusora nessa ordem) foi repórter, produtora, apresentadora, editora e vendedora do programa independe que criou o Video Art.

Cobriu política no Bom Dia MA e testemunhou o momento que a Aids surgiu, o que a levou a fazer entrevistas com doentes terminais em uma série especial do programa Studio 10 da Mirante.

Dani interrompe e pede para ela falar do Programa Video Art, porém ainda tinha uma história antes. Adriana havia recebido uma proposta para trabalhar numa emissora em Fortaleza com um

bom salário e prestigio, porém os chefes daqui fizeram de tudo para que ela ficasse na Difusora, além de melhorar os ganhos, deram um espaço para ela montar um programa seu, assim surgiu o Video Art.

Ah, começa aí a primeira parceria entre Adriana e Dani. Danielle que já estava trabalhando e se sentindo realizada, fez pós-graduação pela Uni-GranRio, foi professora de inglês na escola Pink and Blue e trabalhou nas agências de turismo Sunset e Baluz com as quais viajou para diversos países. Foi produtora na TV Difusora no Programa Vídeo Art. Naquela época, ser produtora não era o mesmo que é hoje. Por favor, não estou desmerecendo o trabalho desses profissionais de agora, porém não tinha Google, Facebook, Instagram, era tudo na agenda. Uma agenda de produtor valia ouro.

Lendo assim, parece loucura, mas o tempo mostrou que valeu a pena.

Danielle foi de porta em porta. Foi a bares, restaurantes, procurou artistas e os cadastrou para que, quando fosse necessário, tivesse os contatos para possíveis matérias com eles. Pensava numa matéria, precisava de um local e de um artista, Danielle já sabia o lugar certo e o contato certo.

Ah, não posso esquecer que Dani fez intercâmbio nos Estados Unidos e morou com uma família americana pela qual ela sente muita gratidão e com quem ainda mantém contato.

Lembra do silêncio da Danielle? Ela é de falar pouco, mas quando fala todo mundo para para ouvir, pois ela dá o equilíbrio nessa parceria. Adriana sonha e Dani vai ver se esse sonho é viável ou não. Alguns até são factíveis, outros são puro impulso e energia da Adriana. Como num dia em que Danielle viajou e Adriana resolveu reformar o escritório da InterMidia – é o nome da empresa delas.

Quando Dani chegou de viagem, achou lindo, mas foi direto ao computador ver o saldo, saber se tinha dinheiro para cumprir os compromissos, pois ela não gosta de dever ninguém, mas também não gosta que devam a ela.

Adriana fez essa pequena, ou grande sei lá, estripulia financeira para felicitar a Dani quando chegasse. Legal, não fez para si e sim para a sócia irmã. Passado o susto, Danielle gostou.

Um avião, mesmo o mais potente e seguro do mundo, pode levar você a qualquer lugar, mas se não existir a pista de pouso e a de decolar, não adianta nada. Essa parceria é assim.

Ei, voltemos ao Programa Video Art. Adriana era a responsável, não apresentava, mas tinha de cair em campo para vender e Dani na produção. Na produção independente em televisão de cidade pequena, a gente faz de tudo um pouco, inclusive cobrar.

Mais uma mudança iria surgir na vida de Adriana. O jornalista da Rede Globo Ivan Renato surgiu novamente e a convidou para trabalhar como jornalista, não em uma afiliada Globo, mas na própria Rede Globo na unidade de São José do Rio Preto.

Imagina, uma mulher jovem com uma vida estabelecida em São Luís, tendo sucesso na sua área, morando com os pais, decidir largar tudo para se aventurar numa cidade de São Paulo. É uma decisão difícil. Difícil para quem não sabe o que quer, difícil para quem é um barco a vela sem vela, à mercê do vento. Para Adriana foi apenas pensar, conversar com seus familiares, em especial seu pai, e partir.

Viveu momentos de grande experiência, fez de tudo um pouco, até cobrir jogos de futebol do América de Rio Preto e o famoso time de Basquete de Jales, além de matérias da região rica em pecuária e agricultura, arte e cultura. O sonho dela era ser vista pela Globo, partir para trabalhar, por exemplo na Globo São Paulo, e hoje ser uma Fátima Bernardes e Renata Vasconcelos (detalhe sou eu que estou dando essas mulheres como exemplo, não ela), mas todas as que citei começaram de baixo.

E a Dani, ficou em São Luís, responsável pelo Programa Video Art. Não foi fácil, pois sua parceira havia ido embora, com a benção dela também. Porém com muita garra, talento e determinação continuou.

Estava chegando o aniversário do programa. Danielle e sua equipe resolveram fazer um show para comemorar com artistas e fazer essa surpresa para Adriana que estava em São Paulo e viria para a festa.

Elas pediram pra não citar esse acontecimento, vou respeitar o nome da pessoa envolvida, mas pedir para jornalista guardar informação é complicado, como não estávamos em terapia, vou contar sem citar nome.

O evento estava um sucesso. Um certo diretor da emissora em que trabalhava, pediu 50% da bilheteria.

Ora bolas, o programa ela dela, dado pela empresa, não existia uma ajuda, pois tudo era responsabilidade da Danielle e ele ainda queria metade do resultado da festa. Típico daquela época ter profissional como esse.

Deu tudo certo, mas depois do evento, Danielle foi ao tal diretor, deu o que cabia a ele, mesmo de forma injusta, mas também entregou o programa dizendo que não faria mais. Lembra da Dani calada ouvindo a Adriana falar comigo? Ela fala na hora que precisa e fala mesmo. Ética e criação familiar fizeram com que ela não se misturasse com esquemas.

E a nossa nômade Adriana, que estava sempre com as malas "prontas", como um piloto de avião preparado para assumir um voo se for chamado, já está tudo pronto. Opa, não é que o pai dela era piloto de avião. Será genético. Precisamos estudar isso (risos).

Tudo indo bem em São José do Rio Preto, apartamento montado, caminhando do jeito que ela queria, no entanto tem sempre um "porém". Apareceu uma oportunidade de ir para Suíça, uma amiga a convidou para fazer um trabalho de consultoria de um mês para um evento internacional de uma grande universidade (a ETH – Escola Politécnica de Zurich) que iria realizar

o primeiro congresso mundial de Nanotecnologia e precisava mapear empresas e instituições da América Latina, ficando Adriana a cargo desse trabalho numa época em que não existiam redes sociais nem Google.

Não foi pelo dinheiro, talvez um pouco também, mas seria outro desafio. O que vocês que estão lendo acham que ela fez? Foi! Se mandou pra Suíça, porém o trabalho foi realizado com a qualidade Adriana de fazer. Ela acabou sendo convidada a ficar mais tempo, ganhando em franco suíço o que trabalhando no Brasil levaria uns 2 anos para ganhar.

Aceitou o convite, mas como é profissional, primeiro se abriu com o chefe da Globo sobre seu desejo de ficar na Suíça após as férias devido a essa excelente oportunidade. Ela era muita querida na empresa e por ele que de forma bem tranquila apoiou a decisão e resolveu o problema, até porque a Globo da cidade estava sendo vendida. Ele então conseguiu desligar Adriana sem grandes problemas.

Por telefone, entregou o apartamento alugado e montado. Os amigos encaixotaram tudo, deixaram as caixas na casa de uma amiga e ela ficou na Suíça. Chato ficar na Suíça e ganhando franco suíço? (risos)

Importante citar que, em nenhum momento da nossa conversa, vi as duas fazerem alguma crítica por quaisquer das decisões que tomaram, principalmente as que Adriana tomou. No início, citei que essa união foi construída na infância e fortalecida na vida. Então! É assim: se quer, vou apoiar.

Dani continuou sua vida na área do Turismo, dando aula de inglês, casou, hoje tem dois filhos e sua vida foi caminhando. Acho que no mesmo estilo que ela completa sua irmã, ela o faz em sua família. Uma mãe amiga, companheira, tem um casamento de mais de 20 anos e confessou que seu esposo é seu grande companheiro, mas quando tem de colocar as situações nos seus devidos lugares todos param para ouvir. Firme nas posições que são importantes serem tomadas por todos.

E Adriana na Suíça? Foi convidada a ficar e trabalhar no evento que ela ajudou a montar, porém ela já tinha comprado um passe de trem para viajar, conhecer a Europa. Com dinheiro no bolso, a jovem desbravadora foi conhecer vários países.

Um belo dia, quem resolveu voltar a São Luís? Nossa Cidadã do Mundo. E com toda expertise conquistada, sentiu a necessidade de desenvolver um trabalho por aqui.

Surgiu a oportunidade de criar uma empresa na área de comunicação e Adriana juntamente com as amigas jornalistas Elvira Fecury e Márcia Campos criaram a InterMidia. Eu sempre achei que tivesse sido ela e a Danielle.

As coisas foram acontecendo, trabalhos surgindo, consultorias. Ainda tinham as pessoas constantemente confundindo uma empresa de comunicação integrada com uma agência de publicidade, mas com muita luta e tempo, essa mentalidade mudou, novos empresários também chegaram com uma visão diferente.

Num desses projetos a empresa foi convidada para fazer uma palestra na Associação Comercial do Maranhão a convite do presidente da época, Afonso Manoel. O tema era como os empresários deveriam lidar com a imprensa no momento de dar entrevista na tv e outras relações com as mídias.

Deixando "a vida me levar" bem ao estilo da música de Zeca Pagodinho, mas não na segunda estrofe "Vida leva eu", pois ela sempre quis ficar na comunicação.

Quis o destino, o acaso ou o universo – escolha você mesmo – que, na plateia, estivesse o engenheiro Maurício Macedo que era Gerente de Meio Ambiente e Relações Públicas da Alumar. Ele fez um convite para que ela fosse trabalhar nessa grande empresa como funcionária efetiva no cargo de analista de relações públicas. É o padrão de qualidade Adriana de ser.

Aceitou e ficou quase três anos lá, com um bom salário e benefícios, trabalhar na Alumar valorizaria seu currículo por ser uma empresa desejada. Com um emprego, salário maravilhoso, ela se aposentaria lá, fazendo carreira na empresa com muito sucesso. Você faria diferente? Ela fez!

Nesse momento a mão, da irmã amiga, mais uma vez apareceu. Dani entrou na InterMídia nessa época e ajudava no atendimento aos clientes da empresa, não como sócia ainda.

A incansável Adriana trabalhava manhã e tarde na Alumar e à noite na InterMidia, porém, com o excesso de trabalho e cansaço, ficou difícil conciliar quando as duas sócias começaram a seguir outros caminhos e optaram por sair da sociedade amigavelmente.

O que aconteceu? Adriana então abriu mão do emprego da Alumar e partiu para assumir a InterMídia convidando Danielle para ser sua sócia. O término com as outras sócias foi tranquilo e uma nova fase da empresa surgia.

Detalhe muito importante que ela me contou: "Mas saí da Alumar com um contrato, e como terceirizada ajudei a implantar e coordenar o programa social Junior Achievement que a empresa promovia para fomentar a educação empreendedora entre jovens. Era um contrato da InterMídia junto à Alumar".

Se eu começar a escrever sobre a InterMídia dá um livro, pois a história de superação pela qual a empresa passou, seria muito importante registrar. Quem sabe um dia. Porém o que as duas fizeram e fazem até hoje nesse mercado faz parte da história da comunicação do Maranhão.

Elas ajudaram a construir marcas importantes, como a Amazônia Celular, grande cliente que elas tiveram por dez anos enquanto a empresa existiu. Além da divulgação, elas eram responsáveis por todas as ações promocionais da marca, como aquelas que ajudaram as pessoas a se familiarizarem com a recém-lançada telefonia celular e seus novos serviços como voz e dados. Sim, elas literalmente ajudaram a fazer essa história da telefonia celular no Maranhão. Outros clientes importantes e queridos foram a Dalcar Veículos, a Cemar, hoje Equatorial Energia, além de mui-

tas outras marcas, personalidades, profissionais, pequenas e grandes empresas, dentre tantas outras que elas assessoram hoje. Sei que elas cuidam das empresas que são suas clientes.

Não perguntei, mas acredito que foram dezenas de empresas, shows, personalidades que tiveram sucesso pelas mãos delas. Tenho muito orgulho de vivenciar esse crescimento e ser amigo das duas. Se uma sociedade é difícil, porque não existe amor. Nesse caso, há muito amor. As duas são sinônimos de responsabilidade, qualidade, de serem incansáveis para atender e surpreender seus clientes.

Luiza Trajano tem uma frase que pra mim define um bom trabalho: "comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível e, de repente, você estará fazendo o impossível." Elas fazem o impossível para cuidar dos seus clientes.

> **"Vocês duas são únicas, corpo, mente e espirito.**
> **Vocês duas são únicas, construíram uma vida.**
> **Você duas são únicas, uma não existe sem a outra.**

Tem um trecho de um poema de Carlos Drummond de Andrade que ele fala de amor do qual gosto muito: "Há vários motivos para não se amar uma pessoa e um só para amá-la". Elas não têm motivos para não se amarem e é por causa desse amor único entre as duas que elas conseguiram se tornar um sucesso.

Obrigado pela oportunidade de escrever sobre vocês duas.

PRF

PRF

NOBERTO

Melhores do Ano Literarte - Just the
Quem aparece por aqui!
LITERARTE

Antônio Noberto: uma história de paixão por São Luís

Publicado no Jornal Pequeno no dia 13 de janeiro de 2018

Estamos de volta com este nosso trabalho de contar um pouco da vida de pessoas que fazem a história do nosso Maranhão. Acredito muito que devemos nos movimentar para conquistar o que desejamos e deixar que as coisas de Deus vão se encaixando neste processo. Não foi por acaso, mas, de muito procurar, encontrei o nosso primeiro perfil, desta nova série que é nada mais, nada menos, o turismólogo e historiador Antônio José Noberto da Silva. É um perfil onde escrevo sobre Antônio Noberto.

É muita ousadia da minha parte, escrever sobre um imortal, membro fundador da Academia Ludovicense de Letras (ALL), onde ocupa a cadeira número 1, eleito presidente com 90% dos votos.

Legendas da esquerda para direita: 1. em evento na Universidade PRF. UNIPRF em Santa Catarina; 2. quase 28 anos de PRF sendo mais de 20 anos na comunicação ; 3. no Congresso Nacional em Brasília, como assessor parlamentar da PRF; 4. viagem de pesquisa à São Miguel das Missões/RS; 5. membro do Conselho e 2º vice-presidente da Cruz Vermelha no Maranhão ; 6. em frente ao Forte de Santo Antonio, onde estava a exposição França Equinocial, Melhor evento cultural voltado para os 400 anos de São Luís ; 7. em noite de gala em Búzios/RJ, recebendo o troféu Monteiro Lobato na categoria Melhores pesquisadores do Brasil; 8. turistando com a filha em Natal/RN; 9. momento caseiro com a Mel, uma dog alemão. A paixão de Noberto é por São Luís e também por plantas e animais.

Nasceu em Pentecoste, no Ceará, e quando fala da cidade, ele diz quantos km tem de distância até a capital, sua localização geográfica precisa, onde é a entrada, se é pela direita da estrada ou esquerda.

Durante o nosso bate-papo, esta forma de localizar um fato ou um lugar foi uma constante. Sua precisão para datas, nomes e localizações é surpreendente.

Noberto teve uma infância simples. Aos 5 anos já vendia tomate. Teve que lidar cedo com a morte do pai e graças às suas duas irmãs, dos seus nove irmãos, que já moravam no Maranhão, o estado ganhou de presente este cearense-ludovicense, com título de cidadão e tudo mais que tem direito.

Sempre estudou em escolas públicas, era um aluno do estilo normal, perto da capacidade que é hoje e sempre ficava entre os 10 da classe. Hoje, sem medo de errar, fica fácil entre os primeiros de qualquer lugar.

Apesar de ter que trabalhar muito cedo, o que muitas vezes faz com que uma criança amadureça muito rápido, ele ainda lembra com carinho das suas brincadeiras de rua: patinete de rolimã e de pegar uma lata, colocar areia, fazer dois furos, amarrar um barbante e puxar como se fosse um carrinho, conhecido como rodo.

No atual momento do país, nem este tipo de brinquedo as crianças têm, pois elas estão tentando é sobreviver. Só para você entender. Cerca de 50 milhões de brasileiros vivem na linha da pobreza, o equivalente a 25,4% da população. Os dados foram divulgados no final de dezembro de 2017, no Rio de Janeiro, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e fazem parte da pesquisa Síntese de Indicadores Sociais 2017 – SIS 2017.

Noberto aproveita este momento que falo da pobreza e traça uma relação da nossa colonização e o momento que vivemos. Ela não nos ofereceu muito e tudo se torna caro, não só financeiramente, mas em vários aspectos, como na educação.

Cita o exemplo da Argentina colonizada pelos espanhóis, com um IDH 0,80, que mede a qualidade da saúde, educação, longevidade e renda. Eles têm universidade desde 1500 e a nossa primeira seria de 1901 mais ou menos.

Neste ponto ficou bem claro, para mim, esta posição dele em relação à nossa colonização e como poderia ter sido melhor. Defende de forma bem clara e embasada que, se tivéssemos sido colonizados pelos franceses, seria melhor. O bom é que, mesmo com este posicionamento, não age com uma visão de militante radical de achar que o seu pensamento é melhor, certo ou superior ao outro.

Procura abrir sempre um canal de discursão para o contraditório e isso faz de Antônio Noberto uma pessoa boa para conversar e debater ideias.

Ao participar de um debate de alto nível sobre a fundação de São Luís com a historiadora professora Maria de Lourdes Lauande Lacroix, mostra

o que disse acima. Tiveram momentos eletrizantes, mas, ao final, o conhecimento trocado entre eles foi de grande importância e o grande vencedor foi o público presente.

Ouvir o mestre Antônio Noberto falar é algo encantador, cada fala sobre a história do Brasil, do Maranhão e de São Luís, sobre os séculos XVIII, XIX, XX e XXI, é um verdadeiro deleite. Ele tem uma facilidade de relacionar acontecimentos passados com os atuais de forma impressionante, levando o ouvinte a viajar em pensamentos e se ver nos locais dos quais Noberto falou.

Resolvo perguntar qual o seu primeiro livro e autor, e ele responde Júlio Verne, um francês, como não poderia deixar de ser, e a "Viagem ao Centro da Terra".

Júlio Verne escreveu obras de aventura e ficção científica que influenciaram gerações.

O que Noberto faz hoje, com o seu saber, e sua forma de expressar, é o que Júlio Verne fez nos seus livros: levar-nos a imaginação de como foi, como poderia ser e como é nos dias de hoje.

Não tem ficção, pois ele usa a ciência, fruto de muita pesquisa, e passa os seus conhecimentos de uma forma que motiva a imaginação das pessoas e aguça a curiosidade delas.

Ele consegue que formem a sua própria leitura sobre os acontecimentos e posicionamentos que Noberto apresenta com a liberdade de concordarem ou não.

Um intelectual como poucos que já entrevistei, consegue traduzir numa linguagem simples, sobre tantas informações importantes com valor histórico, de fácil entendimento e compreensão. Ele não intelectualiza a informação, simplifica-a sem torná-la simplória.

Quando perguntei se não morasse em São Luís, onde gostaria de morar, Antônio Noberto não fez média, do tipo: não consigo me ver morando em outra cidade. Diz que moraria na Serra da Ibiapaba em Viçosa, no Ceará, porém a paixão por São Luís é tão grande, que na cidade tem um pouco da história do Maranhão.

Os franceses antes de fundarem nossa capital, saíram de onde hoje é o bairro do São Francisco, em São Luís, e foram para Viçosa.

Antônio Noberto atualmente trabalha no Policia Rodoviária Federal (PRF) e quando acabo de escrever onde ele trabalha me vem à mente uma relação interessante: policial rodoviário, estrada, pessoas viajando, Júlio Verne, sonhar, imaginar, desbravar lugares que contam a nossa história, franceses em São Luís, ou seja, até como profissional rodoviário, com perdão do trocadilho, as estradas dele se cruzam sempre.

Na PRF, ele é responsável pelo setor de comunicação cuja principal função é lidar com jornalistas e parlamentares. Entre os profissionais do jornalismo, ele é uma unanimidade, pois todos gostam dele.

Sempre gentil e solícito, está pronto para passar as informações diariamente sobre tudo que

acontece nas estradas federais e estaduais que cortam o Maranhão.

No grupo de Whatsapp de que participa, bem cedo já tem notícias, pois, para quem não sabe, ele acorda todos os dias às 5:30 da manhã e costuma dormir lá para meia noite, ou seja, o homem não para, só em sinal fechado para dar o exemplo.

Num momento da nossa entrevista, pergunto sobre algo que marcou muito sua vida nas rodovias e ele se emociona ao falar que foi um acidente aqui no Maranhão, onde uma família morreu dentro do veículo e uma criança de mais ou menos 4 anos, sentada na cadeirinha, morta com o pescoço quebrado.

Mas imediatamente contou outro caso engraçado, pois, para um homem com tamanha energia boa, ele não deixa a tristeza tomar conta durante muito tempo.

Foi de um motorista que chegou e pediu para que eles aplicassem uma multa qualquer. Ele perguntou o motivo deste condutor querer uma multa, já que não fez nada. E, de pronto, vem a resposta da figuraça: "É que ele tinha dito para a mulher que havia viajado e não viajou. A única prova seria uma multa na estrada". É óbvio que ele não foi multado e deve ter tido um grande trabalho para convencer a esposa que fez a tal viagem.

Apesar de já saber alguma coisa sobre este projeto que o historiador tem, fico surpreendido ao conhecer mais detalhes. Ele é o idealizador do passeio turístico musicado no cemitério do Gavião, "Cemitour do Gavião", que apresenta a história do Maranhão a partir das personalidades que estão enterradas no Gavião.

Eu não sei você nobre leitor e leitora, mas, eu tenho uma grande fascinação por cemitérios onde personalidades estão enterradas. E quando comento que amava visitar um dos mais importantes cemitérios do Rio de Janeiro e até mesmo do Brasil, o São João Batista, me surpreendo mais uma vez. Ele cita algumas personalidades que estão enterradas lá, diz que já visitou o cemitério e pasmem, também visitou mais de 23 Estados e outros países, pesquisando as personalidades que estão enterradas para seu livro sobre o turismo no cemitério. Genial a ideia.

Vou citar alguns túmulos e cemitérios visitados: São João Batista Santos Dumont, Clara Nunes, Carmem Miranda, o cemitério do Catumbi no Rio de Janeiro, Catulo da Paixão Cearense, Chiquinha Gonzaga. Na França, o cemitério Père-Lachaise, Simone de Beauvoir, Jean Paul Sartre, Alan Kardec e Chopin.

Independente de religião e apenas falando do lado espiritual, Noberto está no lugar certo, fazendo o que deve ser feito. Talvez um resgate seu dentro do resgate da história do Maranhão em especial de São Luís? Talvez, quem sabe?

O certo que este ser humano especial, culto, sem o pedantismo de muitos, comove e empolga a todos com sua fala. De família humilde, soube reverter esta situação e se transformar num homem que conta a história de São Luís e que passa a fazer parte também desta história que é e será contada por outros, dizendo que

um dia existiu em São Luís, um cearense, pra lá de ludovicense que ousou contrapor a relação benéfica que poderia ser nossa Ilha do Amor se fosse colonizada pelos franceses em relação a que foi pelos portugueses.

Pode se dizer que lembra também a luta que a França teve quando resolveu fundar São Luís, criou a escola onde indiozinhos e francesinhos estudavam no mesmo banco. Não é isto que Antônio Noberto faz? Não é mostrar numa exposição, a França Equinocial e a importância dela para nossa capital, no Forte Santo Antônio, e dividi-la com todos independentes de raça e religião.

A grande diferença de Noberto e os franceses que lutaram em São Luís é que ele não perdeu a guerra, pelo contrário, a cada dia que conta uma história ele vai vencendo pequenas batalhas.

Um sonhador sim! Um realizador sim! Mas, acima de tudo, um apaixonado pela nossa história que está sempre acesa, como uma paixão deve ser, quente, vibrante, intensa, a paixão de um modo geral tem tempo de validade, mas a paixão de Noberto por São Luís não vai acabar nunca.

Obrigado ao cearense Antônio Noberto é o que os ludovicenses deveriam dizer sempre. E obrigado pela honra e ousadia de escrever sobre você.

Betto Pereira, levando a sua verdade pra quem quiser receber

> "Quero que você me leve
> Pro espaço reggae, comece a dançar
> Toque de amor ao som da tribo de jah"

Iniciando com esses versos da música Toque de Amor, quero levar você para um espaço especial da história desse homem das artes: músico, instrumentista, cantor, artista plástico e que consegue se manter levando a sua essência, sua arte e, acima de tudo, essa sua verdade para todos. Com um o toque de amor no ritmo de muita verdade. Escrever sobre Betto Pereira é muito gratificante para mim. Quando cheguei a São Luís, a música Toque de Amor foi minha trilha sonora e de repente, de fã, que assistia ao seu ídolo nos vários recantos de São Luís, hoje, escrevo um pouco sobre ele. Sem falar que é praticamente a primeira vez que converso com Betto.

Legendas da esquerda para direita: 1. O jovem Betto; ; 2. Betto e Alcione; 3. Betto em show; 4. Buscando inspiração no Reviver; 5. Betto e seu violão; 6. Rose Carvalho e Betto; 7. Flamarion, Camila Ávila, Henrico e Ana Alice; 8. Alcione, Nonato Buzar, eu, João do Vale é Gilberto Gil.

Ah, é bom avisar. Esse texto não segue em nenhum momento uma linha cronológica e sim uma linha inspiratória, onde os acontecimentos aparecem no momento que escrevo.

E por falar em Betto com dois tês, não teve nada a ver com numerologia, foi pura inspiração do artista, porém, um dia ao receber no seu atelier um numerólogo, que comentou sobre o motivo do Betto com dois tês, resolveu fazer uns cálculos e no final disse que estava certo e foi muito bom colocar Betto Pereira com dois tês, artista é isso, cria e nem sabe porque criou. Arte não se explica, se entende como os olhos de quem vê.

Nosso papo ou resenha que virou moda, foi via Zoom, ele entende pouco de tecnologia e eu menos ainda, mas no final deu certo.

Alberto Henrique Pereira, o nosso Betto Pereira, vem de família simples, criado pelo seu Henrique funcionário do antigo INPS (hoje INNS) e pela dona Elza, os dois já falecidos, porém presentes na vida de Betto, na formação moral e com o DNA musical do pai, que tocava violão e era um mestre como contador de piada.

Betto cedo foi morar em Brasília, quem diria, na capital no Brasil e no ano de 1964, pois seu pai como servidor público foi transferido. O menino Beto, ainda com um t, nem imaginava que estava entrando no meio do furacão que seria o início da ditadura militar. Período esse que causou tanta dor para nós brasileiros. Apesar de que hoje uma minoria que vive numa bolha, tenta justificar que não houve ditadura. Talvez por gostar de terceirizar seus erros.

Mas voltemos ao Betto que retornou para nossa Ilha do Amor, adoro chamar de Ilha do Amor, para morar no bairro Curupira, atrás do Costa Rodrigues, não sei se entendi errado ou seria Rua Curupira, não sei. Porém, foi lá que começou a surgir o músico Betto, já assumi o Betto com dois tês que roubava o violão do irmão e já era um músico famoso na cidade, participante de banda. O irmão que brigava muito com Betto, pois ao mexer no instrumento tirava toda a formatação musical que o irmão gostava de usar.

Ah, preciso retomar ao seu período em Brasília, mas retomarei a vida do adolescente aqui na nossa São Luís. Menino pobre, de vida simples, de poucos brinquedos, conseguiu junto com o irmão uma bicicleta, mas não era uma bicicleta, era a carcaça do que fora um dia uma bicicleta, porém isso não abalou a vida de Betto.

Começaram a montar essa bicicleta. Um dia comprava a roda, semanas depois outra roda, pedais, aros, banco (antigamente era selin) e, no fim, os "engenheiros" ciclistas terminaram o veículo de duas rodas passeando pela Asa Norte.

Como muita alegria ele me contou de como foi divertido, ainda criança, poder pedalar nas ruas de Brasília, conhecendo lugares, cantos e recantos, como um menino passarinho com vontade de voar, como diria Luís Vieira.

Apesar da nossa distância, ele em Petrópolis e eu em São Luís, através da plataforma Zoom, eu sentia a energia e alegria que ele me contava essa sua relação com a bicicleta.

O nome da sua exposição de 2019 foi as Bikes de Betto lançada no Espaço Betto Pereira. Em 2014, foi convidado para fazer a exposição "Pedalando Cores" no Museu nacional de Belas Artes, com a curadoria de Carlos Dimuro, que é um dos maiores curadores da arte plástica do Brasil. Explicar a criação tentando definir de onde vem é impossível. A bicicleta de Beto virou as Bikes do Betto.

Iberê Camargo tem uma frase que define bem essa relação do artista plástico Betto com sua bicicleta:

> "A arte é intemporal, embora guarde a fisionomia de cada época".

E o bairro da Currupira? Vamos retomar

Ele estudou nas escolas Ateneu, Rubem Almeida, Escola Modelo, Zoé Cerveira e jurou de pé junto que era um bom aluno, comentou que às vezes pulava o muro do Ateneu pra jogar bola, mas que o encontro com a música, com certeza, deu mais certo.

Seu primeiro emprego foi como continuo na Febem, antiga Fundação do Bem Estar do Menor, pois casou cedo e por isso, precisava trabalhar.

Em seguida, foi promovido a datilógrafo (caso você não saiba que profissão é essa, fique sabendo que naquela época era muito importante saber usar uma máquina de escrever, caso não saiba também o que é máquina de escrever, dá um google que entenderá, risos).

Cedo um jovem Betto, ainda na adolescência teve sua primeira experiência num cabaré. Calma aí, como músico. Ele tocava no sugestivo nome – Os Irmãos Brothers – que, entre outros lugares, tocava em cabaré.

É bom citar que ele convivia nos lugares onde nada mais, nada menos, circulavam Ferreira Gular, Nauro Machado, Bandeira Tribuzzi, Alcione, entre outros notáveis expoentes da nossa literatura e da música brasileira.

Tentar colocar um marco inicial de quando o nosso entrevistado iniciou na música é cometer uma injustiça, pois por ter um pai tocador de violão, com certeza, no ventre da mãe ele já sentia os acordes do violão do seu Henrique.

E por falar de pai passando arte para o filho, Betto tem 5 filhos, Ana Camila de 40 anos que é fotógrafa, Arthur de 34 anos que também é fotógrafo, Barbara de 32 anos que é Bacharel em Arquitetura, Débora de 24 anos e também fotógrafa e Lara que, aos 17 anos, é artista plástica.

Quando fala a idades dos filhos dá uma boa gargalhada e diz que o tempo passou e que está ficando velho. Não é você quem está velho, são eles é que estão ficando velhos (boas risadas).

Ele tem também um grande amor da sua vida, ouso dizer que ultrapassa o amor pelas artes, sua mulher Rose com quem tem uma relação de mais de 20 anos. É no "colo" da Rose e nos abraços dos filhos que ele encontra a tranquilidade necessária para criar. E até fez uma música pra ela. Inspiração divina e segue um trecho.

> "E desse amor lilás
> Agora assina
> Minha obra prima
> Nem Renoir nem Monet
> Meu bem
> Minha Monalisa
> Nem Rodin nem Dali
> Minha inspiração divina"

Viver de arte nesse Brasil, da Cultura como um todo é muito difícil, pois não é algo que vem de berço valorizar. Quem nunca ouviu alguém falar que "jogar tinta num quadro eu também sei fazer".

Conheço pessoas que gastam fortunas na compra e reforma de um apartamento, mas não tem quadros de pintores maranhenses importantes. Pais que levam seus filhos a Disney, nada contra, mas nunca levaram um filho a um museu. Viver de Cultura nesse país não é fácil.

Por isso foram incontáveis os nãos que Betto recebeu na vida, mas uma coisa que me chamou a atenção é que, em nenhum momento da nossa conversa, ele se lamentou, vitimizou, mostrou rancor ou falou mal de alguém. Na vida de Betto não tem retrovisor pra se lamentar do passado, tem espelhos laterais, pra olhar quando precisa mudar a rota.

Depois de uma carreira consolidada como músico, ele foi atender a inspiração que pulsava dentro de si, que é a pintura. Não foi por achar que o ciclo como músico acabou e precisava tentar outra coisa ou mesmo se reinventar, foi a arte batendo firme no seu coração, pedindo passagem para que ele, como instrumento, deixasse ela fluir.

Muitas pessoas criticaram, julgaram, não acreditaram nesse seu talento que pedia passagem. Muitos nãos e muitas chacotas (essas ditas às escondidas, pois os covardes só se expressam às escondidas), foram poucos que o apoiaram e acreditaram, porém como diz um dos versos da música Epitáfio.

> "O acaso vai me proteger
> Enquanto eu andar distraído
> O acaso vai me proteger
> Enquanto eu andar"

O acaso protegeu. Nosso artista teve um problema de vesícula e foi obrigado a fazer uma operação, ele confessou que é muito medroso em ir a hospital e imaginar fazer uma cirurgia. O médico orientou que ele ficasse pelo menos 15 dias em repouso, pós-operatório, porém o medo (ou o acaso) fez com que ele ficasse uns 40 dias.

Betto nesse tempo pintou uns 48 quadros, que ocupava o corredor inteiro de sua casa. A vesícula foi, mas a pintura iniciou (risos).

Dentro da sua simplicidade, do reconhecimento de ser um instrumento, sem a vaidade de achar que é o cara, levava suas telas para emoldurar na loja do Beto Lima e ele nem imaginava, que podia vender uma pintura sem precisar moldura, e detalhe: não assinava!

Beto Lima olhava a tela e ficava apaixonado querendo saber quem era esse pintor e o nosso artista falava que as telas eram de um amigo. Um belo dia, Betto resolveu assinar e o Beto Lima brincou dizendo que estava sendo enganado o tempo todo. Poxa, eu, Luiz, que tantos quadros emoldurei na loja no Beto Lima, não tive a chance de ver um de Betto daquele período. Mas e agora, o que fazer?

Como diz esses versos de Gilberto Gil o cantor e compositor que mais Betto gosta.

> Andá com fé eu vou
> Que a fé não costuma faiá
> Andá com fé eu vou
> Que a fé não costuma faiá"

E a fé não 'faiô' para Betto. Essa fé que é um sentimento total de crença em algo ou alguém, ainda que não haja nenhum tipo de evidência que comprove a veracidade da proposição em causa. Essa fé sempre existiu em Betto.

Um dia estava ele no Reviver vendo algumas coisas e, de repente, bateu aquela vontade de ir a uma papelaria. Nela estava um amigo e que o apresentou Carlos Dimuro, que como citei no início do texto, é um dos maiores curadores do Brasil e muito importante no exterior.

O amigo falou quem era Betto, artista, compositor, cantor, com mais de 40 anos de trabalho e também artista plástico. Fez o acaso ou a fé que Betto estivesse com um livreto de suas obras impressas.

O experiente curador pediu para olhar e ficou encantado com o trabalho. Queria ver as obras pessoalmente e Betto explicou onde elas estariam expostas.

Betto é um otimista, porém dessa vez ele deu uma diminuída no otimismo, ou também pela experiência de tantos 'nãos' e ficou imaginando o que um curador como ele iria visitá-lo, numa galeria e num Shopping não muito conhecido. Talvez, a fé tenha balançado um pouco. Naquele momento Betto levemente pode ter perdido a fé, mas Gilberto Gil é bem claro nesses versos:

> "Mesmo a quem não tem fé
> A fé costuma acompanhar
> Oh! Oh!
> Pelo sim, pelo não"

Pelo sim, pelo não, a fé acompanhou e o Carlos Dimuro apareceu. Ficou encantado com o trabalho, conversaram bastante e, ao final, deixou um cartão e fez um convite para que Betto o procurasse no Rio de Janeiro, pois existiria muitas chances para ele lá. E como Gil escreveu:

> O melhor lugar do mundo
> É aqui e agora
> O melhor lugar do mundo
> É aqui e agora"

E o agora de Betto, e o melhor lugar do mundo, era no Rio de Janeiro. E foi, com a cara, coragem, com fé, com sua verdade e deixando o acaso o

levar. Já foram mais de 20 exposições e uma delas no Museu Nacional de Belas Artes. Vou citar algumas personalidades, pois são várias que têm uma obra de Betto Pereira no seu acervo. Fátima Bernardes, Ana Maria Braga, Fernanda Montenegro, as saudosas Marília Pera e Bibi Ferreira e muito mais.

Vocês que estão lendo devem estar me perguntando e a história da música dele? Teria que ser um livro a parte, mas vou tentar apresentar algumas referências que marcaram seus 40 anos de história.

Aos 15 anos, já se apresentava em festas e bares, participou de grupo de chorinho, criou um instrumento chamado guitavago (uma espécie de guitarra com cavaco), ganhou o samba enredo de 1980 da Flor do Samba e recebeu outros diversos prêmios. Colocou 4 mil e 500 pessoas no antigo Espaço Cultural que era utilizado só por artista famosos vindos de fora.

Tem influência musical no bumba meu boi, tambor de crioula, reggae, chorinho, Paulinho da Viola, Beatles, Elton John e Gilberto Gil com teve a honra de dividir o palco.

Cantou em cabaré, cantou no Circo Voador, na Fundição Progresso, ou seja, sempre foi onde o publico estava.

Tocou, cantou e fez musica com tanta gente e se faltar alguma a culpa é minha e não dele. Alcione, César Teixeira, Zeca Baleiro, Josias Sobrinho, Godão, participou do Grupo Rabo de Vaca, com Josias, Zezé Alves, Manoel Pacifico, Jeca, Tião Carvalho, Baixinho, Mauro Travincas, Omar Cutrim, Chico Maranhão, Erasmo Dibel, Beto do Cavaco, Carlinhos Veloz, Flávia Bitencourt. Acompanhou como instrumentista Dona Ivone Lara, Moreira da Silva, Xangô da Mangueira, Cristina Buarque, Miucha. E são tantos que peço perdão por não conseguir escrever, mas ele é eternamente grato.

É muito difícil, pelo menos para mim, escrever sobre um ídolo, alguém que com sua arte, marcou a minha chegada nesta cidade há 30 anos. Betto é simples, humano, amigo, brincalhão, mas sério quando precisa ser, principalmente no lado profissional. Bom pai, esposo, amoroso e cuidadoso. Dentre muitos amigos que citou, um me chamou a atenção, Mauro Travincas que Betto diz ser muito feliz de tê-lo como amigo.

O que deixa Betto triste, além das mazelas que vive o Brasil, é não ter tinta pra pintar, é o puro amor pela arte. Betto é como um trecho do samba-enredo 'Um sonho, sonhado' do Marinho da Vila.

> "Na limpidez do espelho só vi coisas limpas
> Como uma lua redonda brilhando nas grimpas
> Um sorriso sem fúria, entre réu e juiz
> A clemência e a ternura por amor da clausura
> A prisão sem tortura, inocência feliz"

Não existe arrependimento na vida de Betto, é ganhar e ganhar, perder é questão de interpretação. Até poderia ter seguido outro caminho de sucesso, mas é grato a este caminho que construiu com muito esforço e com a ajuda de Deus.

Betto é um ser livre, que através da sua arte leva a sua verdade, verdade essa que é divida com todos, mesmo com aqueles que ainda não conseguem ter a sua verdade, mas que, com a arte de Betto, seja na pintura ou na música, conseguem ter inspiração pra construir a sua própria verdade. O seu próprio caminho de luz. O seu sonho sonhado.

Muito emocionado, termino agradecendo você, Betto, por essa oportunidade, e escrevendo sobre você, descobri a minha verdade que é escrever.

Umas pinceladas com Betto Pereira:

Nome – Alberto Henrique Pereira.

Nome artístico – Betto Pereira.

Profissão – Músico, cantor, compositor, artista plástico.

Infância – Ele e mais 3 irmãos, infância simples.

Signo – Leão.

Acredita em que? Em Deus.

Cidade onde nasceu? São Luís.

Casado? Casado com Rose.

Filhos? 5 filhos.

Onde foi criado – Morou uns anos com os pais em Brasília e depois retornou a São Luís.

Família – Meu tudo, porto seguro, minha força e inspiração.

O que gostava de fazer para se divertir na infância – Jogar bola, mas cedo já queria a música, até por ser autodidata, a música sempre falou mais alto.

Um acontecimento marcante na sua infância – Andar de bicicleta na Asa Norte em Brasília.

Pai – Seu Henrique que tocava violão, marceneiro, eletricista e que gostava de ouvir boa música.

Mãe – E dona Elza mulher que sempre deu muito amor.

Como foi sua adolescência – Tocando violão, principalmente o que eu roubava do meu irmão, que ficava zangado, para tocar.

Estilo de música que ouvia na época – De tudo um pouco, toadas, músicas de Paulinho da Viola, Gilberto Gil, Beatles, Elton John e muita gente boa.

Amigos importantes na adolescência – Foram tantos, mas tenho um grande carinho por Mauro Travincas.

Onde estudava – Ateneu, Rubem Almeida, Escola Modelo e Zoé Cerveira.

Início da vida adulta – Fui trabalhar cedo, pois casei. Trabalhei na Febem, Maratur, onde fiz muitas amizades importantes pra minha carreira.

O que gostava de fazer – Música.

A Cultura na sua vida – Passa pela minha história de vida. Da força dos tambores da música do Maranhão.

Um sonho – Viver do que faço.

Um amor – Rose, minha família.

Uma saudade – Dos meus pais;

A pintura na sua vida – É mais uma forma de expressar a minha verdade.

O que marcou sua carreira profissional? Uma temporada de 60 shows pelo Maranhão com minha banda.

Sua primeira música? Amor de Canela, parceria com Manoel Pacífico e a gravação de "Massaroca", meu primeiro LP.

Seu primeiro show? No bar Cabeça de Peixe na Camboa.

Seu primeiro quadro? Pintei em São Paulo, quando morava ainda no Morro do Querosene, para descolar uma graninha para o rango.

Um grande cantor? Vários, Gilberto Gil é um deles.

Um grande pintor? Muitos, Cosme Martins, Péricles Rocha, Beto Lima, Mondego, Jesus Santos e outros.

Se voltasse no tempo mudaria alguma coisa? Não olho para trás, não me arrependo de nada.

O que é o passado? A minha história.

O presente? É hoje, fazendo o que gosto de fazer.

Como você acha que as pessoas veem você? Simples, sem frescura, muito profissional, corajoso e sério, apesar de ser brincalhão também.

Como você vê o futuro? Menta sã, cabeça boa.

O que mais deixa te triste? Não ter tinta pra pintar.

Quem espera sempre alcança? Comigo não tem essa, vou à luta.

Um país fora o Brasil? França, Nova York.

Uma cidade fora São Luís? Brasília, Betto mora no Rio de Janeiro, na bela cidade de Petrópolis.

Quem é Betto Pereira? Um homem trabalhador e que leva a sua verdade através da arte.

HOMENAGEM ESPECIAL

LAVRA
Carlos Gaspar
Conto
13
Contos

Carlos Gaspar

Publicado no Jornal Pequeno no dia 04 de setembro de 2009

Carlos Tadeu Pinheiro Gaspar, 69 anos, nascido em Viana, Maranhão. Um homem que venceu e, como poucos, sabe usufruir dessa vitória com equilíbrio e serenidade. Para muitos, vencer é o reconhecimento material, mas para ele não é só isso. É saber que hoje venceu, pois tem um casamento de 45 anos, uma filha que é sua paixão, seus momentos com os amigos e poder fazer uma coisa que ama muito: escrever. O dinheiro? É importante, mas não ao ponto de modificar a essência do homem e isso ele não deixou acontecer. Carlos Gaspar nosso Foto Digital desta semana.

Enfim consegui minha matéria.

A entrevista estava marcada para depois das 10 horas da manhã, da última terça-feira. Cheguei às 11 horas, um pouco atrasado o que não é normal, pois sou pontual. Tenho certeza que fui perdoado, ele já havia marcada outras e teve que transferir.

Surpreendi-me ao encontrá-lo sentado no salão de vendas, bem na entrada conversando com os vendedores. Logo descobri que é um dos grandes motivos que o anima a vir trabalhar: o contato com seus funcionários.

Legendas da esquerda para direita: Da esquerda para a direita 1. Com o vereador Pavão Filho quando recebeu uma homenagem da Câmara Municipal de São Luís pela sua relevância participação como fundador da FIEMA; 2. No seu aniversário de (não fui autorizado falar rss), porém, malandramente pediu para colocar 30 anos na vela; 5. Homenagem do Tribunal de Justiça pelas mãos do Desembargador Lourival Serejo; 6. Num momento que mais faz Carlos Gaspar feliz é passear na sua biblioteca; 7. Com um dos seus livros Conto; 8. No seu local de trabalho.

Fomos para sua sala, bem simples, sentamos em sua mesa de reunião. Seus móveis são do estilo clássico que o acompanham há algum tempo e é um bom ambiente para se trabalhar. Como um bom homem de negócios foi dele a primeira pergunta. "Quanto vai custar a matéria?". Dei um sorriso tímido e respondi que não cobro para fazer isso e que se tivesse preço seria a honra de entrevistá-lo. Ali acho que comecei a tomar conta da minha matéria.

Aproveitei o embalo e iniciei minha conversa com ele. Carlos Gaspar é casado com Paula Gaspar há 45 anos e fala isso com muito orgulho. Tem uma filha, Socorro Gaspar e ao falar dela seus olhos brilham, pois para ele é seu grande amor. Sua família como ele mesmo define: "sem ela me sinto perdido", é sua força e sua base e neste ponto o empresário se transforma e fica emocionado. Não perco tempo e pergunto quando começou a trabalhar e me surpreendo mais uma vez: Carlos Gaspar iniciou sua vida de trabalho aos 10 anos no armazém de secos e molhados do seu pai, Armando Gaspar.

Mas quem acha que ele falou isso triste, enganou-se. Ele tem muito orgulho disso tudo. Acordava cedo, chegava às 6h da manhã, dava uma parada para o almoço e só terminava de trabalhar às 19h. Fazia o trabalho de serviços gerais: limpava chão, carregava sacos, atendia ao público e tudo que fosse preciso. O salário era de 400 mil réis, talvez um salário mínimo na época. Ele usava para comprar os produtos de necessidades básicas pessoais, pois como já trabalhava só recebia casa, comida e roupa lavada do seu Armando. Sábias criações daquela época.

Em cada palavra sobre negócios o seu pai aparece. Ele foi na vida de Carlos Gaspar muito mais que o pai, ele foi, acima de tudo, sua referência, professor e sua estrutura moral. Foi com ele que aprendeu a negociar, entender sobre finanças e com quem teve a melhor experiência de sua vida. A confiança depositada no jovem Carlos que, aos 25 anos, passou a ser sócio de fato da empresa junto com seu irmão, Raimundo Gaspar.

São Luís crescia e aquele jovem que começou aos 10 anos trabalhando em serviços gerais, aos 25 anos já era técnico em contabilidade, formado em direito, história e geografia. Vivia para o trabalho no armazém na Rua da Estrela, fazia negócios e nem imaginava que seu mundo ainda nem tinha começado.

Um momento importante na vida profissional de Carlos Gaspar foi a compra da indústria de óleo babaçu. Seu pai, conservador, achava que vender a amêndoa ainda era o melhor caminho e ele vislumbrou que produzir o óleo, apesar do custo do investimento, seria melhor. Não deu outra, Carlos Gaspar estava certo.

Ele não teve a opção de escolher em ser empresário. Seguiu com obediência e aprendeu a amar o mundo dos negócios. Claro que a situação da família de já possuir uma empresa acabou levando Carlos Gaspar para este caminho.

Mas foi seu pai o grande incentivador para que ele fizesse o curso de direito e, caso o mundo dos negócios não tivesse se apresentado, talvez o Maranhão hoje tivesse um magistrado, pois isso poderia ter sido uma opção dele.

Chegou o momento que ele precisava seguir seu caminho profissional sozinho. E seguiu. Claro não deve ter sido fácil, mas tinha que seguir. Porém, sua estrela brilhou, a compra da Volkswagem 1978 mudou a cultura do empresário Carlos Gaspar. Ele que só enxergava o limite da Praia Grande indo em direção ao interior, de repente, começou a ver um mundo novo. Viajar e conhecer novos projetos foram um divisor de águas na sua carreira. Com a criação da Auvepar surgia um novo empresário. Não mais aquele dos secos e molhados. Surgiu o Carlos Gaspar que precisava aprender sobre outra forma de negociar e entender outras pessoas. Como consumiam e todo um processo de produção até entrega de um carro. Num momento difícil e de muito experimento, diferente do mercado de hoje que as facilidades são grandes. E ele teve que reaprender e conseguiu.

Mas o que leva uma pessoa que já conquistou tudo o que podia conquistar continuar a trabalhar? Ele responde com uma simplicidade assustadora: "vontade de ser útil ainda". Ele gosta de manter contato com seus funcionários que estão com ele há anos e isso enriquece sua vida. Tive a ousadia de perguntar se ele se achava pão duro e de forma tranquila respondeu. "Não, tenho tudo do bom e do melhor na minha casa e em minha vida" e eu entendi. Carlos Gaspar não faz o estilo empresário hollywoodiano e estrela fashion. Não é consumista do padrão que se vê hoje em dia. Gasta sim, mas nas suas viagens, mora bem, come do melhor e não precisa contar para ninguém. Não vive abastecendo a curiosidade de muitos e a vaidade de alguns que acham que vencer é sinônimo de aparecer. É um intelectual, culto, adora ler, e também não precisa contar para ninguém. Tem vaidades sim: de levar seus amigos em casa para conversar, falar de literatura, comer algo gostoso, mostrar seus livros e isso do jeito dele é saborear seu sucesso. De ser um homem reto que chegou onde está e pode andar de cabeça erguida. Ele tem esse direito.

Muitas vezes provoquei uma resposta mais dura dele, porém seus comentários nunca foram pessoais, sempre eram análises do geral. Ele é ponderado e pensa muito antes de falar. Porém não o julguem apenas por este jeito manso de falar. Quando necessário, ele é capaz de dar um soco na mesa e, se for para dizer um desaforo, ele diz.

Falo sobre política, se ele poderia ser candidato ou se teria coragem de iniciar um novo negócio. E tenho uma aula de sensatez. "Sei o meu real tamanho. Para política não estou mais na idade e para iniciar um novo negócio o mercado está mais agressivo e não teria condições de competir". E sobre política lembro uma frase de Eça de Queiroz, o autor do primeiro livro que leu e acho que talvez ele pense assim: "Os políticos têm todos a mesma política".

No final, eu que conhecia de longe o empresário, acabei descobrindo muito mais. O marido orgulhoso do casamento que tem, o pai que tem na sua filha uma grande paixão. Um homem de 69 anos que em dezembro fará 70 e que ainda se emociona ao contar dos seus feitos no início da carreira. Conheci o empresário e empreendedor que foi capaz de obter sucesso ao apostar na fábrica de óleo babaçu numa época em que os filhos não ousavam teimar com os pais. Do visionário que percebeu 31 anos atrás, no automóvel e

hoje é uma realidade. O escritor que já publicou 5 livros com que acaba de publicar: a vida do imortal senhor Antonio Lobo. Acima de tudo, o ser humano que venceu, e conseguiu, apesar de tudo, o que poucos conseguem: ter amigos de verdade.

Carlos Gaspar consegue viver uma vida rica material, mas nunca de ostentação. Tem a sensatez de saber o seu real tamanho e também da sua importância como homem na sociedade. De ter me dado a oportunidade de fazer essa matéria. E termino com um pensamento de Abílio Diniz que para Carlos Gaspar é um dos maiores empresários do país. "Quando olho para trás e analiso minha vida, acho que ela pode ter sido tudo, menos normal e monótona". Este pensamento poderia ser de Carlos Tadeu Pinheiro Gaspar, o Carlos Gaspar da Auvepar.

Um negócio com Carlos Gaspar

Nome: Carlos Tadeu Pinheiro Gaspar.
Idade? 69 anos.
Dia e mês que nasceu? 5 de dezembro.
Signo? Sagitário. Acredita? Há certas coincidências.
Cidade onde nasceu? Viana-Maranhão.
Casado? 45 anos com Paula Gaspar.
Filhos? Uma. Socorro Gaspar.
Quando começou a trabalhar? Aos 10 anos.
Qual foi seu primeiro emprego? De serviços gerais no armazém do meu pai, Armando Gaspar, na Rua da Estrela.
Quando descobriu que era isso que queria? Não tive opção, foi natural.
O que faz nas horas livres? Ler, escrever, ver TV com minha família.
O que não pode faltar na sua mesa? Papel, caneta e uma máquina de calcular.
Um lema de trabalho? Trabalhar com resultado.
Pessoas importantes? Minha filha, meu pai, minha mulher e meus irmãos.
O que representa a sua família? A minha segurança. Sem minha família eu me sinto perdido.
Seu grande amor? São dois: minha filha e minha esposa.
Saudade de alguém? Dos que já morreram: meu pai, minha mãe Conceição de Maria, meu irmão mais velho José Gaspar.
O 1º negócio a gente nunca esquece? A compra da fábrica de óleo.

O 1º carro a gente nunca esquece? Um Fusca 1960.

O 1º cliente a gente nunca esquece? Esqueci o nome, mas foi uma senhora na época da Auvepar. No armazém tiveram muitos.

Um bom empresário é aquele que...? Trabalha com vista no futuro e com honestidade.

Um bom carro é aquele que...? Não dá problema.

Qual foi o 1º livro que leu? Foi de Eça de Queiróz.

O senhor é mais escritor ou um empresário? Sempre fui um empresário escritor.

Por que comprar um Kia? É a melhor marca e mais moderno.

Uma alegria no trabalho? Minha equipe de funcionários. Entrosamento com os empregados.

O que nunca beberia? Cachaça.

O que nunca comeria? Rã.

Tem pretensões políticas? Não, mas já tive na área executiva.

Se voltasse no tempo mudaria alguma coisa? Entraria para magistratura.

O que nunca esquece? Meu pai.

O que é o passado? Um mestre que você não é obrigado a seguir todas as lições.

O presente? Um presente de Deus.

O futuro? Só a Deus pertence.

O que mais marcou sua carreira? Entrar na área de carros.

O que mais deixa o Carlos Gaspar triste? Decepções.

É supersticioso? Um pouco.

Acredita em quê? Em Deus e no destino.

Quem espera sempre alcança? Nem sempre.

O mercado de carro hoje é profissional? Tem que ser profissional, o amador está fora.

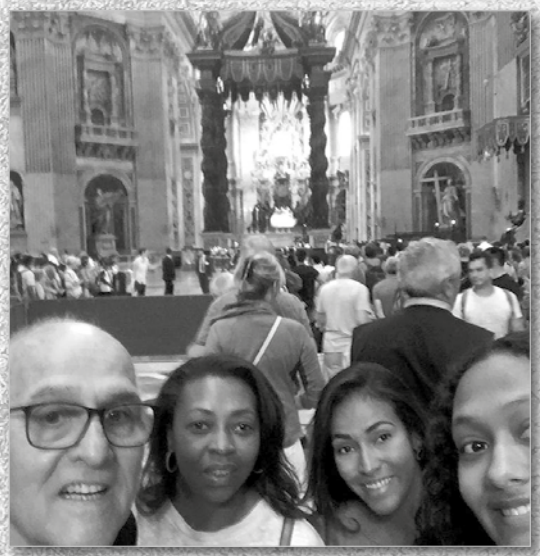
Como você analisa a concorrência de um modo geral? Saudável, com algumas exceções.

No conceito de marketing a venda é a necessidade das empresas e o marketing do cliente. O senhor acha que alguns empresários ultrapassam este conceito de venda voltada para empresa e esquecem totalmente o cliente? Esquecem e acabam querendo vender a qualquer custo.

Abriria um negócio novo? Sei meu real tamanho. Tem que conhecer muito do negócio e o mercado está cada vez mais agressivo.

Um grande empresário no Brasil? Abílio Diniz.

SIMPLICITY
IS THE ULTIMATE
SOPHISTICATION
LEONARDO



DAM
DOUMÀ

Célia Rossetti: da necessidade até a paixão pela gastronomia

Saí da entrevista com a Célia e não via a hora de chegar em casa e escrever meu texto. Logo no primeiro contato telefônico (só pra matar a saudade quando se falava contato telefônico), pois foi mesmo pelo Whatsapp, percebi que minha escolha foi acertada.

Célia foi extremamente receptiva, pois, mesmo sem me conhecer, aceitou contar um pouco da sua rica história pra mim. Ela começou a mostrar a receita do sucesso (com o perdão do trocadilho) que eu iria descobrir no final, quando perguntei seu endereço: "moro na Ponta da Areia". Não seria um problema, mas ela mora na famosa Península e, em nenhum momento, encheu a boca pra falar isso. Comecei a perceber a primeira característica da minha entrevistada. Simplicidade.

Dentre muitas entrevistas e perfis que fiz na vida, aprendi que pessoas que adquiriram sua independência financeira com muito trabalho, não ostentam o que tem, são gratos e isso percebi na Célia e sua família. São gratos por tudo que conseguiram, inclusive os insucessos que sempre existem na vida dos vencedores.

Legendas da esquerda para direita: 1. Com sua mãe Sabina Santos; 2. Com o esposo Adolfo Rossetti; 3. Sua família filha Sofia Rossetti, esposo Adolfo Rossetti e a outra filha Sara Rossetti; 4. Adolfo, Célia , Sara e Sofia no Vaticano; 5. Célia ministrando aula em um festival; 6. Célia; 7. Fazendo no festival das tulhas; 8. Ministrando aula; 9. Na minha cozinha do restaurante.

Apesar de ser um belo e grande apartamento, me senti a vontade conversando com ela, como se tivesse na casa simples que ela foi criada em Bacabal, sua terra natal, casa essa que Célia tem o orgulho de dizer que, quando sua vida melhorou, pôde reformar do jeito que a mãe sempre sonhou.

Por falar em mãe, dona Sabina, teria de fazer um capitulo a parte, pois é a grande paixão da vida dela. Uma mãe que a escolheu como filha, pois, na verdade, ela era sua avó e ensinou tudo de importante que se deve ensinar para uma filha, para que se torne uma mulher forte e vencedora.

Deu certo, dona Sabina, que a criou como quebradeira de coco e, naquela época, já emponderava a filha ao falar que uma mulher precisa de trabalho. Interessante, ela poderia falar de ter um esposo, mas não; de ter um trabalho.

Dona Sabina que gostaria de ter conhecido, onde quer que a senhora esteja, seus ensinamentos fizeram Célia uma vencedora. Mulher, preta, que não foi criada pela mãe biológica, sem o pai próximo, criada num ambiente extremamente simples e que lutou muito pra vencer preconceitos sempre de cabeça erguida.

Célia nasceu em Bacabal, teve uma infância tranquila e muito cheia de religiosidade. As festas que participava eram a do Divino, quermesse e todas as festividades que a Igreja Católica apresenta. E ainda hoje é a religião que pratica.

O que move essa mulher é a paixão, isso mesmo, em tudo que falava percebia que Célia tem como ingrediente principal da sua via a paixão.

Eternamente apaixonada pela mãe, casada com Adolfo Rossetti, um italiano extremamente educado, uma paixão de mais de 30 anos de casado. Adolfo que deixou seu país apaixonado pela Célia e veio morar em São Luís.

Paixão pelas filhas, Sara e Sofia, que a enchem de orgulho, por sinal extremamente educadas. Sara é o braço direito da mãe na empresa e ela torce em silêncio que a Sofia seja o braço esquerdo dela um dia, porém respeita e apoiará toda a decisão tomada por ela. Respeito ao que os outros pensam é outra característica da Célia.

Paixão pela gastronomia, pela profissão, por tudo o que faz. Comida sem paixão, é uma comida sem alma, é assim que Célia sente. Não tem como entregar um alimento se você não for dentro dele e isso ela sabe fazer muito bem.

Quando pergunto qual a profissão da moradora da Península, ou melhor, da Ponta da Areia, ela respondeu no ato "cozinheira profissional". É óbvio que uma mulher que construiu seu sucesso com muito esforço não iria renegar sua origem. Na boa, ela não podia encher o peito e falar que é uma "chef".

Ela, em nenhum momento da nossa conversa, se nomeou como empresária. Tinha até uma pergunta sobre quem ela achava ser um grande empresário, percebi que era melhor perguntar quem foi sua inspiração na cozinha. Não pensou duas vezes: Lenoca e dona Dica. É ou não é uma pessoa que é apaixonada pela sua origem? Não podia citar grandes chefes do mundo?

Estava curioso em saber quando surgiu a Célia cozinheira que faz sucesso hoje. Como ela descobriu esse dom? E na lata respondeu. "Necessidade!" A necessidade de ter de pagar suas contas, no inicio de tudo, com seu marido e já perto de ter a primeira filha. Assim surgiu a cozinheira que seria no futuro uma grande empresária.

Ela teve a inspiração na mãe e na sogra. É a intersecção entre dona Sabina da cozinha de base do interior, com sua sogra dona Teresa, da cozinha de base da Itália. Deu essa mistura ítalo-brasileira maravilhosa. Sua mãe gostava de fazer a comida com as especiarias que ela mesma cultivava com produtos frescos para construir suas receitas e sempre com muita paixão.

Quando foi visitar sua sogra, percebeu que ela cozinhava do jeito da mãe. Fazendo aquele molho tradicional italiano com tomates frescos (deve ser uma delicia), privilegiava a compra na mercearia perto, com alimentos fresco e sempre com muita paixão.

Surgiu a equação certa: paixão como a mãe cozinhava + paixão como a sogra cozinhava = Célia cozinheira.

Mas tudo na vida tem um começo e o de Célia foi muito difícil. Recém-casada, morava no bairro da Areinha numa quitinete e cheia de conta pra pagar.

O que fazer? Surgiu a ideia de vender pastel folheado utilizando um fogão doméstico. Começou a produzir o que seriam os seus famosos pastéis que, na década de 80, fizeram a alegria de muita gente que frequentava o Centro da cidade. De repente você comeu e nem sabia que comia um pastel de quem seria uma das maiores banqueteiras do Maranhão.

Ela e o marido faziam juntos, colocava numa cesta, pegava o ônibus e lá ia ela vender nos bares e lanchonetes. Enquanto muitos se lamentam que não conseguem emprego, ela resolveu conseguir trabalho e com seus pastéis sua história iniciou pra valer. Um detalhe: na fase do pastel ela tem muita gratidão ao seu primeiro funcionário, o jovem Valdemir.

No período dos pastéis, ela teve sua primeira oportunidade que foi dada pelo Padre Paulo Sampaio da Igreja de Santo Antônio. O padre apresentou as pessoas mais influentes da cidade naquela época e uma delas, a quem Célia é muito grata, foi a dona Delci Nunes Freire, mulher do ex-governador do Maranhão, Nunes Freire, que experimentou seu pastel, mas se encantou também com o doce crostatinha de frutas que ela passou a vender, feitos pelo seu marido Adolfo. Dona Dilce disse que só havia comido um doce igual a esse na Europa e com isso iniciava a primeira rede de contatos da Célia.

Ela saiu do patamar da vendedora de pastel no Centro para vendedora de pastel e doces na grande sociedade ludovicense. Não é exagero, foi isso que aconteceu. A partir desse momento, começou a virada na vida dela e de seu esposo. Era o prenuncio do nascimento da Célia Banqueteira.

Uma segunda fase se iniciava e ela já perdeu a conta de quantas festas fez. Foram centenas de pesso-

as que de forma direta e indireta puderam aproveitar o sabor da sua cozinha e também muita geração de empregos.

Algumas forem privilegiadas no inicio em saborearem os primeiros pratos que ela fazia. Célia ia pra cozinha, fazia os pratos e essas pessoas comiam e davam o seu parecer. Eram os degustadores do sabor da Célia o que com certeza deve ter sido um trabalho prazeroso.

Nessa segunda fase, não quis citar nomes de pessoas que a apoiaram para não ser injusta, mas começou com uma grande senhora da sociedade que pediu para ela fazer uma comida pra ela, pois receberia alguns convidados e gostaria de servir um jantar. E sua rede de contatos começou a ampliar.

O grande teste da sua entrada de fato como uma banqueteira de grandes festas estava chegando. Aquele trabalho podia mudar a sua vida profissional, pois se desse certo as portas seriam abertas, mas em nenhum momento ela pensou que daria errado.

Na verdade, o que aconteceu foi o medo natural de quem é competente. Se Fernanda Montenegro diz que sente "medo" antes de encarar a plateia, os vencedores também sentem medo antes de apresentar um trabalho e que, ao final, receberá o aplauso da plateia.

Essa primeira grande festa foi o casamento da Rafaela Albuquerque (fico pensando se todos sabiam ser o primeiro evento dela). Uma festa de casamento de uma família tradicional e que levou aos salões a grande sociedade maranhense. Pressão total e não deve ter sido fácil o trabalho.

Algo que muita gente não deve saber e agora irá conhecer é que, no dia do casamento, após a festa, o bolo havia sumido. Você não leu errado. Num casamento o bolo é o mais importante da festa, é o símbolo da união e o grand finale do sucesso do evento e ele havia sumido depois de tudo. Escrevendo isso, me veio à mente o quanto de curiosidades não devem acontecer nos bastidores das festas.

Para Célia, o bom profissional dessa área é aquele que entrega o que o cliente pediu com algo mais. E ela entregou a festa de casamento da Rafaela. Todos gostaram e o que mais alegrou a nossa banqueteira foi receber um abraço de agradecimento do pai da noiva Roberto Albuquerque.

Pensando bem, fazer uma festa de casamento da filha, para um pai, é algo de maravilhoso e ter a confiança de deixar nas mãos de uma profissional e, no final, saber que tudo deu certo é algo extraordinário e Célia deu esse prazer a ele.

Essa mulher guerreira não para e posso cravar que a 3ª fase da Célia se inicia. Muitas das suas criações gastronômicas já usavam ingredientes que ela mesma plantava, mas numa escala menor, porém agora resolveu fazer essa atividade de forma maior.

Tem hoje, em Bacabal, sua plantação que já deu a 1ª safra de milho, ou seja, onde tem milho nas comidas da Rossetti é da sua própria plantação.

Já tem também arroz plantado, além de toda as especiarias que são fundamentais para os pratos, salgados e doces ficarem perfeitos.

Essa cozinheira profissional, como ela se autodenomina, cá entre nós, é uma baita empreendedora. Ela, com a plantação, vem fechando toda a sua cadeia de produção. Raciocina comigo.

Planta os ingredientes que serão beneficiados e irão para seus produtos. Faz os produtos, vende nas suas lojas ou festas que realizada e recebe pelo resultado conseguido. Ela tem mais próximo de si o controle de qualidade de todas as fases. É ou não é uma empreendedora?

Percebi que um dos orgulhos que ela tem e deixa transparecer é saber que boa parte da sua família trabalha na empresa. Filha, marido no setor de sorvete – que é a paixão dele –, genro, noras, sobrinhos e como disse no início, sem pressionar, espera no íntimo que a segunda filha entre para esse projeto de empresa familiar.

Paixão é o que move essa mulher, apesar de contraditório, ela é bem conservadora, centrada e precisa se sentir segura, mas arriscando. O famoso risco calculado. Prudência hoje também é uma característica de Célia.

Em todo o momento da nossa conversa, a mãe sempre foi presente. É notório o seu de amor por essa mãe que a escolheu como filha. Sua mãe, apesar de já ter falecido aos 90 anos, é muito presente na sua vida. Sei que a cada realização pensa na mãe que pôde em vida presenciar o sucesso da filha.

Nada na vida de Célia veio fácil, mas as dificuldades serviram para o seu crescimento e me fez lembrar uma frase de Nelson Mandela quando diz: "que nunca perde, ganha ou aprende com os acontecimentos". Célia é assim!

Vendou pastel pra pagar suas contas, conheceu pessoas, iniciou na sua vida de banqueteira, faliu, tiveram profissionais que a decepcionaram, clientes que muitas vezes deixaram de pagar e com isso os problemas foram grandes, mas foram poucas as vezes que ela se queixou na nossa entrevista. Passou por preconceito de ser mulher, preta, casada com um estrangeiro, mas sofria algumas horas, enxugava às lágrimas, levantava a cabeça e seguia em frente.

Vou ousar em fazer a receita e que depois dos "ingredientes" misturados surge a Célia Rossetti

Uma pitada de simplicidade, com algumas gramas de muita fé, uma xicara cheia de responsabilidade, sem parar de mexer, coloca duas colheres de intuição, junto com a prudência, porém para a receita dar certo, precisa ter uma boa quantidade de paixão, pois sem ela a receita desanda.

Uma receita com Célia Rosseti

Nome – Célia Regina Vieira Sousa
Nome profissional – Célia Rossetti
Profissão – Cozinheira profissional
Signo – Áries
Acredita em que – Deus
Cidade onde nasceu – Bacabal – MA
Idade – 52 anos
Casada – Adolfo Rossetti
Filhos – Duas. Sara de 30 anos e Sofia de 17 anos
Pai – José Edilson
Mãe – Sabina Santos
Onde foi criada – Na cidade de Bacabal até os 17 anos e depois veio para São Luís
O que gostava de fazer pra se divertir na infância – Brincar na rua
Um acontecimento marcante na sua infância – As festividades religiosas, tambor de crioulas, entre outros
Amigos importantes na adolescência – Prefiro não falar um para não ser injusta.
Onde estudava – Colégio Nossa Senhora dos Anjos formada como Normalista
Início da vida adulta – Muito trabalho
Seu primeiro trabalho – Secretária de buffet
Quem deu sua primeira oportunidade – Padre Paulo Sampaio
Um trabalho que não esquece – 1 ª festa que foi o casamento da Rafaela Albuquerque
Quando descobriu que era isso que queria – A necessidade me fez descobrir
O que não pode faltar na sua cozinha de trabalho – Azeite
Um lema de trabalho – É preciso entregar aquilo que foi combinado com o cliente
Uma alegria no trabalho – Saber que toda a linha de produção está funcionando, pessoas criando e funcionários felizes.
O 1º negócio a gente nunca esquece – O pastel folheado

Sua maior realização profissional – Ter conseguido reformar a casa de minha mãe. Aquilo me fez perceber que venci.

Uma boa cozinheira é aquela que... – Que entrega, ama o que faz e não tem hora pra trabalhar.

Um projeto que marcou sua vida – Essa fase atual de começar a plantar em escala maior os produtos utilizados na Rossetti

Seu grande amor – a cozinha

Saudade de alguém – Mãe

O que faz nas horas livres – Cozinha

Voltaria no tempo pra... – Viajar com a mãe

Arrependimento – Talvez não ter ficado mais com minha mãe

Um livro – Bíblia e também de gastronomia

Um país? – Itália

Uma cidade – São Luís

O futuro – Fortalecer o agronegócio

O que nunca beberia – Conhaque

Uma comida – O fígado de tirinha mal passado da minha mãe

O que nunca comeria – Cobra, rá e comida crua

Se voltasse no tempo mudaria alguma coisa – Não

O que nunca esquece – Minha mãe

O que é o passado – Maravilhoso. É o que me trouxe aqui

O presente – Ver as minhas filhas assumindo os negócios

Como você acha que as pessoas veem você – Confiam em mim

O que mais deixa você triste – Quando alguma coisa na linha de produção não dá certo

Quem espera sempre alcança – Correndo atrás dos sonhos

Como você analisa a concorrência de um modo geral – boa, a concorrência estimula

Quem é Célia Rossetti – Uma mulher de fé que tem o propósito de transformar vidas.

Décio: um paulista para lá de maranhense

Publicado no Jornal Pequeno no dia 19 de dezembro de 2008

Este profissional da arte de embelezar as pessoas ama o Maranhão e daqui não pretende sair. Décio Delamano, além de competente, possui uma capacidade que poucos conseguem ter em diversas áreas do trabalho. Manter o seu nome em evidência o tempo todo.

No marketing, isso se chama renovar a vida de um produto. Como todo ser humano o produto, neste caso a marca Décio, é um produto, nasce, cresce, amadurece e morre e os especialistas usam algumas estratégias de marketing para renovar este ciclo de vida. Quem não conhece pessoas ou empresas que estouraram no mercado e que ninguém mais sabe que fim levou. São pessoas que até sabem empreender, mas não conseguem manter. E Décio surpreende a cada tempo na arte de renovar.

De uma família de 8 irmãos, nascido em São Paulo, na cidade de Bauru, este Palmeirense doente, filho de italianos, chegou a São Luís nos anos 80 e seu primeiro trabalho foi no Salão Chez Toi, na Rua da Paz. Na época, comandado por Maria dos Anjos e tinha o cabeleireiro Neto como principal profissional.

Legendas da esquerda para direita: 1. Décio na rua grande; 2. Relaxando na praia de São Marcos em São Luís; 3. Com meu afilhado Luis Fernando filho do seu sócio Ari; 4. Décio e seu sócio Ari no salão; 5. Na porta do salão; 6. No interior do salão; 7. Posando no salão; 8. No corredor da galeria no natal; 9. Em casa curtindo um aplicativo.

Atendeu diversas pessoas famosas como Maria Inez Sabóia, Dona Cerez Glacymar, Teresinha Ericeira e o salão era frequentado pelas celebridades da época.

Décio começou como empregado, mas era inteligente e, acima de tudo, um visionário. Percebeu que havia espaço para desenvolver o seu projeto pessoal. Uma coisa interessante na estratégia dele é que sempre procura colocar o seu salão em locais que não sejam da moda, ou seja, ele faz o ponto do negócio virar sucesso.

Outra maneira importante de Décio atuar é o que comentou seu cliente João Antonio, engenheiro que corta com ele há 27 anos: "O bom de Décio é que ele não discrimina ninguém no salão". Isso é verdade, ao passar pela porta, para ele todos são especiais e clientes precisando de atenção independente da conta bancária ou do poder que possa ter. Décio é bem humorado, se alguém já o viu triste, viu e não falou para ninguém.

É um expert em fazer a boa promoção, ele não vive em badalações, mas sabe a quais frequentar, não é político e sabe como poucos fazer a política da boa amizade e aumentar sua rede de relacionamento. Em suas mãos, já passaram diversas pessoas entre vitoriosos, poderosos e ex-poderosos, mas sua estratégia não modifica, sempre com um sorriso ele consegue encantar a todos.

Décio não para, ele é um cliente vip da Wella, as portas de uma das maiores indústrias da beleza estão sempre abertas e recebe este artista com tapete vermelho. Reciclando e viajando sempre, consegue manter sua qualidade. Lê muito, usa a internet como fonte de estudos, mas, acima de tudo, deixa o seu talento natural agir nos momentos necessários.

Quem pensa que ele é caro engana-se, perto do nome e talento que tem procura manter a variável preço proporcional ao mercado e respeitando as pessoas do estado que tanto ama. Décio é de uma geração diferente, daquela que acorda cedo para trabalhar, não perde tempo e não toma partido de personalidades efêmeras e, sim, de clientes fiéis.

Bom amigo, bom filho todo ano viaja para sua cidade para encontrar seus familiares e usufruir do aconchego dos seus. Décio é simples, mas nunca simplório. Seus hábitos são normais, não age como Diva, pois sabe que o brilho maior vem daqueles que reconhecem o seu trabalho e continuam voltando. Décio Delamano é um amante de São Luís, uma cidade que tanto fez por ele e com muita competência ele vem retribuindo tudo.

Dona Nina: a refeição nossa de cada dia

Publicado no Jornal Pequeno no dia 06 de fevereiro de 2009

Que jogue o primeiro garfo quem nunca comeu na Dona Nina. Eu jogo garfo, faca, colher, prato e tudo mais, pois sempre fui e sou um assíduo frequentador deste restaurante que marcou a minha vida e ainda marca nestes 25 anos de existência no mercado de São Luís. E para começar vou fazer a primeira revelação que muitos não sabem, o verdadeiro nome da Dona Nina: Cosmina Aulisio Mantovani, filha de italianos, essa paulista nascida na cidade de Monteiro Lobato, fez de São Luís sua verdadeira terra natal.

Quem não conhece aquele famoso bife à parmegiana, sua torta de camarão, empadão de frango e aquela feijoada deliciosa? Se você não conhece e por acaso está lendo a matéria no domingo pela manhã, tem tempo de ir ao Restaurante da Dona Nina, no São Francisco, e escolher um destes pratos.

Mas para chegar ao ponto de abrir de domingo a domingo, Dona Nina tem uma história rica para contar e para ensinar àquele povo que adora carteira assinada e pensa que só assim poderá ter segurança na vida.

Legendas da esquerda para direita: 1. Filho Demosthenes/ neta Erica/ filha Katia/ Neto Bruno; 2. Filha Katia; 3. Com Papai Noel; 4. Com filhos José Dervil e Demosthenes; 5. Com filhos José Dervil e Demosthenes na juventude ; 6. Com a "família" do Restaurante Dona Nina; 7. Aniversário dela; 8 Com as freiras na Itália. Freiras franciscanas.

Filha de italianos e como uma boa dona-de-casa, nunca foi de ficar parada e junto com o marido montaram o seu primeiro negócio que foi um bar em São Paulo, no Bairro da Barra Funda. Em seguida, resolveram partir para uma padaria em Ourinhos, o que já seria o seu segundo negócio. Sempre como proprietária, o marido cuidava das finanças e ela da barriga dos clientes o que sempre foi o seu forte. Com o crescimento partiram para o terceiro projeto mais audacioso que foi um hotel e fez muito sucesso, porém, quis o destino que o casal decidisse viver separado, o que lá pelos anos 1950/60 já seria uma grande audácia para uma mulher. Dona Nina pode ter até se assustado, mas nunca se abalado. Partiu para mais um negócio e montou uma loja de doces, mas quem conhece um pouco o sangue do italiano e entende o lado maternal da italiana, sabe que os filhos falam muito mais ao coração, por isso um dos seus filhos, Demosthenes, tinha passado no concurso na UFMA – Universidade Federal do Maranhão – para ser professor no Curso de Educação Física e a filha, Kátia, em visita ao irmão José, decidiu fixar residência em São Luís e convidou a mãe para vir morar na cidade e não deu outra, lá veio a Dona Nina para Ilha do amor e ficou enamorada pelos encantos deste paraíso tropical e este amor passou a ser eterno.

Voltando à empreendedora Nina, por causa da minguada aposentadoria – ah, lembrei-me da aposentadoria da minha mãe – ela até poderia ficar em casa, pois tinha condições para isso, mas vai falar para uma filha de italiano para ficar em casa, ela não fica! Com o tino para os negócios, percebeu no bairro da Cohama que havia um Sacolão muito movimentado, pediu autorização e montou uma pequena barraca onde fazia, na hora, salgadinhos, o que virou um sucesso e surgiu o seu primeiro apelido: a senhora dos salgados. O sucesso foi grande e o preço baixo – sempre o grande segredo da Dona Nina – fazia as pessoas comprarem para revender. Ela chegava cedo e só voltava para casa quando tudo acabava. Quem olha hoje pensa que ela começou com tudo pronto, pobre cara pálida que não sabe o que é lutar. Um cliente notou que ela ficava na parte da tarde no sol e indicou uma pessoa que tinha uma loja na cabeceira da Ponte do São Francisco e que ela poderia fazer negócio lá. Ela foi visitá-lo e a arrendou no ano de 1983 e ficou fornecendo refeições e salgadinhos até 1985. No ano de 1987, ela montou uma loja no Centro, na rua Godofredo Viana e, em seguida, comprou um ponto no São Francisco, onde hoje fica a sua sede e criou o seu negócio. Quando abriu sua empresa, ela não tinha nome, queria homenagear um santo – ela é católica –, mas um cliente, o Sr. Brandão, muito inteligente e abençoado por Deus, sugeriu que o nome do Restaurante fosse Dona Nina e o nome pegou. Hoje, a empresa é uma das maiores deste setor. Alguns casos chamam a atenção neste tempo de existência. Uma vez, ela foi notificada por uma empresa, de forma até rude e, ao chegar, foi chamada a atenção pela qualidade da comida fornecida, com aquele jeito tranquilo de falar pediu a nota que deveria estar junto com as marmitas e foi neste momento que descobriu que uma outra pessoa estava usando o nome da sua em-

presa para fornecer quentinhas para os clientes. Outro ponto interessante é que, mesmo com o expediente fechado, Dona Nina tinha que ir para cozinha e salvar donas-de-casa que receberam visitas inesperadas e sem comida para oferecer tiveram nela o socorro.

Hoje, ela emprega de forma direta e indireta mais de 20 pessoas. No começo, ela acordava às 4 horas da manhã para sair comprando produtos, hoje são os fornecedores que batem na sua porta, seus clientes são variados e ela não faz discriminação, só exige o respeito. Com Dona Nina muitos hábitos foram mudados, a tradição de se fazer almoço em casa foi quebrada. Com a comida do estilo caseira como é feita até hoje, muitas delas com sua supervisão, é muito comum as pessoas irem buscar o prato principal que será servido em casa. No final de ano, ela não consegue dar vazão a quantidade de pedidos para Ceia de Natal.

Dona Nina não para. Quando fui entrevistá-la, meu relógio já marcava 15 horas e ela estava sentada próxima ao telefone, esperando ligações. Com 87 anos, além dos 6 filhos, ela tem 10 netos e 2 bisnetos, sem falar na sua família de funcionários, sendo que muitos se aposentaram trabalhando com ela e continuam voltando para trabalhar quando necessário. Toda São Luís de uma forma ou de outra – alguns mais, alguns menos – já comeram das refeições da Dona Nina, seja em casa ou no trabalho, pois ela fornece para muitos bairros e empresas.

Quis o destino, mas acho que foi Deus mesmo, que ela não desse o nome do Restaurante de um Santo, pois se a gula é um pecado, seria constrangedor ter que pagar todo dia a conta ao Santo pelo pecado cometido. Obrigado, seu Brandão – o seu com s minúsculo pois não é santo por ter batizado o Restaurante de Dona Nina, os bons pecadores agradecem.

Josilda Bogéa Anchieta *in memoriam*: essa brava gente brasileira

Publicado em 16 de janeiro de 2011

Eu adorava fazer esse quadro, mas tive que falar com ela que estava ficando pesado financeiramente para eu custear 4 páginas de jornais, e tive que tirar o Quadro Foto Digital. Quis o destino que eu tivesse que fazer um especial logo com ela, assim vou poder fazer algo que gosto tanto e sobre ela que tanto gostava.

Entrei no Jornal Pequeno depois que fui conversar com Lourival, mas quem me aturou e me manteve até hoje foi dona Josilda. Eu não sou fácil, sou extremamente desorganizado e tenho a tendência de acumular muitas coisas sobre mim e por isso acabo falhando em algumas delas.

Agora imagine eu deste jeito lidar com dona Josilda? Logo ela, extremamente exigente e minuciosa. Eu vivia levando bronca e quando ela ligava para mim, eu ficava pensando: – qual tinha sido a coisa errada que fiz? Ela era assim, não dava moleza mesmo.

Legendas da esquerda para direita: 1. Josilda com o pai, Jose Ribamar Bogéa; 2. Josilda com a mãe Hilda marquês bogéa; 5. Ela com os irmãos; 7. Sua família, Andre,ela, Raiana e o esposo Sebastião Anchieta; 8. Os filhos Raiana e André.

Durante o tempo que trabalhei com ela, atrasei pagamento, fiz contrato com empresas que não pagaram, atrasei a entrega do meu material para rodar, mas ela sempre dava um jeito e me aceitava, apesar de no íntimo eu saber que ela deveria estar de saco cheio de mim. Mas nunca faria algo para me prejudicar e não o fez mesmo; sempre me deu uma nova chance. Ela era assim: dava bronca, mas sempre aceitava as pessoas com seu jeito.

Algo que me espantava, ela fazia qualquer problema que eu tivesse no momento passar a ser menor. Dona Josilda estava em São Paulo e ficava preocupada com o setor operacional da empresa e de uma simples coluna como a minha.

Espantava-me também saber que logo ao chegar em São Luís, depois de uma série de exames e tratamentos que fazia em São Paulo, quando menos se esperava, lá estava ela sentada à sua mesa pronta para trabalhar. Ela era assim, gostava de trabalhar.

Uma vez eu falei para ela: – A senhora só liga para me cobrar, mas eu vou ser bem sincero, hoje gosto quando o celular toca, pois fico feliz de saber que a senhora já está de volta ao trabalho. Ela deu um sorriso. Ela era assim, ainda conseguia sorrir, apesar de tudo.

Eu não conheci pessoa tão séria profissionalmente como Dona Josilda neste mercado de comunicação por onde passei, isso inclui algumas cidades que trabalhei pelo Brasil. Alguns chegaram perto dela, mas igual nunca vi. A palavra dela tinha peso e valia como contrato, muitas pessoas confundiam (até eu no começo confundi) dureza na forma de agir com seriedade. Ela era assim, uma profissional séria.

Uma vez ouvi do professor Alberico (amigo dela e editor do Guessa Errante, um suplemento criado por ela) um comentário que mostra bem o estilo Josilda: "ela me fez olhar o livro do poeta para confirmar realmente a forma como estava sendo escrito o texto no Guessa, se a palavra estava no sentido correto, pois caso contrário, o autor poderia ficar chateado". Ela era assim, detalhista e respeitava o trabalho dos outros profissionais.

Eu achava engraçado quando estava na sala dela e alguém dava uma informação para Dona Josilda. Como ela tinha uma memória maravilhosa para algumas informações e tinha certeza que estava certa, aí vinham as perguntas. Onde está escrito? Cadê o extrato bancário? Mostra o recibo para confirmar. Era ela assim, sabia de tudo.

Todo o processo que envolvia um cliente, ela dava conta de saber de tudo e pasmem alguns empresários, em tudo era emitido nota fiscal, nenhuma vez ela deixou de emitir para mim notas, para os meus clientes e, acima de tudo, recolhendo impostos, coisa rara no meio profissional. Não tinha o famoso "esquema" com Dona Josilda, era tudo preto no branco. Ela era assim, nada de jeitinho brasileiro.

Minha última conversa ao telefone com Dona Josilda não podia ser diferente, foi ela me dando bronca. Pensa que fiquei chateado de ter sido assim nosso último encontro? Nunca. Foi a nossa marca. Mas nossas brigas eram profissionais para

dar o melhor ao Jornal Pequeno. Ela cobrava, pois sabia das diversas famílias que estavam por trás do JP. Ela era assim, cobrava, mas se preocupava com todos.

Quando cheguei ao velório é que a ficha realmente caiu (sou do tempo que o repórter tinha que sair à rua levando papel, caneta bic e uma ficha para usar o orelhão), por isso os créditos não caíram, foi ficha mesmo que caiu que ela havia morrido.

Eu fiquei tipo uma criança perdida na multidão sem saber onde está sua mãe no velório. Neste momento que escrevo, começo a me emocionar e nem sei se vou conseguir terminar esse texto, mas eu me senti perdido e perguntava para algumas pessoas: – quem vai puxar minha orelha agora? Quando entro na sala do velório e vejo o caixão fechado, eu vi que ela tinha aprontado comigo. Eu não poderia dar meu último beijo em suas mãos que era uma das formas que eu a cumprimentava. Até a sua saída de cena do mundo, ela fez do jeito dela, discreto, simples e na dela. Todos vão ter que lembrá-la viva. Ela era assim, discreta e sem estrelismo.

Chamá-la de guerreira não é justo, este adjetivo foi popularizado no país e se tornou ferramenta de marketing político. Ela era muita mais que isso, foi mulher brava, valente, um exemplo de trabalhadora que conhecia cada centímetro do jornal e que deixou sua digital marcada nas máquinas e em todos os lugares do prédio do Jornal Pequeno.

No dia de sua morte, procurei nos sites chamados bem informados aqui do Maranhão e não vi nenhuma nota sobre a morte de Dona Josilda, exceto, é claro, no site do Jornal Pequeno. Eu entendi o motivo, alguns profissionais que trabalham nestes sites, não conseguem olhar uma boa notícia e a importância desta profissional ao mercado da comunicação, além das mesmices que acontecem no dia a dia. Basta fazer um exercício rápido e pensar quantos jornais já passaram pela cidade e quantos estão. Ela era ou não importante neste mercado?

Talvez muitos dos que escrevem nestes sites, se lerem este texto (que acho difícil) não vão entender nada, pois seriedade, hombridade, caráter, respeito, palavra empenhada são coisas que não fazem parte do mundo de muitos "profissionais" desse mercado de trabalho, para eles pessoas como Dona Josilda nem existe, é algo surreal.

Não sei como é feita a escolha de Deus para quem vai ficar vivo e quem vai morrer, não quero discutir isso com Ele agora. Qual critério para levar a vida de alguém que ainda tinha muito a dar? Por que tão cedo, Dona Josilda ainda tão jovem e tão brava teve que ir para perto do Senhor? Mostre-me sua calculadora, pois quero saber como é feito este cálculo. Não estou entrando no mérito religioso da questão, mas pensando bem, ela poderia ter ficado mais tempo entre nós.

Muitos me perguntavam como iria ficar o Jornal Pequeno sem Dona Josilda, pois ela realmente era uma parte importante na engrenagem do Grande Pequeno. Muralha, base, apoio, sustentáculo e segurança. São muitos os adjetivos sobre a importância dela no JP.

Mas, me perdoem todos da família Bogéa, o Jornal Pequeno não pertence mais a vocês há muito tempo. O Jornal é do povo do Maranhão, vocês são administradores do processo, no Jornal quem manda é aquele homem sentado na praça e que espera ler toda manhã alguma informação verdadeira, da pessoa chique que quer saber da fofoca da festa que ela participou ou daquele jovem que já aprendeu a ler o JP on-line para saber das coisas que acontecem no Maranhão.

Dona Josilda vai fazer muita falta ao JP, como faz falta Zé Pequeno, Ribamar Bogéa, fundador do Jornal Pequeno, assim como farão falta Lourival, Dona Hilda, Gutinho, Ribinha, Luís Antonio e todos da família Bogéa.

Eu com 4 anos não passei nada perto do que muitos que trabalham lá há anos já passaram, mas sei das diversas dificuldades pelas quais o Jornal Pequeno passou. Mas foi vivendo um dia de cada vez e já está quase sessentão, ou seja, sobreviveu.

(Obs.: este ano, o JP completará 70 anos).

O time daqui de baixo perdeu uma grande jogadora: Josilda Bogéa Anchieta, o Jornal perdeu o Romário do Lourival e Luís Antonio, o Ronaldinho Gaúcho do Gutemberg. Perdeu uma jogadora importante no meio-campo, que distribuía as jogadas, colocava os jogadores na cara do gol, voltava pra marcar e proteger os zagueiros, não marcava muitos gols, mas fez bastantes artilheiros. O time aqui de baixo fica mais fraco, isso é verdade.

Mas, quando me perguntarem outra vez como vai ficar o JP, eu já tenho a resposta. O time aqui de baixo ficou mais fraco, como o cartunista Caju descreveu na quinta-feira, o time lá de cima está forte. Como se não bastassem as paródias que Zé Pequeno deve estar fazendo para Deus e todos os Santos, agora chegou Dona Josilda, para cobrar mais justiça, equilíbrio e proteção para todos nós que fazemos o Jornal Pequeno.

E para terminar queria declarar uma coisa: – eu não sabia que gostava tanto da senhora, Dona Josilda e peço um favor, pede para Deus arrumar alguém para puxar minha orelha no Jornal, mas não precisa ser muito forte, pois eu aprendi e mudei bastante com a senhora.

A senhora deixou um exemplo da nossa brava gente brasileira que, apesar de tudo, não desistiu nenhum instante e este legado vai ficar para todos nós. Não vá com Deus, a senhora já está com Deus. Um beijo em suas mãos.

Mais
NO AR

SEMAFORO DE ALERTA
VOLCANICA

UNIFESP
USP Ribeirão

Léo Felipe da Mais FM

Publicado em 11 de dezembro de 2009

De arrimo de família que fez a necessidade de entrar no rádio AM, hoje é um dos mais conhecidos locutores do Norte e Nordeste. De um serviço de som ambulante a um empresário da comunicação e do entretenimento com várias empresas sobre o seu comando. De um modesto programa numa rádio do interior e hoje há 10 anos com o programa Alegria Alegria, líder no seu horário.

Um carioca que hoje é um dos mais apaixonados maranhenses e diz não querer nunca mais sair de São Luís. Quem é Léo Felipe, nosso Foto Digital desta semana? Um locutor, comunicador, um empresário, um homem que fez da arte de sonhar seu estilo de vida ou todos num só? Nestas poucas linhas, vamos tentar descobrir juntos quem é ele e um pouco do homem que traz alegria, literalmente, nas manhãs e nas noites de São Luís e também qual o segredo do seu sucesso.

Legendas da esquerda para direita: 1. Léo no comando do Programa Alegria, Alegria na Mais FM; 4. Com sua esposa Gilcilene Luz ; 5. Seus filhos Diego e Dimitri; 7. Com sua parceira de microfone Mary Beltrand no Programa Alegria, Alegria; 9. Léo com sua família esposa Gilcilene e os filhos Diego e Dimitri.

Há alguns anos, não entro num estúdio de rádio. Fui entrevistar Léo justamente no seu horário de programa que acontece das segundas a sábado na Mais FM. Senti-me emocionado, pois, como fui criado no rádio, rapidamente voltei no tempo e lembrei-me do meu início como contrarregra aos 15 anos.

Do meu pai jornalista que me criou e do inesquecível locutor Luciano Alves, da Rádio Globo e Tupi do Rio de Janeiro, no qual fui diretor de programas, criador do apelido de Zé Pequeno do fundador do Jornal Pequeno, que infelizmente, Zé Pequeno nos deixou recentemente e isso ainda me entristece. Como viajei rápido nos pensamentos logo que entrei no estúdio e, com a mesma velocidade, voltei ao objetivo da minha visita na Rádio Mais FM, entrevistar o Léo Felipe.

Conheci Léo pessoalmente naquele dia, ele já estava no ar com seu programa. Muito educado, tentou logo me explicar que daria a entrevista, mas que precisava ajeitar algumas coisas antes.

Já fui preparado para esperar, pois entrevistar alguém que está no ar, ao vivo tem que ter paciência. E para conseguir uma boa entrevista eu tenho e muita.

Para quem não sabe, o entra e sai de um estúdio de rádio é normal, mas, no horário do Léo, era muito grande. Logo percebo que é naquele momento que muitas das coisas são decidas nas empresas que ele dirige. Rádio Mais FM, Choppana, Casa de show A Fazenda, Cerveja no Balde e a Alegria Produções que promove shows na cidade.

Surpreendo-me pela forma tranquila como ele ia resolvendo os assuntos. Em menos de uma hora ele passou orçamento que havia feito para a responsável do setor financeiro, autorizou entrega de convites para venda, atendeu diversos telefonemas, orientou a gravação de um anúncio para um locutor fazer, entrava no ar, falava comigo. Recebeu a visita de um técnico que cuida da qualidade dos equipamentos da Mais FM.

Atendeu seu sócio Nodson Junior e pediu para ele entrar em contato com o Chimbinha, da Banda Calypso, para saber se ele havia gostado do show que a banda havia feito no final de semana, na festa de aniversário da Rádio e pasmem: ele desfez uma sociedade de uma pequena empresa, através de um documento, e orientava o agora ex-sócio como proceder. Tudo isso, e mais algumas coisas de forma natural. Fico imaginando quando ele saia do estúdio.

Léo é muito focado e um sonhador, contraditório? Que nada, sabe o que quer e como realizar. Ele brinca de trabalhar e ainda recebe por isso. Que maravilha. Tem prazer no que faz e não esconde de ninguém. Pronto, seus 3 primeiros segredos do sucesso. Sonhar, focar e realizar.

Realizava várias tarefas ao mesmo tempo em que dava a entrevista, mas em nenhum momento ele ficou chateado. Ele gosta de trabalhar com pessoas e pode até ficar cansado, mas pela a exaustão de muitas atividades, nunca pela felicidade de poder realizar.

Pergunto como é sua forma de liderar. Se ele faz o estilo coach. O treinador de boas equipes. Ele

responde: "É por aí, tenho uma boa equipe e na sua grande maioria este grupo está comigo desde o começo".

O estilo de liderança do Léo é aquele que pede, mas faz também e mostra como faz. Procura cultivar no seu time a capacidade de cada um viver seu próprio sonho no sonho dele. E por falar em sonho, como diria Martinho da Vila, no samba enredo que ele fez para Escola de Samba Vila Isabel: "Sonhei que estava sonhando um sonho sonhado. Um sonho de um sonho, magnetizado, das mentes abertas". 4° segredo do sucesso do Léo: saber liderar.

Este magnetismo dos versos da música é que faz as pessoas desejarem trabalhar com ele e acreditar nos seus sonhos, também tem a mente aberta para deixar seus profissionais atuarem.

A radialista Mary Beltrand é um exemplo disso. Trabalha com ele há 10 anos e entrou neste sonho da Mais FM, largando o sucesso que tinham em outra emissora por acreditarem que sonhos são realizáveis, sim. Entre muitas críticas e dúvidas, a única certeza que tinham era o talento para fazer sucesso e o tempo mostrou que eles estavam certos. 5° segredo: ousadia.

Léo começou a trabalhar aos 16 anos, carioca da Penha, até os 14 anos teve como referências no Rio de Janeiro os melhores locutores que o rádio poderia dar no final dos anos 70 e início dos 80. Mestres como Paulo Barbosa, seu grande ídolo Valdir Vieira, Antonio Carlos, todos que eram lideres de audiências nas suas emissoras.

Depois ele foi morar em Iguatu, no Ceará, e lá sua grande referência foram os locutores Carlos Augusto e Nonato Albuquerque. Em Iguatu, fez seu curso de radialista. Seu primeiro negócio foi um serviço de som ambulante que fazia propaganda nas ruas e que tinha o nome de PatroSom. Sem perceber seu caminho estava sendo traçado.

Apesar de sempre gostar de rádio, ele nunca planejou estar na posição que se encontra hoje. Tudo com ele nasceu da necessidade, nunca foi planejado, porém esta sua capacidade de transformar necessidade em oportunidade vem com ele até hoje. 6° segredo do seu sucesso: transforma necessidade em oportunidade.

Com a separação dos seus pais, precisava trabalhar para ajudar em casa. A situação estava crítica e ele não esconde isto, vivia na época aquela velha situação com sua mãe: jantar e pagar o almoço, ou seja, estava sempre faltando alguma coisa.

Por isso aceitou a oportunidade de iniciar sua atuação no meio de rádio. Seu começo para valer foi no Maranhão, na Mirante de Codó.

Foi lá também que Sandro Felipe da Silva, esse é o nome verdadeiro dele, transformou-se no Léo Felipe. Como na cidade já havia muito locutor com o nome de Sandro, alguém disse que ele teria que criar um nome artístico. Como sua maior preocupação era trabalhar para poder, naquele momento, satisfazer as necessidades básicas da sua família, o nome era o que menos importava. Então, como ele é do signo de Leão, alguém sugeriu o Léo de leão com o Felipe. Pronto. Léo Felipe nascia naquele momento.

Perguntei se caso ele não fosse comunicador o que seria? "Professor" responde. Logo me veio à mente. Leo nasceu para o palco, para os holofotes, para brilhar e entreter o público. Seu estilo manso de conversar e com uma voz bem colocada, esconde uma personalidade muito forte e que sabe muito bem o que quer da vida.

É inquieto, muito exigente com ele mesmo e aprendeu com o tempo a importância de falar o sim e, por mais que amor fale mais alto em tudo que faz, no momento necessário não terá medo de dizer o não. Apesar de muito emotivo, procura separar sempre que possível a razão da emoção.

Dá de coração sem apego, é uma pessoa bondosa e gentil. Sabe que muitas vezes este seu estilo já trouxe alguns problemas, pois todo sonhador acredita muito nas pessoas, mas nem sempre elas correspondem ao que se esperam delas.

O que deixa ele mais triste é a traição, principalmente da amizade, mas nada abala seu idealismo de continuar acreditando no ser humano. Neste momento, me vem à frase de Fernando Pessoa: "tudo vale a pena se a alma não é pequena". E para ele tudo vale a pena.

Léo é casado com a fisioterapeuta Gilcilene Sampaio, tem dois filhos, Dimitri de 18 anos e Diego de 15 anos. Ele valoriza muito a instituição família e sabe que sem ela ao lado muitos dos seus sonhos não seriam realizados. Nas horas livres, ele gosta de cozinhar, ouvir música e é um pesquisador amador da boa música, como se definiu e gosta de catalogar todas que admira.

Léo é bem articulado, formado em comunicação e marketing, conhece bem da área que atua como muita competência e embasamento. Entende como poucos o perfil do público consumidor de rádio e define a visão de alguns empresários deste setor no Brasil. "Alguns preferem fazer o rádio por satélite que é muito mais fácil, abrir espaço para religião ou usar como ferramenta política. Na Mais FM, procuramos o caminho de atender uma demanda, desatrelado aos padrões que acabei de citar". Descobri o 7º segredo do Léo. Conhecer muito sobre o assunto que trabalha.

Queria saber algo engraçado que aconteceu com ele na sua profissão. Ele se lembrava de vários, mas pediu para locutora Mary Beltrand falar de algum. O que aconteceu é algo muito comum no meio da comunicação. Uma ouvinte ficou apaixonada por ele e começou a fazer de tudo para chegar próximo ao Léo. Percebendo que ela já estava extrapolando e ele ficando assustado com tudo.

Toda vez que ela aparecia na emissora ele pedia para Mary tentar resolver a situação. Porém um dia ele chegou de carro e uma mulher na porta estava vestida de espanhola e começou a falar com ele com sotaque. Achando estranho ele começou a perceber que era a tal fã, mas ela fazia questão de falar que não.

O tempo passou e eles já estavam na Mais FM e ele recebeu novamente a visita desta pessoa e que tinha ido para pedir desculpas por tudo. Sendo assim, ele ficou tranquilo e, quando foi chegando perto dela achando que tudo estava controlado, ela começou a culpar aquelas suas atitudes a um

espírito que tinha tomado conta dela, pois ela tinha sido esposa do Léo Felipe em outra encarnação e este espírito queria fazer de tudo para prejudicar o relacionamento deles. Léo levou um susto e disse que realmente ela não havia melhorado. Já pensou se ela teria ido pedir pensão?

Quando estava entrevistando o Léo, entre entradas e saídas de pessoas, vi que ele tinha acabado de fazer uma grande festa de aniversário da Mais FM, no último final de semana, com a Banda Calypso. Estava promovendo na rádio e iria realizar, com sua produtora, o show de Fábio Junior e mais um grande evento de aniversário de 7 anos da Banda Aviões do Forró, além de outros eventos na Casa Fazenda e Choppana.

Queria saber onde ele consegue tanto combustível para se manter motivado. Ele explica. "Responsabilidade é um deles. Sei que hoje eu tenho pais de famílias, pessoas que acreditam em mim e que sonham comigo, por isso responsabilidade e amor são os meus grandes combustíveis". 8° e 9° segredos do seu sucesso. Amor no que faz e responsabilidade.

Léo é um vencedor, entre vitórias e derrotas, ele venceu e vem vencendo. Mas que derrotas? Como diria o ex-presidente dos EUA Abraham Lincoln, "O campo da derrota não está povoado de fracassos, mas de homens que tombaram antes de vencer."

Não existe derrota para os sonhadores como o Léo, existe um ajuste de rota que ele precisa tomar. Fracasso? Não faz parte do seu dicionário e nem da sua história, pois a capacidade de se reinventar, da autocrítica e a sua inquietação em nunca parar de se transformar sempre, não tem espaço para fracasso e sim para mais uma experiência importante para continuar seguindo sua trajetória. Inquietação é o 10° segredo do seu sucesso.

Vencer é o resultado de vários fatores, mas, acima de tudo, da capacidade de reconhecer que pode estar errado e mudar. Ele erra, assume e muda. E ele comenta "errei muito no passado por ter sido arrogante e hoje penso diferente". Flexibilidade, eis o 11° segredo.

Quando muitos desistiriam e se prenderam ao sucesso do momento, ele preferiu sonhar e realizar para continuar vencendo. Ele sabe que o sucesso só vem antes do trabalho no dicionário. E trabalhar muito pode ser o 12° segredo do seu sucesso e das suas vitórias.

São doze os segredos do sucesso de Léo Felipe. Você leitor descobriu mais? O importante é que, a partir de hoje, não são mais segredos e tenho certeza que ele já vem repartindo isso com os mais próximos e agora com vocês que estão lendo este texto.

Ele se diz um eterno sonhador. Que mal há em sonhar? Mal há em apenas sonhar e não realizar. Que venham mais sonhadores e mais realizadores, pois uma vida sem sonhos e realizações é uma vida sem graça.

Este é Léo Felipe um ser humano que faz da sua vida um sonho, sonhado, magnetizado e que tem 12 segredos do sucesso ou quem sabe muito mais.

Pensamentos de Léo Felipe

Um lema de trabalho? Até para ficar igual é necessário mudar sempre.

Infância? Muito tímido.

Os clientes? Querem resultados imediatos.

Mais FM? Perfeita no ponto de vista técnico, o ouvinte liga e ouve o que deseja e somos focados na demanda.

Um mico? Na guerra do Kuwait veio uma lista de mortos para eu ler no ar com nomes estranhos. Foi começar a ler deu um acesso de riso em mim e no outro locutor e ficamos quase 5 minutos no ar rindo sem conseguir parar.

Alegria? A conquista do 1° lugar da Mais FM em 2008.

Seu grande amor? Minha mulher.

Filhos? Uma âncora que me firma e um barco que me leva a novos sonhos.

Voltar no tempo? Seria menos arrogante. Causa-me muito arrependimento.

O presente? Muito veloz, passa muito rápido.

Nunca esquece? Das minhas origens.

O 1° programa não esquece... Alegria Alegria aqui na rádio.

O 1° evento não esquece... Na ULBRA do Anil. Um evento de reggae.

Seu 1° cliente? Luiz França, da Visótica.

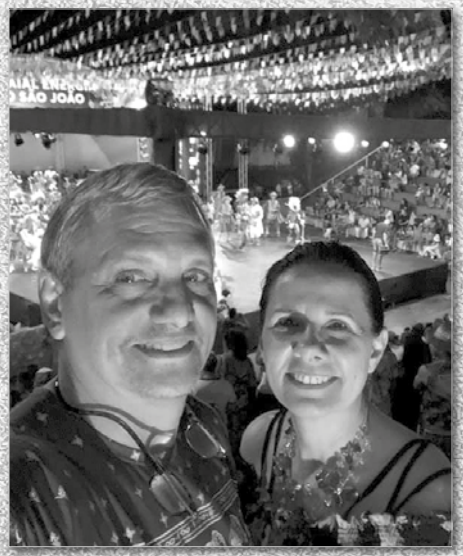
Bom e mau humor? Começo de bom humor, mas posso ir mudando, influenciado por diversos fatores.

A primeira mão? Bruno Castelhano em Codó.

Tristeza? Traição no campo da amizade.

O mercado? Está melhorando, principalmente pelas Agências de Publicidade.

Léo Felipe por Léo Felipe. Um sonhador incorrigível.



Luzia Helena da Olívio J. Fonseca

Publicado no Jornal Pequeno em 28 de agosto de 2009

Quem olha pela primeira vez nem diz, mas atrás daquele jeito simples, de fácil sorriso e uma calma aparente, dorme uma fera. Uma fera no sentido de saber o que quer. Uma fera de saber planejar e realizar. Uma fera para passar por cima dos obstáculos e usar a sutileza feminina como uma arma poderosa para conquistar.

Nossa entrevistada é ponderada, pensa antes de responder. Com ela não existe o improviso, tudo tem que ter forma e planejamento como uma boa receita de bolo deve ter. Experimento não é com ela, mas comprometimento é uma das suas virtudes, por isso vamos saber um pouco de Luzia Helena de Freitas Fonseca Rezende, nome grande de monarca, mas com a simplicidade do povo.

Empresária da Olívio J. Fonseca, uma empresa de produtos para lanchonetes e panificadoras, que é nossa Foto Digital desta semana.

Legendas da esquerda para direita: 1. Posse da diretoria Faem; 2. Praça Deodoro com o marido Marcelo; 3. Natal com os pais Socorro e Olívio em Teresina; 4. Réveillon no Rio Poty com seu marido Marcelo e seus filhos Pedro, Lucas e Felipe; 5. Com os ex-presidentes da ACM. Associação Comercial do Maranhão; 6. São João no Ceprama em São Luís; 7. Aniversário da sua avó Luzia Freitas; 8. Comemorando seu aniversário em Teresina com seus pais Socorro e Olívio, seu irmão Olívio Filho e sobrinha Maria Cecília.

Encontrei Luzia numa missa e disse para ela que ligaria à noite para marcar uma entrevista. Nossas operadoras estavam brigadas e os celulares não conseguiam completar a ligação. No dia seguinte, apareci na sua empresa e ela não havia chegado ainda.

Estranhei, pois ela sempre chega à mesma hora. Resolvi ligar e a briga das nossas operadoras continuava. De repente, como um milagre, recebo uma mensagem dela dizendo que estava no médico e que não iria para a loja. É importante deixar claro que não havia marcado com ela. Passei 15 dias tentando fazer essa matéria, mas só depois fui entender o motivo da minha dificuldade.

Luzia é extremamente organizada e planejada, por isso nada com ela funciona com pressão e com imediatismo, bem do estilo do jornalismo.

Fiquei surpreso com esta característica da Luzia. Ela é do tipo que termina um final de semana e chega na segunda-feira querendo saber do esposo o que fará no outro para poder se organizar. Marcelo Rezende, seu marido, entra na sala e comenta: "O dia da Luzia tem que ter 48 horas". Quando perguntei o que não podia faltar na sua mesa imediatamente respondeu: "minha agenda".

Também se ela não for organizada estaria perdida, pois vejamos... Ela cuida da parte administrativa e financeira da empresa, é mãe de 3 adolescentes, esposa, filha e tem o pai como o dono principal das empresas, ou seja, seu patrão e, além disso, Luzia é diretora de treinamento da CDL – Câmara dos Diretores Lojistas – e vice-presidente da ACM – Associação Comercial do Maranhão. Imagina alguém que não seja organizada conseguir administrar tudo isso.

Com 15 anos, essa piauiense, nascida em Teresina, começou a trabalhar. Aos 17 anos, já sabia o que fazer da sua vida, gostaria de continuar o projeto profissional do pai. Tinha definido que faria uma formação em Ciências Contábeis. Começou no setor administrativo da Olívio em Teresina e fazia as férias das funcionárias. Sua carteira é assinada desde aquela época.

No seu 1° vestibular, passou para sua 2ª opção que era filosofia, curso que se arrepende de não ter feito. Como o foco era contábeis, com seu jeito de querer controlar as coisas, ela convenceu sua irmã Maria Iva de fazer vestibular juntas em Fortaleza. Sua irmã não passou, porém seu irmão Olívio Filho, outro que ela conseguiu convencer, foi morar com Luzia em Fortaleza e fez seu curso superior na Unifor – Universidade de Fortaleza.

Enquanto estudava, ela procurou trabalhar.

Apesar de até poder ter uma vida mais fácil como estudante, não é da sua característica ficar parada. De dia fez estágios na Caixa Econômica, numa indústria e no escritório de contabilidade. Tudo isso deu muita experiência para jovem que buscava encarar os negócios da família.

Aos 22 anos, ela volta para trabalhar com o pai, Olívio Joaquim, que é a sua grande inspiração profissional e a pessoa que acreditou de verdade nela. Com ele, Luzia começou a entender não só os negócios, mas a lidar com a figura masculina

como centro da sua vida. Fazia papel de filha e funcionária, pois sem saber o que viria pela frente, sua vida seria marcada por mais 4 homens: seu marido e seus 3 filhos. E ela seria a grande mãe de todos.

Luzia descobriu uma fórmula para lidar com eles. É do tipo meio que trator "ou vocês se enquadram na minha agenda ou vou passando por cima". Claro, com todo o carinho que uma mãe e esposa deve ter, porém com a energia necessária para puxar a orelha de vez em quando e isso incluí o marido. Mas sabe que no final ela perde para todos, pois confessa que seu esposo é o grande amigo, amor da sua vida e que vive intensamente estes momentos com os filhos para não perder nenhum minuto.

Ela não esconde que a ideia de ver os filhos crescendo e indo cada um viver suas vidas é algo que assusta um pouco. Tanto que já programou seu futuro com o esposo para viajar. Acho que ele nem acredita muito nisso, mas se ela determinar, isso vai acontecer.

Uma marca da Luzia é a bondade. Ela não tem apego material e gosta de dar as coisas. Faz calada um trabalho assistencial e não disse na entrevista, mas sei ela deu a primeira mão para muitas pessoas que já foram na sua loja para iniciar um negócio.

Não é a caridade da culpa para justificar alguma coisa. É o ato de ensinar a pescar o que marca Luzia e isso ela traz para sua vida. Comove-se como brasileira de ver que ainda existem crianças fora da escola, mas em nenhum momento colocou culpa em ninguém, talvez por saber que procura fazer sua parte e quem quiser que faça a sua. Quando cobra, deve fazer por outros meios, como o voto por exemplo.

Sua simplicidade é algo muito interessante. Como jornalista, vejo de tudo e tenho oportunidade de viver certas situações, porém ainda me assusta ver o que seria o óbvio: a humildade de quem venceu como algo fora do normal. Ela não tem secretária, sala de espera e atende telefone do público. Algo normal numa empresa vendedora, mas fora dos padrões de alguns empresários que colocam tanta barreira que se esquecem de quem é a grande estrela do negócio: o cliente.

Luzia é diferente de tudo que já vi. É de uma empresa de 45 anos em Teresina e de 25 anos aqui em São Luís. Seus produtos estão em quase 70% das empresas do setor de panificação. Ganhou o respeito do mercado e de outros profissionais. Participa em duas associações de classe de grande importância no Maranhão e conquistou seu espaço com trabalho e muito determinação.

O melhor de Luzia é que nada disso abala seu jeito de ser. Ela continua a mesma, simples, na dela, entende claramente a diferença de promover sua imagem junto com a sua empresa, ao invés de aparecer como pessoa e faz da sua vida um exemplo para quem quer aprender. Procura passar para seus funcionários e clientes toda a sua experiência. Para mim, é sempre uma grata surpresa encontrar pessoas assim.

Uma receita de bolo com Luzia Helena

Nome: Luzia Helena de Freitas Fonseca Rezende.

Dia e mês que nasceu? 27 de dezembro.

Signo? Capricórnio.

Acredita? Acredito na influência dos astros.

Cidade que nasceu? Teresina-PI.

Casada? Sim, 18 anos com Marcelo Rezende.

Filhos? Pedro com 15 anos e os gêmeos Lucas e Felipe com 13.

Empresa? Olívio J. Fonseca.

Ramo? Empresa de produtos para panificação e lanchonetes.

Quando começou a trabalhar? 15 anos.

Quando descobriu que era isso que desejava? Numa viagem de meu pai, percebi que precisava saber mais para ajudar nos negócios.

Pessoas importantes para você? Meus pais: Olívio e Socorro.

O que representa sua família? Minha estrutura.

Saudade de alguém? Minha avó Luzia Freitas.

Como é a chefe Luzia? Já fui muito centralizadora, mas agora delego mais, sou amiga e companheira.

A mãe? Dedicada e chata, pois cobro muito. Apesar da minha vida agitada nunca faltei em atividades dos meus filhos.

O que faz nas horas livres? Ler e adoro ir ao salão de beleza cuidar de mim.

Gosta de fazer o que em casa? Organizar a casa (risos).

O que não pode faltar na sua mesa? Agenda (muitos risos).

E na sua bolsa? Meu batom e cartão de visitas.

Um lema de trabalho? Planejamento (gargalhadas).

A 1ª venda a gente nunca esquece? Um fogão industrial que o cliente não acreditava que funcionaria. Mandei ele trazer a receita para cá e assamos o bolo aqui.

O 1º cliente a gente nunca esquece? Seu João de Deus que tem uma padaria no bairro de mesmo nome: João de Deus.

Um bom bolo é aquele que...? Desmancha na boca.

Uma boa panificadora é aquela que...? Tem uma diversificação de produtos.

Os clientes estão mais exigentes? Estão. Conhecem mais da sua área.

Já vendeu alguma coisa na infância? Sim, fazia e vendia dindin em Teresina, aqui parece que o nome é sacolé.

Uma alegria no trabalho? Um cliente voltar bem estruturado e agradecer pela oportunidade.

O que nunca beberia? Rum.

O que nunca comeria? Como de tudo.

Seu grande amor? Meu esposo Marcelo Rezende que me apoia em tudo.

O que seus filhos representam para você? Uma missão

Se voltasse no tempo mudaria alguma coisa? Faria mais especializações.

O que nunca esquece? A oportunidade que meu pai deu em acreditar em mim.

O que é o passado? Não me ligo. Só lembro das coisas boas.

O que é o presente? Curtir meus filhos antes que cresçam e peguem o mundo.

O que é o futuro? Eu e Marcelo viajando.

Se não fosse na área comercial o que seria? Assistente social.

O que mais marcou sua carreira? Minha forma de desaprender de 8 anos para cá e aprender a me tornar uma nova empresária.

O que mais deixa Luzia triste? Crianças fora da escola.

Sua dica para quem quer montar um negócio? A área de alimentação é muita boa, pois você pode começar de forma caseira ou até com um grande restaurante.

MOTO CLUBE DE SÃO LUÍS
SÓCIO
Nome: MANOEL ALVES FERREIRA
Categoria: CONSELHEIRO
N. Carteira 014
São Luís, 23/06/7
ASS. PRESIDENTE
ASS. DO SÓCIO

LUSITANA

SUPERMERCADOS
LUSITANA

LUSITANA

LUSITANA

LUSITANA

In memorian: eu tive uma experiência profissional com Seu Manoel do Lusitana

Publicado no Jornal Pequeno no dia 14 de agosto de 2009

Nesta semana, o Maranhão perdeu Manoel Alves Ferreira, o Seu Manoel do Lusitana. Contar a história do homem e do empresário para quê, se todos já conhecem? Ele deixou construído, em diversas pessoas, situações inesquecíveis e cada um soube, ou não, tirar o melhor destas experiências. Por isso não vou falar de números e de prédios construídos por ele, vou falar das minhas, não das pessoas que viveram o mesmo momento e tiveram as suas experiências com ele naquela época, mas as que me enriquecem até hoje como exemplos para vida.

Dia 11 de agosto, 10h30 da manhã, acabo de assistir a cerimônia de corpo presente no velório do Seu Manoel. Dou um abraço forte no deputado Afonso Manoel e falo para ele que nosso amigo se foi e Afonso diz: "ele gostava muito de você", e eu dele.

Legendas da esquerda para direita: 1. Seu Manoel e seu sorriso marcante ; 2. com o tio Manoel Reis; 3. Seu Manoel e Dona Rosalina; 4. com os filhos na rua dos abacateiros; 5. com os filhos na Rua do Sol; 6. Carteira de sócio do Moto Clube; 7. Algumas lojas do Grupo Lusitana.

Acaba de fechar o ciclo da história viva de um imigrante português, como muitos outros que chegaram ao Brasil, e fica para o mundo uma história de vida, deste empresário que transformou uma mercearia num dos maiores grupos de varejo do Brasil.

Eu já conhecia Afonso Manoel que no escritório central do Grupo sentava ao lado do Seu Manoel. Um dia, falei para mim mesmo que iria pular para mesa ao lado e negociar com ele. Pular de uma mesa para outra não demorou muito. Fui trabalhar para uma agência de publicidade e resolvi conquistar alguma conta do Grupo Lusitana. Muitos diziam impossível ele fazer algum trabalho comigo: "ele não muda e que não aceita inovações", porém eu via nos olhos do Seu Manoel algo diferente do que falavam e aprendi logo uma coisa com ele: um empresário precisa dar resultados e o que for melhor para as empresas, ele precisa mudar. Comecei com alguns trabalhos para o Garden Shop, uma loja do estilo, hoje O Louvre. A agência fez uma campanha modesta de dia das mães para a loja.

Um dia comecei a perceber que as coisas estavam mudando para mim em relação a ele. Quando precisava falar com Seu Manoel, esperava muito na sala de espera e de uns tempos para cá o meu acesso à sua sala ficou mais fácil e rápido. Nestes dias de longa espera, aconteceu algo que marcou muito minha vida. Um dia, eu me diverti demais, ri na época, mas só alguns anos depois eu entendi o gesto. Ele abre a porta com uma caneta bic vazia na mão e fala para sua secretária: "vai ao depósito, leve esta caneta vazia e traga uma nova". Na hora eu pensei: "que homem pão duro!", mas hoje eu entendo tudo. Ele sabia o verdadeiro valor de cada coisa e isso um empresário tem que saber.

Um dia, eu recebo um telefonema dele marcando uma reunião comigo. No horário, eu estava lá. A porta abre, ele me chama e quando entro, vários profissionais do Lusitana estavam sentados para a reunião. Eu me tremi todo e fiquei pensando o que eu tinha aprontado. E eu aprendo outra lição: ele queria mudar o visual dos cartazes de preços do Lusitana, ou seja, quem olhava para ele nem imaginaria que o detalhe visual dos cartazes de preços do supermercado era algo importante. Ele não parava nunca e se preocupava com os detalhes.

Trabalhando para agência, participamos de uma concorrência de um consórcio entre dois grandes amigos e empresários, Carlos Gaspar da Auvepar e Manoel Ferreira do Lusitana. Montei a estratégia de marketing que defendia a ideia de não levar o nome das empresas e, sim, a assinatura da credibilidade delas. Nossa proposta ganhou e foi criado o consórcio União das empresas Auvepar e Lusitana. Outra lição que aprendi com ele: apesar da pouca idade que eu tinha em relação à dele, ele ouviu e aceitou que a agência detentora da conta da Auvepar fizesse a campanha. Humildade para reconhecer que a outra, naquele momento, foi a melhor.

A partir desse ponto, eu havia conquistado o respeito do Seu Manoel e a amizade dele. Tinha aprendido a lidar melhor com ele, peguei a mania

das canetas futuras coloridas na mesa, pois, para quem não sabe, ele adorava trabalhar com canetas das cores: verde, vermelha e preta na mesa para fazer suas marcações. Nossa sintonia era boa. Então, surgiu uma viagem para o Rio e o início da um novo trabalho de implantação de uma comunicação de mídia do Lusitana cujo projeto só eu e ele sabíamos de verdade. Não tinha cargo e nem salário, ganharia um percentual no resultado: para mim, era o máximo ser sócio do Seu Manoel, mas o melhor é me sentir perto dele, aprendendo e dando palpite em tudo.

Já trabalhando com ele, fomos viajar para um encontro de supermercadistas no Rio de Janeiro. Minha família morava na cidade e resolvi ficar hospedado na casa de minha mãe. Pela manhã, fui para o Hotel Othon tomar café com ele. Na mesa, ele comentava a importância deste evento e das palestras que eu assistiria. Naquela época que não lembro bem o ano, mas talvez final dos 90, o Grupo Lusitana figurava entre os maiores do país. Ele me deu mais uma experiência tomando café: "vamos pegar o ônibus do evento que passa aqui na porta e vai nos levar direto". Eu já sabia que algumas pessoas da área com muito menos dinheiro que ele, alugavam carros, e até com motorista, para mostrar certo poder. Ele com todo seu poder e prestígio que tinha esperava calmamente uma carona de ônibus para o evento. Assisti a um dos maiores eventos da minha vida e ao lado de um dos maiores empresários do Brasil. Uma das palestras foi sobre a importância do marketing e da comunicação na empresa. O quanto a figura de um homem de marketing é fundamental e o empresário que estiver ao lado de um homem deste é moderno. Ao final da palestra ele me chama e me dá um abraço orgulhoso e diz assim: "você viu o que o palestrante falou sobre o homem de marketing?", e eu entendendo sua pergunta dei um sorriso como quem diz: o senhor ao meu lado mostra que enxerga o futuro, não é verdade? Detalhe, o marketing no Brasil não era tão em moda quanto é hoje e, no Maranhão, ninguém pensava ainda. Outra lição: ele enxergava fácil o futuro.

Retornamos e comecei a trabalhar no nosso projeto. Montar out-door no ponto de vendas e nos terrenos do grupo, manter contato com representantes de empresas, criar informativos de vendas e toda uma comunicação de marketing para os pontos de vendas da rede. Mas a vida e o tempo não são como queremos e, sim como Deus quer, e isso só entendi mais tarde. Brigamos, discutimos, pois alguém não ficou satisfeito com o quanto eu ganharia e fiquei sem entender nada. Acabamos nossa parceria, nos afastamos e aquela relação que começava a ficar forte foi se apagando. Mudei minha vida, bati cabeça, perdi negócios. O Lusitana seguiu o caminho dele, existiram mudanças no mercado e, de longe, eu olhava as coisas acontecendo. E não entendia ainda o motivo daquela experiência de estar tão próximo a um dos maiores empresários que conheci e, de repente, tudo acabar.

Os anos se passaram e um dia eu fui ao escritório dele já no São Francisco para alugar o estacionamento do Lusitana Shopping para fazer um evento. Eu bem menos arrogante, já tinha perdido meu orgulho e a pretensão de achar que

sabia muito. Já tinha descoberto que tinha um transtorno e me cuidava, apesar de ainda ter algumas crises depressivas e de hiperatividade que destruíram a minha vida e, enfim, hoje terminaram de vez. Encontrei-o na porta e ele me deu uma olhada e um sorriso. Fomos andando até a sua sala, parecia um labirinto entre corredores e portas. Uma sala menor, bem mais simples da última que frequentava no Centro Administrativo do Lusitana, mas o sorriso e a energia eram os mesmos. Depois de conversar como se nada tivesse acontecido no passado, ele olha para mim e diz assim: "você não é o Luiz que trabalhou comigo?", e deu um sorriso. Não aluguei o estacionamento, nunca mais nos falamos e a última vez que vi seu Manoel foi na Avenida Ferreira Gullar, dirigindo seu carro, olhando fixamente para frente, dei um adeus com a mão, mas ele não me viu.

Não sou do tipo que acha que as pessoas não tiveram defeitos, quando vivas, porque morreram. Claro, para ser um empresário vitorioso ele teve que mandar pessoas embora. Terminar contratos com fornecedores, acabar com lojas que não eram produtivas e até ser injusto algumas vezes. Nem Jesus conseguiu a aceitação de todos. Uma frase tão comum e que muitas vezes é usada pelos fracos para justificar suas fraquezas, o que não era e nunca foi o caso do Seu Manoel e mostra o quanto ser um vencedor é difícil: Seu Manoel foi um trabalhador, um gerador de empregos, um homem de marketing que transformou o ato das compras mensais em fazer um Lusitana. Um visionário e um apaixonado pelo Brasil.

Um homem simples que nunca foi mordido pela mosca azul e conseguiu passar isso para suas gerações. Quantos no Brasil, aqui mesmo no Maranhão ou em São Luís, podem ter uma história como desse imigrante que construiu um império do bem numa época que não se tinha a facilidade de hoje. Seu Manoel deixou uma história linda que ninguém poderá destruir, pois terá sempre um amigo, como eu, pronto para passar a outras gerações os seus feitos.

Com diz o fado a Prece, cantada pela Amália Rodriguez, seu Manoel talvez tenha morrido na praia, não em Portugal, mas na terra que amou e em que fez uma história que ficará viva sempre.

Prece

Letra e música: Alain Oulman/ Pedro Homem de Melo
Talvez que eu morra na praia
Cercada em pérfido banho
Por toda a espuma da praia
Como um pastor que desmaia
No meio do seu rebanho.

Talvez que eu morra na rua
E dê por mim de repente
Em noite fria e sem luar
E mando as pedras da rua
Pisadas por toda a gente.

Talvez que eu morra entre grades
No meio de uma prisão
Porque o mundo além das grades
Venha esquecer as saudades
Que roem meu coração.

Talvez que eu morra de noite
Onde a morte é natural
As mãos em cruz sobre o peito
Das mãos de Deus tudo aceito
Mas que eu morra em Portugal.

facial

Márcia Maciel Antunes

Publicado no Jornal Pequeno em 11 de setembro de 2009

De uma porta e janela para uma das marcas mais respeitadas no mercado maranhense. Assim, de maneira simples, é a trajetória da Facial que no dia 16 de setembro completará 25 anos de existência. A empresa nasceu literalmente da paixão da sua proprietária por um maranhense e de construir muita mais que uma empresa, mas um conceito de qualidade e de vida que é exemplo para todo o Brasil.

Quando falo que os entrevistados e suas empresas são escolhidos por um poder maior que eu, as pessoas não acreditam. Claro que tenho a noção de quem desejo fazer minha matéria, mas entre desejar e conseguir é outra história.

Conheço a Facial há 20 anos e pude manter contato com seus proprietários já aos 10 anos de idade da empresa. Conheci, fiz alguns trabalhos e percebi que ali algo era diferente: tinha um cheiro de sucesso no ar.

Legendas da esquerda para direita: 1. Márcia e sua filha Ainah num ensaio para uma foto profissional 2019; 2. Ela e o marido Garibaldi no cartório da Candelária, foto do casamento ,setembro 1979; 3. Na loja da Facial no Canto da Fabril; 4. Confraternização fim de ano com funcionários dezembro 2019; 5. Foto no laboratório com funcionárias para o dia das mães maio 2018; 6. Márcia e Ainah pelos idos de 1989; 7. Ela em 2020; 8. Márcia e seu filho Guilherme.

De repente, nossos caminhos mudaram e nos perdemos pelo tempo. Semana passada, pedi que a empresária Luzia Helena, da Olívio J. Fonseca, me apresentasse empresárias vencedoras e uma delas foi a farmacêutica Márcia Maciel Antunes, formada em Farmácia e Tecnologia de Cosméticos e Medicamentos pela UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Feliz reencontro este, a Facial vai fazer 25 anos e eu cheguei na hora certa de poder fazer esta matéria. Afinal, quem escolheu? Eu? Será? Ficam as perguntas.

Falar da Facial sem falar da doutora Márcia é impossível. Claro, vou falar um pouco, pois ela terá um Quadro Foto Digital só para ela. Às vezes, me pergunto o que seria do mundo se não existissem gente maluca? Mas, como diria Raul Seixas, "maluco beleza", como doutora Márcia, só sei chamá-la assim, como doutora Márcia e vai ficar.

Por amor a um maranhense, Garibaldi Carvalho, também farmacêutico que acabou virando seu marido. Ela o conheceu em uma festa no Rio de Janeiro, ela uma mineira e ele que trabalhava no Paraná se encontraram e foi amor à primeira vista como numa novela.

Foi chamada de maluca, por isso citei anteriormente o quanto de malucos beleza precisamos. Largou a chefia de qualidade de umas das mais importantes multinacionais e pioneira no setor de cosméticos a Pond's. Era ela quem cuidava de todo o controle e assinava como farmacêutica responsável.

A Pond's foi um sinônimo de beleza para as mulheres desde os anos 50 e foi comprada pela Gessy Lever. Tinha um excelente salário, um status profissional, uma sólida formação, grandes oportunidades de conhecimento internacional, mas a menina maluquinha na época, largou tudo isso e veio para São Luís, grávida acompanhar seu marido.

Muita promessa de empregos tinha aqui, mas imagina São Luís há 30 anos? Imaginou? Se o fator político hoje ainda é forte, naquela época era fundamental. Sua formação era tão boa que nem espaço tinha para ela. Um dia, sentada na escada, grávida, esperando para fazer uma entrevista para trabalhar no que seria o futuro Hemomar.

Sentindo um cansaço grande, uma espera enorme e percebendo o sacrifício que faria para no final tirar um pequeno salário, fazer o que não gostava e algo para que nem tinha estudado: exames laboratoriais, resolveu ir embora e não fez a entrevista. A partir dali, o serviço público perdeu uma excelente funcionária e o mercado acabava de ganhar uma empresa e nem sabia.

Chamou uma amiga, Claúdia Ornellas, também da área e resolveram montar uma empresa de beleza. No início, a grande dificuldade, além de financeira, era colocar o nome da loja. Como as duas vinham da área da saúde, quase que o nome da empresa poderia ter caído na mesmice do mercado nacional.

Elas pensaram em Farmaderme, Dermofarma e por aí vai, até que Nilton Ornellas, marido da

Claúdia e jornalista, tinha que ser um homem de comunicação, veio com o nome Facial e, a partir daquele ponto, ficou e eternizou.

A empresa começou numa casa de porta e janela no Canto do Fabril, local que ainda existe até hoje, só que muito mais ampliado. A sociedade terminou, mas Márcia, junto com seu marido Garibaldi, continuou a tocar os negócios.

A cultura sempre foi de seriedade e um exemplo que pode ilustrar isso bem, foi na época em que o mercado financeiro vivia de especulação. As pessoas aplicavam dinheiro à noite e, no dia seguinte, tinham grandes retornos, os chamados lucros não operacionais.

Nesta época, a Facial tinha acabado de ganhar um financiamento do governo para ampliar a empresa. Todos falavam que eles deviam aplicar no mercado financeiro, o que consistia em desvio de dinheiro e era errado, mas a decisão foi investir no certo e gerar lucros operacionais.

A resposta veio na hora. O programa Pequenas Empresas Grandes Negócios veio a São Luís e gravou uma matéria sobre a farmácia. Como o mercado nacional vivia de especulação, eram poucas as empresas que estavam investindo em produção e a Facial era uma delas. A matéria foi veiculada em todo Brasil e isso deu um grande impulso nos negócios.

Apesar de ser um espaço ainda pequeno, com as imagens feitas e com a edição foi passada para todo mundo a imagem de que era uma grande farmácia. Quando doutora Márcia viajou para um congresso, pessoas de outros estados que assistiram à matéria comentaram como era grande a Facial e ela achava engraçado o que a mídia tinha feito, pois nunca teria dinheiro para fazer o que aconteceu e de graça.

As primeiras vendas foram difíceis, não existia mercado para comprar produtos manipulados e foi grande a dificuldade. Uma pessoa muito importante para a Facial foi o dermatologista Ivanildo Ewerton, já falecido, que tinha uma grande clientela e mandava suas receitas para Facial.

Um caso muito interessante também aconteceu com um médico que doutora Márcia prefere não falar o nome. Ela percebeu que ele só mandava receita de pessoas mais humildes para ela fazer os remédios e das pessoas com mais dinheiro ele mandava para São Paulo. Um dia, ela resolveu saber o motivo disso e foi até lá. Ele comentou que ela deveria trocar de carro, andar de salto alto, vestir roupas de linho, pois ela só gostava de jeans, disse ainda que os clientes dele só gostavam de coisa boa e que a empresa não daria certo naquele bairro.

Se tivesse seguido o conselho dele talvez o seu crescimento fosse mais rápido, porém não seria sólido. Um detalhe: ele não ficou no mercado e ela vai fazer 25 anos de empresa. E como uma frase que eu criei: o que sobe rápido é foguete, mas uma hora vai ter que cair.

O momento muito difícil pelo qual a empresa passou e quase fez com que a empresa acabasse foi quando seu esposo Garibaldi morreu.

Ele é que dava a sustentação ao negócio, além de, é claro, ser o grande amor que impulsionou todo o processo de vinda da doutora Márcia para São Luís.

Ele dava a segurança para ela fazer o que mais gosta que é trabalhar como profissional que se formou. Hoje, ela tem na sua filha, Ainah Maciel, lindo nome, a nova geração. Também farmacêutica segue os caminhos dos pais e, com certeza, o que há de mais importante ela aprendeu: a seriedade na profissão. Talvez tenha aprendido ainda na barriga de sua mãe, quem sabe naquela época da decisão de partir para um negócio próprio, fato é: assimilou tudo.

O produto mais vendido no início da empresa em 1984, era o xampu de jaborandi, uma planta que hoje só existe no Maranhão, contra caspa e queda de cabelo, até hoje vende muito bem. Mas os remédios dermatológicos começaram também a serem produzidos. A empresa passou do desconhecimento ao conhecimento do mercado e pegou a onda da moda de produtos manipulados e agora vive a estabilidade de quem sabe e conhece da importância destes produtos.

Para quem vendia pouco, hoje são mais de 10 mil fórmulas por mês produzidas, vendas por pedidos e no balcão das lojas. Todos os produtos têm venda certa, mas o grande sucesso são os filtros solares. É, com muito orgulho, que doutora Márcia comenta: "Estes produtos são feitos de acordo com o clima que vivemos e por isso o sucesso é total. Dediquei-me para criar filtro solar para os maranhenses. Quem usa volta a comprar e quem não conhece ainda vale a pena conhecer."

Seus principais clientes são os médicos, mas atende muito no balcão e muitos são fiéis. Nestes 25 anos já passou muita gente pela empresa. Funcionário já morreu, viu casamentos, separações e clientes fiéis como a lavadeira dona Maria que guardava seu dinheiro para tratar da sua pele, apesar de humilde e o produto ser caro para ela, sabia da importância e tinha a vaidade de cuidar da sua pele. Ela trazia suas economias e só queria comprar com a doutora Márcia, pois sabia que ela iria fazer um desconto.

A lavadeira chegava com seu filho pequeno puxando-o pelas mãos e isso não saiu da memória da empresária. Um dia, ela foi comprar um carro e na loja um rapaz que era o vendedor reconheceu a farmacêutica e apresentou-se como filho da Maria. Doutora Márcia faz um comentário:

> "foi muito emocionante o reencontro, mesmo sabendo da morte da mãe, foi bom saber que a Facial fez uma história na família daquele rapaz"

A Facial não para, fruto de uma boa mineira que não fica quieta. O grande projeto é a indústria de cosmético. Já está tudo preparado. Claro que a ideia não é nada gigantesco, isso não é do estilo da empresa.

Mas está tudo encaminhado para o Maranhão ter, em breve, uma indústria na área da beleza de qualidade e voltada para vida.

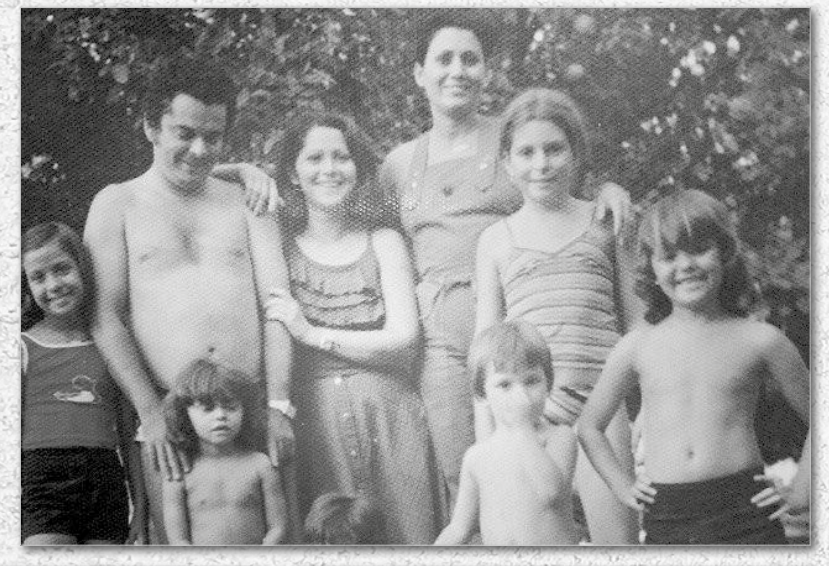
Começou porta e janela e hoje são 6 lojas, duas próprias e quatro franquias. Começou com 1 funcionário e hoje diretamente são 60. No início, vendia xampu de jaborandi e, hoje, são mais de 10 mil fórmulas mês.

Formou e forma mão de obra para o mercado que cresce. Fez o mercado e conseguiu ficar nele durante 25 anos, o que é difícil. Passou por tempo bom e por muitas tempestades. Teve que conviver com pessoas que tinham como único objetivo o dinheiro e tirar um pedaço da Facial. Mas, mesmo os que conseguiram algum proveito, não podem saborear o que a Facial e seus verdadeiros profissionais podem.

Deitar, dormir e saber que hoje cumpriram a sua missão com honestidade e que amanhã podem acordar e ter uma empresa para trabalhar novamente para manter o compromisso com a qualidade e com a vida dos seus clientes. Este compromisso a Facial tem e mantém até hoje.

Parabéns a todos que trabalham na Facial. Parabéns para o mercado que tem a Facial.

SEXO PARA MAIORES DE
18
PIROCADAS
AVULSAS



Mônica Moreira Lima

Publicado 27 de novembro de 2009

> "...Os homens que amei (três ao todo) me deram 3 coisas: chifre, porrada e despesa..."

Mônica é jornalista, radialista, escritora e tudo mais que a comunicação tem para oferecer ela quiser fazer. Mãe dedicada, divide seu tempo entre seu trabalho e seus filhos: suas grandes paixões. Nada demais, quantas mulheres não são assim? Mas ela tem algo que a torna especial, que mexe com as pessoas e faz o imaginário dos homens entrar em crise e as mulheres enlouquecerem. Quando fala de relacionamentos, ela não mede palavras, diz de forma direta tudo o que pensa sobre o assunto. Neste texto, com meu jeito de escrever, tento mostrar um pouco desta mulher e o momento que ela vive. Nossa Foto Digital desta semana é Mônica Moreira Lima.

Legendas da esquerda para direita: 1. Mônica no descanso de uma boa rede; 2. Mônica e seu pai, Bento Moreira Lima Neto; 3. Mônica com seus livros publicados; 4. Com suas filhas Ludmilla e Rafaella, e sobrinhas Mariana e Tatiana; 5. Férias em Colinas; 6. Pai Bento e Mãe Elci com 4 dos 5 filhos: Guto, Cynthia, Nize e Mônica; 7. Mônica com seus 3 filhos: Lud, Rafa e Matheus; 8. Mônica e o governador Flávio Dino.

Conheço-a como profissional há 19 anos e reencontrei Mônica no mundo virtual quando mudava meu Orkut. Encontrei num daqueles convites que o site coloca sugerindo novos amigos o perfil dela. Resolvi fazer o convite e ela aceitou ser minha amiga virtual. Deixei um recado antes de viajar que gostaria de fazer um perfil do meu estilo com ela.

Na volta, reforcei o convite e foi aceito. Lendo o "Quem sou eu" no site de relacionamento dela, vi algo muito interessante que me fez querer entrevistá-la ainda mais: "...Os homens que amei (três ao todo) me deram 3 coisas: chifre, porrada e despesa...". Genial!

Comentei com algumas pessoas que iria entrevistá-la e foi muito engraçada a reação delas: "Aquela louca", "ela é doida" e isso só me dava mais vontade de conversar com ela. Já notou como o ser humano tem uma necessidade de rotular as pessoas que falam o que pensam como loucos. Erasmo de Rotterdam uma figura marcante do Renascimento dizia "A pior das loucuras é, sem dúvida, pretender ser sensato num mundo de doidos." Depois da nossa conversa, vi nela muita coerência e praticidade, claro que tudo tem um preço a pagar e ela não tem medo disso.

Chego para minha entrevista na TV Maranhense que reproduz a Bandeirantes em São Luís e sou conduzido ao estúdio onde ela gravava o seu programa que vai ao ar todo dia das 6:30h às 7:00h.

Lá encontro ela sentada com seu entrevistado, vestida de forma profissional e muito elegante. De longe, eu olhava o jeito tranquilo na sua fala, de forma suave e segura conduzia o entrevistado.

No final, fomos para a redação de jornalismo fazer a entrevista. Com ela, não tem frescura de sala fechada, pois o que ela teria que falar não seria nenhuma novidade e nem faz segredo das suas posições e convicções. Na frente de todos, nossa conversa aconteceu entre momentos de falar manso e de aumentar o tom de voz.

Mônica começou a trabalhar aos 17 anos na Rádio Universidade. Logo que entrou para o curso de comunicação, houve uma seleção para a Rádio e ela foi logo aprovada.

Sua escolha por comunicação foi algo natural, pois desde criança, principalmente no Colégio Marista, tudo que tinha uma ligação com escrever, apresentar, ou seja, tudo que tinha um palco era Mônica a escolhida e sem nenhum medo ela assumia este lado de estrela que tem. Como já gostava de um holofote.

Ela naturalmente entrou no mundo do jornalismo com muita facilidade, nada foi problema na sua profissão. Quando apareceu no vídeo como apresentadora, foi de um teste de estúdio para ir ao ar no mesmo dia e isso não é nada fácil para quem inicia a carreira nesta área.

Começou a ser conhecida em São Luís, profissional que já mostrava seu talento e, acima de tudo, começava a impor seu estilo. Sua beleza nunca ofuscou sua competência, pois, muita culta, conseguia mostrar que atrás de um rostinho bonito pode sim ter uma mulher capaz.

Em 1995, uma nova Mônica se apresentava à cidade, ao Brasil e talvez até mesmo para muitos que viviam ao lado dela e que até podiam imaginar tal atitude, mas não é que ela faria mesmo.

Num texto no quadro Ponto de Vista, da Revista Veja, que tinha uma grande circulação na época. Ela publicou um artigo com o título "Ex-mulher virou profissão" (quem quiser ler este artigo basta acessar o nosso site www.todoconceito.com.br e no perfil da Mônica na home clicar no link).

Falava sobre a prisão do seu marido na época que ele estava desempregado. A prisão foi pedida pela ex-esposa por falta de pagamento de pensão alimentícia e um valor exorbitante. Mesmo ela não precisando e sabendo da situação que o pai dos filhos dela estava passando sem emprego naquele momento. Para Mônica foi por puro egoísmo. Seu artigo foi muito forte e abalou, em todos os sentidos, a cidade.

Mônica escancarou para o Brasil toda a imoralidade de uma pessoa que se utilizou da lei cuja finalidade é proteger os filhos de pais irresponsáveis que não querem realmente pagar pensão. A lei ainda é utilizada como arma de vingança por mulheres que fazem isso a fim de agredir o ex, quem ela disse um dia amar. Isso foi um divisor de águas na vida pessoal e, acima de tudo, profissional da jornalista e mulher Mônica.

A partir deste ponto, as pessoas começaram a olhar para ela com outros olhos, claro muitos para apontar e julgar, mas também para aplaudir e valorizar sua atitude.

Sua metralhadora, que estava reservada para poucos, começou a ser usada para revelar sua indignação em outras áreas. Ela comenta: "não existe imprensa livre ou empresa de comunicação livre, pois todas têm donos e linha editorial a seguir, porém sempre procuro falar o que acho justo e uso hoje o meu espaço para fazer um jornalismo de cidadania e procuro respeitar o meu patrão".

Quer provocar Mônica para falar mesmo, basta tocar no assunto relacionamento, homens e casamento. Ela solta o verbo mesmo. Autora do livro "Sexo para maiores de 18(cm)", ela expõe seus pensamentos, experiências e situações vividas. E faz um comentário muito engraçado. "Os homens estão com medo de mim, pois acham que, no dia seguinte, vão virar artigo ou capitulo de livro".

Eu pergunto se ela pensa em casar novamente? "Não penso nisso e não estou aberta para tal coisa". Quem lê isso pode achar que ela é frustrada ou tem algum problema com os homens, mas conversando com ela percebi muito bem que não é nada disso.

Num outro comentário, ela deixa bem claro: "Não vejo diferença entre uma prostituta que cobra para fazer sexo de uma mulher que mantém uma relação de fachada para manter seu sustento ou posição". Chocado? Leia o livro!

Na verdade, ela não tem nada contra homens e casamento. O que ela acredita é que a relação do tipo: isso eu não faço com a mãe dos meus filhos, porém na rua paga para fazer, ou do estilo: ele

apronta, mas não deixa faltar nada em casa, entre outras coisas. Para ela, é uma tremenda hipocrisia e um casamento de fachada.

Este negócio de homem procurar mulher para ser sua outra mãe ou uma boa dona de casa que vai manter sua comida pronta e roupa em dia não é para ela. Uma relação deve ser maior que estes atos primários e básicos. Não precisam casar, como se diz, de papel passado para isso acontecer. Nada do que uma boa funcionária que possa cumprir estes serviços. Importante deixar claro: nas férias, da sua empregada ela faz trabalhos de casa normalmente.

Ela é prática. Para ela, este negócio de príncipe encantado não existe e, se alguém pensa assim, ela respeita, mas não venham impor para ela que isto é o ideal de vida que vai ouvir.

Procura educar seus filhos de forma objetiva, liberal e, até agora, ela vem conseguindo sucesso na criação como ela mesma falou.

Fala sobre tudo com eles e principalmente com suas filhas. De sexo, drogas, camisinha, namorados e outros temas, que para muitos pais podem ser um tabu, ela trata com naturalidade. E completa "Se o namorado da minha filha quiser dormir na minha casa, eu deixo".

Ela disse que o motivo da sua separação foi a violência que houve pelo seu ex-marido, o mesmo que a levou a fazer o artigo, e cuja cela ela foi lavar para dar mais dignidade para ele.

Mas algo me chamou atenção e me fez respeitar muito mais esta mulher. Ela reconhece hoje que a violência dele, ela detesta todas as formas, poderia ser algum transtorno e que pode ser tratável. Tem total gratidão por ele, é amiga e mantém contato diário para conversar sobre as filhas e disse ainda que, antes de terminar tudo e se divorciar, tentou várias vezes manter a relação.

Uma mulher que tem 3 filhos, uma de 18 anos, Ludmilla (que faz psicologia), outra de 17, Rafaella (que passou para engenharia civil) e Matheus com 6 anos, foi casada 10 anos, lutou pelo seu marido quando foi preso, saiu com dignidade do casamento. Pode ser rotulada de frustrada ou que foi ou é mal amada? Fica a pergunta para você responder.

Depois que terminamos a entrevista, começamos a falar de problemas comuns. Uma coisa que já tinha aprendido e ela também aprendeu é que não há necessidade de representar mais um papel para ser aceito pelos outros. Ela não precisa ser aceita pelo carro que tem ou pelo cargo que assumiu, pois ela tem ao lado dela pessoas que gostam realmente da Mônica pelo que ela é e tem no momento. Vive o momento e isso basta.

Mônica poderia fazer o tipo bem casada, dos padrões hipócritas que ela mesmo define, e arrumar um bom emprego de esposa, fazendo figuração como acompanhante. É uma mulher bonita, culta e agregaria valor ao homem que conseguiu ter alguma coisa na vida e precisa disto para mostrar em forma o seu sucesso. Quantos não fazem isso? Mas ela prefere sua independência total, a pior da dependência é a moral, aquela que torna

o ser humano um objeto decorativo de uma relação falsa.

Mônica pode ser tudo que os outros quiserem falar. Tudo isso por quê? Ela tem talento e personalidade para se expor na vitrine. Só se coloca na vitrine quem tem capacidade para se mostrar, beleza e tem que ser coisa boa para mostrar, pois é na vitrine que ficam os melhores para atrair o público e que realmente fazem acontecer.

Termino meu texto com duas frases do Luiz Fernando Veríssimo um autor que ela adora: "Seus amigos de verdade amam você de qualquer jeito." E a outra "Nunca tenha medo de tentar algo novo. Lembre-se de que um amador solitário construiu a Arca. Um grande grupo de profissionais construiu o Titanic." Ela não tem medo de ser ela mesma e isso ninguém pode tirar dela.

Pensamentos de Mônica Moreira Lima

O jornalismo? Tem que ser de cidadania e é o que faço.

Melhor criação? Meus filhos

Vocação? Para ser mãe

Tempo livre? Yoga, ler e dançar

Na sua bolsa? Tem que ter camisinha, chocolate e dinheiro

Signo? Touro

Saudade? Da minha sobrinha Stephanie que morreu com 12 anos

Seu trabalho? Não tem rotina e cada dia tem algo novo

Não esqueço...? Minha experiência na natação com o professor Gilson Nina

Outra profissão? Seria psicóloga

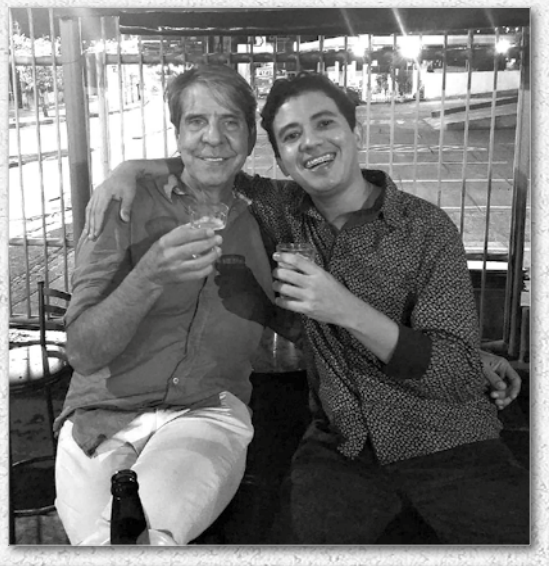
Eu fico triste...? Com o imponderável. Com coisas que acontecem e que nada é possível fazer. Mesmo que você tenha muito dinheiro.

Uma mão para você...? Rômulo Barbosa, Marco Antonio Vieira da Silva e Manoel Ribeiro

Mônica por Mônica

Mulher à frente do seu tempo e sem medo de ser feliz

Emy
84 anos
Emy
84 anos



Moraes Jr. in memorian: um apaixonado pela Cultura

Existe uma frase que diz assim: o show tem de continuar, porém no dia 02 de outubro 2021, o show não pode continuar, não em virtude da covid, mas porque o amigo e produtor cultural Moraes Jr. faleceu/desencarnou. Uma final de espetáculo que ninguém que amava Moraes queira assistir. O último acorde que tocou fundo no coração dos amigos e admiradores desse bravo trabalhador pela arte. Foi de repente que a doença se instalou e foi de repente que Moraes se foi.

Moraes foi um show maravilhoso, uma peça de teatro maravilhosa, que a gente não queria que acabasse, mas infelizmente acabou. Não teve bis, foi como deveria ser, pois nenhum de nós que o amava gostaria de ver essa grande pessoa sofrer diante de tanta alegria que nos deu e amor pela vida que tinha.

Moraes Jr. era querido de todos. Um excelente ser humano, ajudava as pessoas que sempre precisavam de ajuda. Profissional que viveu num meio muito disputado e de muitas vaidades, porém como um profissional sério e exigente, soube lidar como poucos com essas adversidades.

Quantos "nãos" precisou dar para alguém que gostaria de ter um ingresso do seu show, visitar um camarim de um artista, mas que ele não podia fazer por várias circunstâncias. Dizem que até o "não" dele era muito gentil. Era um "não" que sempre procurava explicar o motivo com muito carinho.

Legendas da esquerda para direita: 1. ele com mamãe; 2. O menino Moraes; 3. Com o amigo Miguel Falabella; 4. Na época do cabelo grande; 5. Moraes Jr; 6. ele com Bruno; 7. Carlos Henrique, Silvia, Dora, mamãe e eu.; 8. O 3 da primeira fileira no alto.

Moraes nasceu em São Luís em 13 de junho de 1962, às 21:30 (horário que muitos espetáculos iniciam), filho de Francisco Benedicto e Emy de Nazareth (uma grande paixão na sua vida), irmão de Silvia, Dora, Francy, Carlos e o amor do Hudson.

Amigo de muita gente, mas, em especial, na adolescência de Cabral Marques, Solange Bayma, Irlana, Lenita Sá, Ivanara, Assis Gondim Filho, Vânia Habibe, Rita Fiquene, Walber Santana, Cristina Santana.

Com Irlana, gostava de pular o muro do Colégio Marista para esperar os artistas que chegavam ao Maranhão. Quem diria que no futuro não precisaria mais pular muro, pois os artistas chegariam por suas mãos.

Apesar da forma gentil com que lidava com as pessoas, não se iludem, pois quando se falava do lado profissional, era muito exigente, perfeccionista e queria tudo certo, pois o seu grande prazer era ver a casa cheia, não pelo dinheiro em si que é importante, mas pela alegria em dar o melhor para o publico que prestigiava seus eventos.

Uma pessoa simples, com paz no coração, gostava de beber com os amigos, comer esfirra, cachorro-quente na Praça Deodoro e ir para Alcântara. Quando adolescente, gostava de andar de bicicleta, ouvir músicas e ler.

Resolvi fazer essa homenagem ao amigo Moraes Jr, porque ele merece. Fiz em vida também, quando o entrevistei para televisão no Teatro Artur Azevedo, porém seria injusto escrever sozinho esse texto, por isso quero acrescentar alguns depoimentos de pessoas que conviveram diretamente com ele, como o caso das irmãs Adriana Vieira e Danielle Vieira, donas da InterMídia.

"Despedida ao amigo que foi morar no céu.

No palco da vida real, brilham mais aqueles que são puros de coração e de alma leve… Assim como você, que brilhou para tanta gente, amigo querido!

Moraes Jr. trabalhava nos bastidores das produções artísticas e com seu trabalho nos fez rir, chorar, emocionar. Fez muito pelo teatro e formou grandes plateias… Era uma pessoa boa, simples, seu sorriso parecia iluminar o rosto competindo em brilho com seu belo par de olhos claros. Há quem diga que olhos são espelhos da alma. Nós cremos nisso e Moraes Jr. tinha tanto os olhos, quanto a alma, lindos!

Fizemos várias parcerias profissionais juntos e, além de bons trabalhos, sempre era divertido estar com ele.

Hoje, ele foi brilhar no céu e deixou o nosso palco da vida aqui, bem desfalcado de seu alto astral.

Espiritualizado, inteligente e gentil, nosso querido amigo fará falta e sua partida nos dói muito. Mas nos consola acreditar que agora está livre de dores e nos braços do Pai.

Estaríamos juntos em um próximo trabalho especial, a divulgação local do musical sobre Alcione que ele desde o início estava envolvido, dando todo o suporte aos seus amigos Jô Santana, produtor, e Miguel Falabella, diretor. Mas não deu tempo dessa vez…

Mas fica entre nós o seu legado de amor e dignidade. Feliz daquele que parte, mas deixa um pouco de si em nossas lembranças.

Pessoas como Moraes Jr. só partem, mas ficam para sempre em nossas melhores lembranças!

Vá em paz, querido Moraes Jr., e obrigada por ter nos emocionado tanto com sua arte em vida."

Moraes gostava de muitos artistas citarei alguns: Nany People, Elizabeth Savala, Aracy Balabanian, Ary Fontoura, Lucélia Santos, Sérgio Mamberti, entre outros. Ele trabalhava no que gostava de fazer e ainda ganhava por isso, tinha muito prazer no que fazia e sempre com muito respeito ao artista e ao público.

Moraes contou uma vez que quando trouxe a Luana Piovani para fazer um espetáculo aqui em São Luís, muitas pessoas o alertaram sobre a dificuldade em trabalhar com a artista, porém ele disse que não teve problema algum, pois o que muitos achavam ser estrelismo, ele via com profissionalismo dela e como ele também era profissional não teve problema.

Outro caso foi do Miguel Falabella, mais uma vez disseram que ele teria dificuldade em trabalhar com o Miguel, porém aconteceu a mesma coisa com a Luana. Não teve problema algum e virou até amigo do artista e muitas vezes se encontraram no Rio de Janeiro. Ele tratava o artista de forma normal e respeitosa, sem estrelismo, com respeito profissional e ganhava em troca a mesma coisa.

Aos 17 anos, queria ser ator, mas decorar textos, ensaios, entre outros dava muita irritação. Uma vez, conheceu o produtor do show de Gal Costa, em 1985, que confidenciou não querer vir mais fazer show aqui, pois não encontrava produtores. Com senso de oportunidade, Moraes se ofereceu para ajudá-lo e aprender a fazer esse trabalho. Deu certo e ele lançou o seu primeiro espetáculo que foi "Dona Flor e seus dois maridos" de grande sucesso e não parou mais.

Ele passou por muitas dificuldades, principalmente por trabalhar na Cultura, pois não é fácil, falta de apoio e da baixa valorização dos eventuais culturais. Muitos sucessos, mas também projetos que não deram certos como esperava. Porém nunca perdeu a fé e até dizia que "fé é tudo. Fé verdadeira é tudo no tempo de Deus".

Essa sua fé era encontrada na Igreja Messiânica, no seu líder Meishu Sama um pilar para ele e que teve a oportunidade de viajar duas vezes ao Japão para conhecer a origem dela.

Mais uma amiga que vai participar desse texto também. A artista Nanny People.

"Moraes Jr era uma luz. Moraes Jr. foi um dos maiores homens do teatro que conheci, uma das maiores pessoas, mais brilhantes e humanitárias. Um dos homens mais queridos que conheci na minha vida. Ele era um homem que tinha amor pela vida e pelas pessoas, pelo próximo, respeito e uma alegria de viver. Uma celebração com a vida e isso era direcionado no trabalho dele.

A gentileza que ele tinha em conviver com as pessoas da imprensa, das produções de televisão. O Brasil inteiro conheceu Moraes Jr. pelo trabalho dele em São Luís e as pessoas de teatro e todas as companhias foram a São Luís pe-

las mãos de Moraes Jr. Era um irmão que a vida me deu. Uma pessoa divertida e muito querida. Um homem brilhante. Tenho muitas saudades dele." Esse era Moraes, um homem brilhante e amado pelos artistas.

Outro amigo que também vai participar com um depoimento é o Promotor de Justiça José Cláudio Cabral Marques.

"Conheço Moares Jr desde os 5 anos de idade. Fizemos o antigo pré-primário nos Irmãos Maristas. Nós temos uma foto com 5 anos de idade lá no pátio do colégio. Sempre fazemos uma reunião com os amigos do Colégio e Moraes sempre aparecia com aquele jeitão dele brincalhão. Ele era muito querido e respeitado pela gente. Amado por todos nós!

Dos meus 15 anos até meus 20 anos, passei a ter um contato novamente maior com Moraes Jr. A gente sempre saia juntos, ele sempre teve uma situação financeira melhor que a minha e que possibilitava sair de carro, ir a algum bar e até mesmo um restaurante. A gente fez muita farra juntos.

A família dele tinha uma casa na beira da praia e um barco (nome Libra) lá em Ribamar. A casa muito bonita e parecia um catamarã. Nós íamos final de semana e era uma festa.

A lembrança que tenho de Moraes sempre é de uma pessoa muito alegre, extrovertida e isso foi se desenhando na vida dele. Lá no Marista nos primeiros anos, ele era tímido. Ele sempre foi uma pessoa diferenciada.

De volta a São Luís depois de muitas idas e vindas, reencontro Moraes como produtor cultural. A última vez que conversamos, só nós dois, foi lá no Tropical Shopping, num final de tarde. Eu estava passeando e ele estava sozinho indo para um cinema no Shopping São Luís.

Tivemos a oportunidade de relembrar muitas coisas e foi aí que comecei a entender essa nova vida profissional dele, os relacionamentos que ele teve, as dificuldades da vida, com episódios bem fortes, bem trágicos, mas ele superou todos com muita vontade de viver e aproveitando sempre o melhor da vida.

Fica uma saudade grande do Moraes Jr. Ele sempre está nas minhas orações, nos meus pensamentos e fica faltando no nosso grupo de amigos a presença dele.

Moraes deixou uma mensagem pra mim através de Madalena que mostrava como era a nossa relação de irmãos, de pessoas que se amam. Eu lembro na missa de 7º sétimo dia dele e chorei muito. Fui honrosamente convidado a ler uma passagem bíblica.

Fica esse depoimento do amigo, irmão que amou e respeitou muito esse ser humano que é Moraes Jr. Fica muita saudade e tenho certeza de tudo que ele fez aqui está num bom lugar. Moraes era gente boa. Gente do bem."

Amizade sincera é tudo e Moraes era muito fiel nas suas relações. Sempre cultivou um amor verdadeiro pelos seus amigos e pelas pessoas que conviviam com ele.

Quem olhava pra ele não percebia se estava ou não com um problema, pois sempre procurava transparecer felicidade para as pessoas, não que fosse uma forma de esconder, mas sim de acreditar que tudo na vida passa e não adianta ficar se lamentando. Estamos de passagem nesta vida.

Tentando fazer esse texto tive um apoio fundamental da sua irmã Francy que conseguiu alguns depoimentos e, claro, deixou o seu falando como está sendo viver sem Moraes na sua vida.

"O que falar de Moraes Jr.? É tão fácil e, ao mesmo tempo, muito difícil. Moraes é uma pessoa ímpar na minha vida. É meu irmão. Minha alma gêmea, meu bebê. É minha vida Moraes para mim.

No dia 02 de outubro quando ele se foi, levou mais da metade de mim e hoje, não consigo mais viver como era com ele. Moraes era a minha energia, meu dia a dia, a minha flor e a minha luz. A minha vontade de viver. Quando foi descoberto o problema que ele teve, Moraes me disse que foi o pior dia da vida dele. Desde desse dia, nós fizemos uma simbiose, acompanhei ele em tudo e, de repente, ele me deixou.

Ele se preparou para partir, pois recebeu e fez muitas orações e disse: 'Minha irmã, se não tiver cura, quero ir pelo menos iluminado' e ele foi e continua sendo esse ser iluminado que sempre foi. A bondade em pessoa, um ser inexplicável. Mensurar o amor que sinto por Moraes é impossível. Muito difícil.

Desde a infância e na adolescência, sempre fomos muito ligados um com o outro. Muito cumplices, mas quando eu fazia alguma coisa errada, ele me chamava a atenção. E eu sempre obedeci. Fui embora muito cedo de São Luís. Fiquei 30 anos no Rio de Janeiro, mas sempre quando ele ia, lá ficava comigo e íamos a todas as festas, teatros, nos divertíamos. Ele comprava muitos presentes e a companhia dele era tudo de bom.

Quando fui embora do Maranhão, quem me levou ao aeroporto foi ele. Essa gratidão por esse ser humano é imensurável. Não é fácil perder um irmão que tanto eu amava nessa vida. E muitas vezes me pego acordada ele dizendo assim 'minha irmã, bebê, eu vou passar ai pra te buscar pra gente ir a igreja'. E hoje em dia, ele não passa mais para me buscar, está muito difícil.

Já faz 4 meses, mas é como se fosse ontem e cada dia que passa a dor e a saudade sempre aumenta. É muito triste acordar e não ter ele aqui."

Ao ler esse depoimento é que a ficha caiu: Moraes Jr. morreu. É estranho, para mim, escrever o verbo no passado para falar dele. Moraes sempre foi presente e futuro. Viveu a frente do seu tempo. Trouxe cultura e lazer para os maranhenses. Chorou, riu, ficou triste e viveu intensamente.

Como escrevi no início: o show não pode parar. Realmente não pode, mas para os amigos de Moraes Jr., assistir, por exemplo, a uma peça de teatro no Artur Azevedo e saber que ele não está produzindo não vai ser fácil. O show deu uma parada, mas nosso amor, carinho, respeito e gratidão por você, Moraes Jr., não para nunca. Essa homenagem é bem pequena, perto de tudo que você fez para o Maranhão, seu povo e amigos.

Organização
Pan-Americana
da Saúde
Organização
Mundial da Saúde
Américas
MISSÃO

Phil Camarão: um grande campeão da vida

Publicado no Jornal Pequeno no dia 07 de março de 2018

Nosso Todo Conceito perfil de hoje é com o médico, diretor do PAM Diamante e grande desportista, Louis Philip Moses Camarão, mais conhecido como Phil Camarão. O Philip é em homenagem ao príncipe da Inglaterra e Louis, pois todos os primeiros netos por parte de pai têm o primeiro nome de Luís em homenagem ao avô.

Os avós maternos eram ingleses, já os paternos, o avô cearense e a avó maranhense. A mãe americana era professora de língua inglesa e o pai Felipe Camarão, além de empresário, foi um dos maiores nadadores de todos os tempos que existiu aqui no Maranhão. Desta boa combinação nasceu Phil Camarão.

Por causa do filho Felipe Camarão, eu sempre tive vontade de conhecer o pai Phil.

Sempre me chamou a atenção pela forma educada que Felipe age com as pessoas e, claro, isso vem de berço e, com certeza, a sua criação veio de pessoas diferentes do padrão.

Legendas da esquerda para direita: 1. Reunião da Câmara Temática de Saúde na OPAS; 2. Acadêmico da faculdade de medicina na UFMA; 3. Recebendo homenagem; 4. com o filho Felipe: 5. com Felipe, Juliana e Bruna no Rio de Janeiro; 6. Agradecendo homenagem na Câmara de Vereadores; 7. Com a seleção maranhense de basquete indo pra Feira de Santana-BA; 8. Família Camarão.

Para comprovar o que digo, solicitei para Felipe escrever algo sobre o pai e ele disse:

> "Meu pai representa para mim tudo na construção na minha vida. É a minha referência como homem, caráter, gestor e eu atribuo a habilidade de tratar e de ajudar as pessoas como uma das características que aprendi e herdei. Em tudo que faço na vida, ele é meu espelho".

Já sei que, após ler este depoimento do filho Phil, ele já vai se emocionar, durante muitas vezes na nossa conversa ele ficou muito emocionado. Um campeão que sabe da importância de chorar, não por fraqueza, mas como forma de externalizar seus sentimentos de vencedor, pois saber que um filho pensa assim dele é uma grande vitória.

Nosso perfil estudou a vida inteira no Colégio Batista e tem eterna gratidão a várias pessoas, mas, em especial, ao querido e já falecido professor Emilio Marins que o ajudou na sua formação e aos professores Dimas e Figueiredo que ajudaram na sua vida desportiva.

Diz que filho de peixe peixinho é. Como o pai foi um grande atleta, Phil não podia ser diferente. Ele praticou vários esportes como: basquete, natação, tênis de mesa, handebol, ufa, perdi a conta.

Em todos os esportes, sempre se deu bem, sempre venceu, mas no handebol tem uma grande história que vale destaque com sua conquista inicial. Phil foi o primeiro artilheiro de handebol do JEMs – Jogos Escolares Maranhenses – e jogou num time que foi Campeão Brasileiro de Handebol em 1978 formado por Mangueirão, Álvaro, Luís Fernando, Rubinho, Paulão, Viché, Biguá, Tião e outros campeões.

Em virtude do esporte, foi homenageado pelo Troféu Mirante. Já foi considerado um dos melhores secretários de Esportes do Maranhão e exerceu cargos públicos desde o governo Luís Rocha. Não é para qualquer um.

A vida do campeão Phil não foi nada fácil. No auge, teve um acidente e cortou o braço direito quando cursava o primeiro período de medicina. Não teve jeito, foi obrigado a interromper tudo que mais gostava.

No momento de uma das várias cirurgias que fez, adquiriu a hepatite C pela má qualidade do sangue aplicado, teve duas pancreatites e foi submetido a um transplante de fígado. Depois de tudo resolvido, já bom de saúde, foi jogar handebol, caiu bateu a cabeça e teve que fazer duas cirurgias.

Como disse uma vez Airton Sena um ídolo para ele: "Acidentes são inesperados e indesejados, mas fazem parte da vida" e Phil do seu jeito sempre encarou de frente os problemas.

Em seguida, perdeu também o pai, uma das pessoas que mais amava na vida. A família tinha uma escola chamada John Kennedy Center com 3 mil alunos e, em 6 meses da morte do seu Felipe, a escola fechou.

O pai administrava tudo e a mãe dona Jean coordenava tudo e dava aula. Foi um grande abalo na sua vida. Teve que ir para o Rio de Janeiro, fazer o sexto ano de medicina e recomeçar do zero, sem nada, ou melhor, levou com ele o seu espirito de vencedor.

Para nosso perfil tudo isso foi um divisor de água que, hoje analisando como cristão que é, foi algo de grande referência para ser o homem que se tornou.

Depois de grandes abalos, a vida começou a clarear. Passou no concurso do Ministério da Saúde e, no Rio de Janeiro, conheceu o grande amor da sua vida, a sua esposa Rita Camarão com quem está casado há 36 anos.

Na Cidade Maravilhosa, nasceram os filhos: Felipe, Juliana e Bruna e já que falo dos filhos, segue mais um depoimento para emocionar o Phil que é da sua filha Juliana Camarão:

"Meu pai é uma referência em tudo na minha vida. A importância dele abrange toda a sua existência – é a referência de amor, carinho, preocupação, de cuidado e zelo. É a inspiração para a educação dos meus filhos, referência como pai, atleta, marido, irmão, filho e uma inspiração"

Talvez uma das grandes inspirações que os filhos devem ter é que Phil não gosta de perder, não lida bem com a derrota, sabe perder, mas não lida bem. Num Brasil chato do politicamente correto em que hoje vivemos, alguém assumir que não gosta de perder parece até arrogância, mas nada disso. Na boa, quem gosta de perder? O segredo de um grande vencedor é reconhecer quando alguém num momento foi melhor e isso Phil Camarão sabe fazer e ensinou aos filhos.

E agora mais um pensamento do seu ídolo Airton Sena para homenagear o Phil: "No que diz respeito ao empenho, ao compromisso, ao esforço, à dedicação, não existe meio termo. Ou você faz uma coisa bem feita ou não faz."

Phil Camarão me disse que procura fazer tudo perfeito, tem um estilo perfeccionista, daquele que procura chegar cedo e dar exemplo. Na infância, preferia apanhar do que levar um carão ou bronca por não ter feito o que foi pedido, por isso fazia tudo certo, mas tem a total consciência que hoje não faz nada sozinho.

Não gosta de impor nada, só para dar um exemplo simples na sua família: Phil é botafoguense, dona Rita é vascaína e Felipe, muito inteligente, virou flamenguista. É sempre normal, principalmente na escolha do time de preferência, direcionar o filho para torcer pelo seu time e não fez isso com Felipe.

Perco o amigo, mas não perco a piada como diz o Dr Pêta. Felipe escolheu ser Flamengo para lidar mais com as vitórias do que com as derrotas, já que também aprendeu a não gostar de perder.

É um homem otimista e que não se arrepende de nada, até porque tem tantos sonhos para conquistar que não tem tempo para se arrepen-

der. Quando pergunto se tem saudade de alguma coisa, Phil se emociona quando lembra do pai, da sua mãe e do irmão Baby Tom Camarão.

Hoje, vive um momento especial na sua carreira, além de ser diretor do PAM Diamante, como escrevi no início, ainda faz parte como diretor regional da Abramed – Associação Brasileira de Medicina de Tráfego –, também é membro titular há 12 anos da Câmara Temática de Saúde e Meio Ambiente do Contran – Conselho Nacional de Trânsito do Denatran – Departamento Nacional de Trânsito. E agora, fechando a tríplice coroa, integra a Câmara Técnica do Conselho Federal de Medicina que é o máximo que alguém consegue chegar na área da medicina de tráfego.

Como gestor tem uma visão bem simples e clara do que deve ser feito. Bom senso, amizade com os funcionários/parceiros. Administrar como se fosse a nossa casa, já que passamos às vezes mais tempo no trabalho do que em casa. Manter um diálogo permanente e ouvir atentamente as ideias/sugestões. Ele não se já o dono absoluto da verdade e nem o bonzão.

Tem um sonho para o nosso Brasil que é ver um povo com boa educação e saúde. Que seja um país de honestidade e segurança para todos. O grande sonho do vovô Phil é ver seus netos e netas, Beatriz, Luís Felipe, Alice e Julia formados com saúde.

Aproveito o lado vovô e maltrato, no bom sentido, o coração do campeão Phil com o depoimento da sua filha Bruna:

> "Meu pai é meu porto seguro. A pessoa que me apoiou em todos os momentos da minha vida, mesmo quando ele sofria de saudades quando fui morar fora. Mas era só sonhar qualquer coisa, mesmo a mais simples e, como mágica, ele fazia realizar. Ele abriu mão da vida dele para fazer nossas vontades. Quando fiz 18 anos, ele ficou sem carro por um tempo para me presentear com um. Até exagero mesmo, mas ele é assim, incrível! A pessoa com o maior coração do mundo, sempre querendo ajudar a todos e, às vezes, deixando a vida dele de lado. Se eu pudesse escolher um pai, eu o escolheria mil vezes!".

Depois dessa, até eu fiquei sem palavras e preciso pedir emprestadas mais uma vez ao seu grande ídolo Airton Sena para me ajudar a encerrar este belo perfil. "Seja você quem for, seja qual for a posição social que você tenha na vida, a mais alta ou a mais baixa, tenha sempre como meta muita força, muita determinação e sempre faça tudo com muito amor e com muita fé em Deus, que um dia você chega lá. De alguma maneira você chega lá".

Phil Camarão é tudo isso que Airton um dia falou. É também um grande amigo de todos, campeão da vida, do esporte, que, entre trancos e barrancos, conseguiu superar tudo. Honrou

seus avós e seus pais, construiu uma família linda que o honra com grande merecimento.

Tinha tudo para se fazer de vítima e levar uma vida triste, mas, pelo contrário, sempre de cabeça erguida, com determinação e fé, fez das adversidades sua força para vencer, o seu pódio para subir, seu troféu para receber.

Realmente ele não gosta de perder, pois ao escrever humildemente um pouco dessa grande história percebi que Phil nunca perdeu, pois tudo que aconteceu na sua vida ele sempre encarou como uma vitória. Parabéns, Louis Philip Moses Camarão! Parabéns, Phil Camarão! Parabéns, campeão! Parabéns ao amigo de todos e obrigado por esta oportunidade.

Rita
Ivana
50 anos

Rita Ivana: uma apaixonada pelo ensino e enfermagem

Publicado no Jornal Pequeno no dia 15 de maio de 2009

Poderia ser mais uma entrevista como outra qualquer para mim, cheguei, entrei na sala, um ambiente muito organizado, requintado, mas prático. Em pé me esperando estava a minha entrevistada, elegantemente bem vestida, seria o meu primeiro contato com ela, mas claro que já conhecia de nome e dos seus trabalhos. Começamos a nossa conversa, de forma bem discreta, pensei que teria dificuldades, pois, apesar de muito culta, uma entrevista sempre assusta um pouco, mas bastou eu falar uma frase que continha duas palavras mágicas: enfermagem e docência para que os olhos dela brilhassem. O coração deve ter acelerado, a pressão deve ter subido e como numa transformação, aquela até então tímida entrevistada, tornou-se a apaixonada profissional pelo que faz. Esta paixão é o que movimenta a enfermeira e professora Rita Ivana, nossa Foto Digital desta semana.

Legendas da esquerda para direita: 1. Dra. Rita Ivana Barbosa Gomes, diretora da Faculdade Florence com seu esposo Francisco Candeia Nascimento Filho; 2. Dra. Rita Ivana Barbosa acompanhada com seu filho Pedro Ives Gomes Duailibe Mascarenhas; 3. Ela mais uma vez com seu esposo; 4. Dra. Rita Ivana Barbosa Gomes, Diretora da Faculdade Florence; 7. Rita com sua filha Mariana Gomes Mascarenhas acadêmica de medicina; 8. Rita Ivana com sua irmã médica Dra. Filomena Regina Barbosa Gomes Galas; 9. Rita com sua amada mãe Teresinha de Jesus Barbosa Gomes.

Quem conhece a Rita Ivana do tempo da Universidade sabe do que estou falando. Ela continua a mesma, dos movimentos estudantis da época que foi do DAE – Diretório Acadêmico de Enfermagem e do DCE – Diretório Central dos Estudantes da UFMA. Fala apaixonada pela profissão de enfermagem que se mistura com a da docência, fica até difícil separar. Ela fala da necessidade das melhorias de condições e principalmente da qualificação, vibrando como aquela jovem dos bons tempos, fala com os olhos, com o corpo todo, fala com paixão.

Mas a vida da Rita Ivana parece um enredo de núcleo de novela, das melhores e de grande audiência. Nascida no interior, cedo teve que cedo teve que se acostumar com o ambiente hospitalar, pois seu pai ainda jovem começou a ter problemas de saúde. Neste tempo todo entre visitas ambulatoriais e internações, conviveu com a rotinha dos hospitais e presenciou coisas boas e ruins. Como vem de uma família simples, onde o amor e a vontade de estudar sempre foram pontos importantes. Inteligente e observadora como é, percebeu nos corredores das instituições hospitalares, que poderia no futuro melhorar a vida dos pacientes tornando-se enfermeira. Via os cuidados que seu pai recebia, mas também percebia a carência de bons profissionais.

Não deu outra: Rita Ivana formou-se na UFMA – Universidade Federal do Maranhão, em 1995, como uma das melhores da sua turma. Alguém disse está frase e não me lembro quem "se você não tem padrinho, estude" e foi o que fez. Passou em mais de 10 concursos que prestou, fez estágios em clinicas, trabalhou em hospitais como Nina Rodrigues e Dutra onde aprendeu muito e, com certeza, percebeu o quanto ainda tinha que caminhar para chegar onde queria. Engraçado como a vida da Rita Ivana sempre se mistura com a da sua família.

Tornou-se enfermeira em virtude do pai e como sua mãe era uma professora, também desde jovem conviveu entre lousa e giz, entre lápis e caderno, o que sem perceber iria mostrar um novo caminho para ela. Um dia, ainda na faculdade, apresentando um trabalho, apareceu o primeiro convite da Irmã Paula Maria para que a jovem Rita Ivana desse um curso no tradicional Instituto São Francisco de Assis de Enfermagem, o que para ela não foi nada de difícil e nem desafiador, encarou como mais uma situação que se apresentava em sua vida.

Do convite da Irmã, mais uma vez a vida de Rita começava a mudar. O mosquito da docência deu uma picada e ela passou a ser não só a enfermeira Rita Ivana e, sim, a professora enfermeira Rita Ivana. Concursada na UFMA, hoje toma conta da cadeira de Enfermagem Psiquiátrica. Mas foi no ano de 2000 que ela pôde colocar em prática os dois lados da Rita: aquela que reivindicava o melhor ensino, a melhor qualidade de professores com uma instituição que formasse, de fato, um profissional e do jeito que ela pensava. Junto com sua mãe fundou o Instituto Florence, uma referência nacional e parceira do Ministério da Saúde no programa PROFAE – Programa de Formação Profissional na área da Enfermagem.

Ela é realista e sabe que o ideal do ensino, a qualidade do docente e do enfermeiro, unidos a uma remuneração digna, está longe de acontecer no país, mas comenta "Na empresa que dirijo, temos sonhos e vamos atingi-los" e completa: "procuramos dar o melhor aos nossos profissionais, não o melhor que o mercado tem, mas o melhor que eles precisam receber". São milhares de alunos, entre formação técnica e superior, vários cursos, amplos laboratórios e como ela mesmo comenta "muita vontade de aprender, pois nossa evasão é mínima".

Reconhecimento é um dos pontos que busca para os profissionais das áreas que atua. Formação de qualidade é o que procura dar para seus alunos, pois ela sabe cada vez mais que o mercado é competitivo e, além do nome da instituição no diploma, ela sabe da responsabilidade de colocar um profissional da saúde no mercado, pois eles lidam com vidas e caímos no velho slogan, mas é uma pura verdade "vida não tem preço".

Querem conquistar Rita? Falem da docência em enfermagem, do seu livro publicado sobre uso de álcool na adolescência, dos seus projetos futuros e, acima de tudo, da sua família. Operária do saber gosta de estuda e vive para ensinar. Vem de origem humilde e orgulha-se de ter estudado sempre em colégio público, exceto um período quando sobrou um dinheiro na família e conseguiu estudar uma pequena parte numa escola particular.

Valoriza o estudo, a família, ama a profissão de enfermagem e faz da sua vida de professora uma aula, não uma aula comum de 40 ou 50 minutos, mas sim uma aula de vida e de uma vida profissional para ser seguida. De muitas lutas, mas de vitórias e que nunca poderão ser apagadas da sua história, como a mais recente homenagem recebida do Conselho de Enfermagem do Maranhão pelos relevantes serviços dedicados a enfermagem.

Como Paulo Freire já dizia "Mudar é difícil, mas é possível" e Rita Ivana vem fazendo isso com muitos embates, determinação e, acima de tudo, com paixão o que faz desta mulher uma vitoriosa em tudo que se dedica a fazer.

Uma aula com a Professora Rita Ivana

Nome? Rita Ivana Barbosa Gomes
Dia e mês que nasceu? 07 de agosto
Signo? Leão
Cidade que nasceu? Mirador no Maranhão
O que representa a sua família? Meu lugar sagrado
Saudade de alguém? Meu falecido pai
E o coração como está? Tranquilo, em paz, vive bem e realizado. (Rita é casada com Francisco Candeia)
Pessoas importantes para você? Todos da minha família
O que representam seus filhos? Pedro e Marina, o sentido mais forte da minha vida.
Do que não abre mão no seu escritório? Do meu computador
Um profissional competente? Luís Fernando Bogéa Pereira que trabalha comigo aqui no Florence.
Do que não abre mão na sua empresa? Do meu amigo e administrador Luís Fernando
Para ensinar, técnico o superior? Tanto faz, gosto de ensinar
O 1° curativo a gente nunca esquece? Verdade, no 4° período de enfermagem
A 1ª aula a gente nunca esquece? Também, no Curso São Francisco de Assis
Um bom professor é aquele que...? Aprende com seus alunos
Um bom local de ensino é aquele que...? Existe muito debate, as ideias podem surgir, ou seja, um lugar plural.
Um bom aluno é aquele que...? Quer mais que aprender
Um exemplo de professor? Irmã Paula Maria da União
Uma instituição de ensino? UFMA
Do que se arrepende? Apesar de estudar muito, sempre fico achando que poderia ter feito mais, estudado mais, pesquisado mais...Acho que nunca vou estar satisfeita
Sobre o ensino da enfermagem no Maranhão? Tem evoluído muito
Sobre a enfermagem no Maranhão? Ela hoje é muito boa, mas ainda carente de um salário digno.
Como educadora, percebe vocação nos alunos? Isto é um desafio das instituições. Muitos chegam achando que ser enfermeiro é fácil, mas não é bem assim. Tem que estudar muito.

SOMBRA

LOJAS

VAMOS AO TEATRO
TEATRO
É CULTURA
PLACAS
LUMINOSAS
PALHOÇA
Visite
TIJUPÁ
Serrano
& CIA. LTDA.

Foto Sombra
LABORATÓRIO COLOR

1
REVELAÇÃO
HORA
AGORA
TAMBÉM
NO
tropical
Shopping Center
Foto Sombra
LABORATÓRIO COLOR

Sérgio Sombra: um líder de uma empresa vencedora

Publicado no Jornal Pequeno no dia 16 janeiro de 2009

Sucessão familiar sempre foi algo muito difícil nas empresas onde existem herdeiros. Dessas empresas existem dois tipos: a empresa onde cada membro briga pelos seus próprios interesses e procura tirar o máximo dela para si, o exemplo foi o antigo Banco Nacional, e a empresa de família onde a sucessão é tranquila, as funções são determinadas e a hierarquia respeitada. Elas passam a virar uma empresa do mercado. Esse é o caso do Foto Sombra, que completa em abril 52 anos de vida. Já é administrada pela segunda geração e tem como seu principal executivo Sérgio Sombra.

O Foto Sombra nasceu das mãos de Jesus Sombra que mostrou desde o início o pioneirismo – responsável por marcar esta empresa no segmento fotográfico.

Ela iniciou com uma simples prestação de serviço de revelação de foto para mais tarde se tornar uma das mais importantes do setor de foto/imagem do Brasil.

Legendas da esquerda para direita: 1. Sr Sombra em sua Vespa nos anos 60; 2. O sr. Sombra fundador da empresa; 3. Sérgio com os filhos Daniel e Rafael Sombra, 3ª geração na inauguração do conceito Imagens e Molduras; 4. Veículo de publicidade anos 70; 5. Equipe Sombra em sua sede anos 80; 7. Sombra pioneiro na revelação em 1 hora no Maranhão; 8. Sombra com Sérgio e Teobaldo Saldanha gerente da FujiFilm.

Porém coube a Sérgio Sombra a responsabilidade de administrar o ciclo de vida desta empresa de meio século de existência, hoje tão moderna quanto os serviços que presta.

Sérgio é um jovem que começou a trabalhar no setor de Logística da empresa aos 18 anos. Sempre sereno, mas muito trabalhador, começou a compreender todos os processos que envolviam a revelação de uma foto. Quem a princípio olha para Sérgio pode até achar que seu jeito tranquilo e voz mansa não mostram o grande profissional que é. Ele participou dos mais importantes e perigosos processos de evolução na fotografia nestes últimos 15 anos. Foi com ele que seu pai, Jesus Sombra, pôde contar para o grande pulo que o mercado deu na época que foi a revelação em cores, com laboratórios coloridos. A partir da implantação destes equipamentos, não havia mais necessidade de enviar as fotos em cores para serem reveladas fora da cidade. Um grande marco no mercado deste setor foi este investimento e, mais uma vez, o pioneirismo marcou presença na empresa.

Foi frequentando as Feiras de fotografias no Brasil e no exterior, que Sérgio e Sr. Sombra depararam com uma grande novidade, "Os Minilabs". Eram pequenos laboratórios que faziam em uma hora a revelação das fotos, eram equipamentos de custos elevados e importados do Japão, num período onde importação não era fácil, mas a rentabilidade era boa e trouxe o cliente para dentro da loja, o qual podia ficar assistindo ao filme ser revelado e, mais uma vez, o Foto Sombra foi o pioneiro

Entre o lançamento do laboratório em cores e a grande revolução digital, o Foto Sombra passou por um momento difícil. A morte do seu fundador, em 1998, foi algo que abalou muito a estrutura emocional de Sérgio, sua família e com toda a empresa, porém neste momento a união de todos e a visão de que a empresa não pertencia mais aos Sombras e, sim, ao mercado maranhense fez com todos descem a volta por cima.

Unido com suas irmãs, Sérgio começou um processo gradual de aprendizado, investimento e, acima de tudo, procurou enxergar o que poderia acontecer no mercado no futuro, principalmente com a era Digital. O computador já vinha fazendo parte da vida dos brasileiros, a digitalização já era uma verdade. E como sobreviver? Era a pergunta que Sérgio buscava responder. E ele respondeu com trabalho e ousadia.

Na época que explodiu o mercado das imagens digitais, muitos especialistas não sabiam dizer para aonde iriam empresas do segmento do Foto Sombra, a única certeza que se tinha é que muitas não iriam sobreviver; o que aconteceu de verdade, marcas como a alemã Agfa fecharam. Mas, apesar deste novo desafio, Sérgio não esmoreceu, trabalhou mais, inovou aumentando o seu mix de produtos, rejuvenesceu a marca da empresa, mudou o visual das lojas, fechou algumas e investiu em outras que poderiam trazer maior rentabilidade. Quem poderia afirmar naquela época que o Foto Sombra continuaria no mercado e cada vez mais forte e inovador? Ninguém, mas Sérgio conseguiu.

Hoje, são 10 lojas e, além de Sérgio, a empresa conta na controladoria com suas irmãs Silvia, Sonali e Suelma Sombra nas finanças. Nada do que Sérgio fez para reiniciar um novo ciclo de vida da marca Sombra teria conseguido fazer, se as irmãs não estivem trabalhando e dessem o apoio necessário para que as ações implantadas tivessem êxito.

Sérgio é daqueles empresários de que o Brasil precisa, não envelhece na cabeça, procura cercar-se de bons profissionais, delega funções, mas sabe cobrar. Não para de estudar, de frequentar feiras e seminários sobre o ramo e, acima de tudo, tem a ousadia para mudar e isso faz de Sérgio Sombra um exemplo de um executivo vencedor.

Na vida particular, pouco se sabe de Sérgio, pois é discreto, festa com os amigos, estar com sua família, com sua esposa Cristina com quem vai fazer 25 anos de casado e seus filhos Rafael, que já trabalha na empresa, e Daniel, estudante de administração de empresas, é o que gosta de fazer. Não perde um bom papo com os amigos e vive uma vida tranquila. Seu hobby não podia deixar de ser a fotografia, além de ser um colecionador de câmeras antigas, verdadeiras relíquias, sempre que pode, coloca em prática seus conhecimentos na fotografia.

A família Sombra se confunde com a história da fotografia no Maranhão. Em seus 52 anos de existência, a empresa revelou as alegrias, tristezas; cenas que foram capas dos principais jornais; morte e vida; o crescimento da cidade; sempre no olhar atento dos fotógrafos profissionais e amadores da cidade. Mas, acima de tudo, os Sombras estão deixando uma empresa para o mercado. Estruturada e moderna, mostra que São Luís é um mercado de profissionais vencedores. Mas é preciso entender que ser dono de uma empresa é até fácil, mas mantê-la viva, durante décadas, é competência.

Francisco José dos Santos Sousa, o Sousa do cachorro quente

Publicado no Jornal Pequeno no dia 22 de maio de 2009

A receita é simples: Pão, salsicha e molho. Claro que o molho foi mudando com o tempo e a variedade da salsicha e do pão também, mas no final é pão, salsicha e molho. Porém o que faz esta simples receita tornar-se, em algumas cidades, uma marca? Qual é o segredo de pessoas saírem de outros bairros só para comerem um cachorro quente? A resposta vamos tentar responder juntos durante esta Foto Digital com o Sousa do cachorro quente.

Quem viveu no Rio de Janeiro nos anos 80 conheceu o cachorro-quente do Genial, que fez muito sucesso no Estádio do Maracanã. Tem também um dos mais badalados que é o General na Barra da Tijuca e o General Prime Burger em São Paulo.

Já em Porto Alegre, o cachorro-quente do Rosário e, em Belo Horizonte, o cachorro-quente da picape vermelha. Quem conhece Nova York já comeu o cachorro quente do Charlie, bem em frente ao Fashion Institute of Technology, na 27th Street W com a 7th Ave, em Manhattan. Mas os ludovicenses aprenderam a gostar do cachorro-quente do Sousa que fica na Praia Gran-

de e já está ficando de maior de idade, ano que vem completa 18 anos de existência.

Mais de um mês que tento entrevistar o Sousa, um homem difícil, mas eu decidi que, nesta semana, ele seria o entrevistado do nosso quadro. Finquei meu pé e não saí de lá sem minha matéria.

Eram 23 horas de terça-feira, final de expediente, Praia Grande já estava vazia e o movimento já diminuía na barraca dele, sentamos e começamos a conversar. Ele, apesar de bem comunicativo, é tímido e, com um sorriso discreto, tentou falar um pouco da sua luta. Este filho da cidade de Brejo do Anapurus, no Maranhão, começou na construção civil como ajudante de pedreiro, trabalhou 4 meses e logo partiu para o comércio. Trabalhava como empregado numa loja, porém o tino comercial sempre foi forte.

Passou a comprar peças no atacado e nos finais de semana vendia nas feiras de tudo, até calcinha. Logo apareceu uma oportunidade de comprar um carrinho de cachorro quente e seu objetivo era vender o produto nas praias e no carnaval. Porém quis o destino que neste período o Projeto Reviver fosse inaugurado e, como tem cabeça de empreendedor, Sousa depois que saía do trabalho, ficava sentado observando o ir e vir das pessoas e imaginando o que podia colocar para atender tanta gente que circulava. Discretamente, começou a colocar o seu carrinho que havia comprado, mas antes só um detalhe: o nome do cachorro-quente era Malu, Sousa veio depois. No primeiro dia, vendeu apenas um cachorro-quente. Apesar do insucesso nas vendas, a partir daquele momento, ele tinha decidido que era aquilo que queria fazer na sua vida, porém ele nem imaginava o problema que começou a arrumar.

Reviver recém-inaugurado, a vigilância era total, por isso ambulante no local era proibido. Sousa penou, andava com seu carrinho de calçada em calçada. Ele passou por todos os lugares possíveis no Reviver, do outro lado da avenida, na Praça Nauro Machado, já até foi retirado pela Polícia Militar. O que me deixou encantado foi quando ele contava a sua luta e, muitas vezes, a humilhação que passou, sem revolta ou sentimento de vingança, sempre com um sorriso contava sua história. Obstinado, nada poderia impedir a sua vitória.

O tempo foi passando e, com o seu jeito carismático, ele conseguiu que pessoas influentes começassem a defendê-lo e, aos poucos, as coisas começaram a se ajeitar.

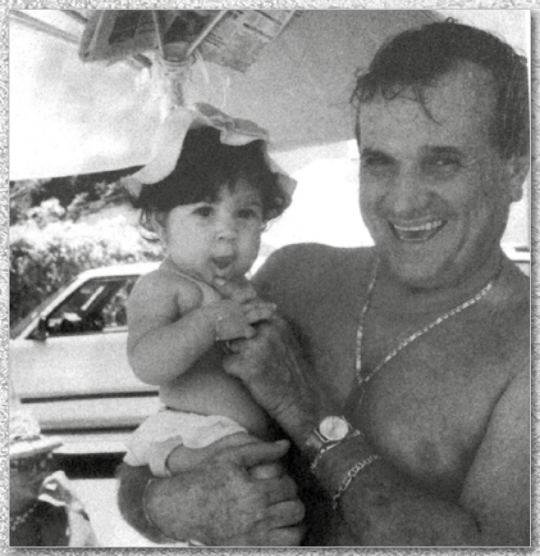
O grande impulso para os negócios do Sousa foi uma matéria feita pelo Jornal Chumbo Grosso da UFMA e a partir dali o sucesso foi grande. No seu primeiro dia, ele vendeu 4 cachorros, no 2° 3; no 3° 1; no 4° 5 e, a partir do 6° dia em diante, não parou mais de vender.

Sousa lembra com saudade do seu início quando conheceu um casal, ainda de namorados. Eles chegavam juntos e ajudavam o Sousa a arrumar sua barraca, sempre no mesmo horário eles estavam lá, hoje são casados e têm filhos da idade praticamente do tempo que Sousa tem sua barraca.

E, afinal, qual é o segredo do sucesso de fazer um pão com salsicha e molho virar uma marca? Para mim, é a obstinação deste homem, ele sabe aliar a vontade de ganhar dinheiro com a de servir. Não desiste, persiste. Não guarda mágoas e é um homem feliz. Sabe dizer não, o que é importante nos negócios, mas sabe dizer sim para quem realmente precisa. É grato a quem o ajudou e sabe que não conquistou nada ainda e vem construindo sua história com total ajuda dos seus fiéis clientes os quais ele sabe cativar com amor.

Uma vez, eu perguntei a um grande mestre japonês qual o segredo para fazer o melhor para alguém? A melhor comida, o melhor trabalho, o melhor atendimento e ele me respondeu de forma simples: "Você precisa ir junto com o que você está fazendo" e é o que Sousa faz há 18 anos. Além de colocar uma salsicha no pão com molho, ele coloca todo o seu amor, a sua história, a sua obstinação e isso faz do cachorro-quente do Sousa entrar para o hall dos mais famosos do mundo. Eu acho e você não?

Beija-Flor
de Nilópolis



Zé Cirilo: o comunicador sempre jovial

Publicado no Jornal Pequeno dia 26 junho de 2009

A frase do escritor argentino José Ingenieros, autor do qual nosso entrevistado gosta, consegue definir o momento atual que vive este grande comunicador maranhense: "A juventude finda, quando termina o entusiasmo".

José Cirilo Teixeira Filho, um sessentão com muito orgulho, mas um jovem sempre, com uma vitalidade que deve incomodar aos mais parados, vive a vida intensamente. Dinâmico e com o raciocínio rápido, Zé Cirilo, como é conhecido profissionalmente, é o nosso Foto Digital desta semana.

Como jornalista, especialista em marketing e com alguns anos de janela, posso afirmar que Zé Cirilo é uma marca. Ele é um case de mercado a ser estudado e faz parte da história da comunicação e da publicidade do Maranhão.

Legendas da esquerda para direita: 1. Zé Cirilo homenageado na Assembleia Legislativa do Maranhão; 2. Zé Cirilo com o deputado Vinícius Louro e o empresário José Valter Maciel; 3. Com os filhos Keno Kariston e José Cirilo Junior; 4. Os filhos Keno, Jonanthan e Elyka Mesquita; 8. Com a filha ainda criança Elyka; 9. Na mesa com sua família.

Ele não faz um tipo no ar, não criou um personagem, ele apresenta nos seus programas de televisão, rádio e na sua coluna escrita o que realmente ele é: uma pessoa comunicativa, que gosta de estar com as pessoas, sincero, sabe da responsabilidade que tem como comunicador e adora citar frases, quando não as têm prontas, cria as suas próprias de forma bem peculiar como essas:

"Nada melhor que um dia depois do outro, uma noite para acontecer e uma madrugada para agasalhar" ou "nunca entre numa confusão sem tirar proveito dela".

Conversar com ele é como assistir a um dos seus programas. A capacidade de lembrar nomes e datas é algo impressionante, sabe de cabeça todos os veículos de comunicação nos quais trabalhou, quanto tempo ficou em cada um e nome dos diretores, além disso é capaz de lembrar dia e hora de um acontecimento com 30 anos passados.

Ele não tem secretário, se tocar o celular você será atendido pelo Zé. Espontâneo, em nenhum momento, mediu as palavras para responder as perguntas e, de forma clara, mostrou como fez sua carreira com base na intuição, no talento natural, na capacidade de fazer amigos e por acreditar no trabalho.

Zé Cirilo iniciou no mundo da mídia, de forma amadora, em Pedreiras, sua terra natal, na Rádio Mearim, aos 14 anos de idade. Gazeava, como gosta de dizer, a aula do ginásio Correa de Araújo para fazer um programa esportivo, mas foi em 1970, no Jornal Imparcial, que iniciou para valer sua carreira na comunicação. Escrevia a Coluna Estudantil, porque ele fazia economia, curso que é sua formação acadêmica. Depois sua segunda coluna Transação no Jornal Estado, no suplemento sete dias. Foi a partir deste ponto que ele mostrou todo o seu talento e também a arte para atrair negócios na área da publicidade, comenta "foi um sucesso este meu trabalho com Cordeiro Filho".

Quem pensa que nas horas de lazer Zé Cirilo fica parado errou redondamente. Ele faz dos seus programas na Rádio Difusora FM, do Programa Deixa Rolar com Paulinha Lobão e do Drincando com Zé Cirilo, uma forma de encontro com os amigos. Como ele gosta de frases, essa encaixa bem: ele faz o que gosta e ainda é pago para isso. Nos finais de semanas, sempre que possível passa perto dos seus familiares. É extremante caseiro se o assunto for cuidar da casa, pois acredite: ele é capaz de pegar um martelo e colocar um prego na parede e, além disso orgulha-se de fazer um caldo de ovos que os amigos adoram. A prole é grande, são 7 filhos. Hoje, dois, Keno e Jonathan, trabalham com ele na produção dos seus projetos de TV, rádio, jornal e internet.

Se você falar em aposentadoria perto dele, ele vira uma fera, pois ele perdeu a carteira de trabalho, não sabe onde colocou, nunca tirou uma nova e comenta aos risos "aposentar só na morte". Para quem olha a forma como ele fala entre palavras, risos e gargalhadas, pode até achar que gosta de aparecer, como se precisasse disso, mas é pura positividade. Zé fala com emoção, pois tudo que faz realiza com amor e todo mundo que ama fala com o corpo. Em nenhum momento

da nossa entrevista, ele disse que era o melhor ou fez alguma crítica a colegas de profissão, mesmo quando provocado por mim. Perguntei a ele se ele se considerava um Chacrinha, um Silvio Santos ou um Amauri Junior, de forma tranquila não se comparou a nenhum deles, mas disse que hoje está muito mais para fazer um programa popular uma mistura de Chacrinha e Silvio Santos local, sem perder o público que o iniciou, pois ele consegue atender a todas as classes.

O lado folclórico e o estilo do Zé Cirilo fazem parte da sua trajetória. Expressões do tipo o acima, do arriba, são marcas deste comunicador. Para ele, é a melhor tradução de impacto que a pessoa chegou ao mais alto que podia alcançar e foi uma premiação de sucesso. Casos engraçados são muitos. Um dia, foi convidado a participar de um almoço, no povoado de Carema, em Santa Rita, porém ele só bebe uísque com água de coco, por isso leva sempre a sua garrafa com a água. Quando chegou ao local onde seria o encontro com sua garrafinha a tira colo, ele descobriu que o anfitrião era um dos maiores exportadores de cocos do Norte e Nordeste e o que mais tinha na casa era água de coco para colocar no uísque.

Na profissão, o ainda jovem repórter cobria o Governador Pedro Neiva que iria implantar um governo itinerante, na época era chamado de DERIM, muito empolgado com a possibilidade de passar a matéria, ficou sem saber como fazer, pois em 1974 não existia a tecnologia que existe hoje e era pior no interior. Recorreu ao posto da antiga Telma e, através da telefonista, conseguiu passar a sua matéria, um feito que ele lembra com orgulho.

Falar da história de Zé Cirilo numa pequena página de jornal é uma tarefa difícil, pois só a vida profissional vale um livro. Como conseguir num espaço tão pequeno falar de uma história tão rica? Como falar de um dos maiores comunicadores do Maranhão que já está fazendo quase 4 décadas de sucesso? É muito difícil, mas para quem vai ler e o conhece sabe que quase nada disse do homem batalhador, do amigo de todas as horas, do ser humano José Cirilo que doa na calada. Faltou espaço. Pouco falei do profissional que gera empregos, pois faltou espaço, não falei do pai amoroso e orgulhoso dos filhos, pois faltou espaço, mas o certo é que, no coração deste homem dedicado, bom colega de profissão, companheiro, não falta espaço para amar a vida e as pessoas, dar carinho e, acima de tudo, ser grato a todos que muito o ajudaram. Tem espaço neste coração para dar ajuda e orientação profissional a quem precisa. No meu texto faltou espaço, mas no coração dele não tem espaço para rancor, mágoa, arrogância ou os sentimentos menores que muitas vezes vivem nas vidas de pessoas deste meio, cheias de vaidades e, muitas vezes, fugazes. Talvez numa das suas frases Zé Cirilo dissesse: As pessoas precisam subir primeiro no ônibus e com muita calma tentar sentar na janela, mas durante a viagem, não logo depois que subiu. Não disse isso na entrevista, mas tem horas de ônibus para falar se quiser, pois seu tempo de estrada lhe dá condições para dirigir quantos ônibus vierem e sentar onde desejar. Acima do arriba, Zé Cirilo, OK! OK! OK!

Patrocínio:
inventta
comunicação com conteúdo
CENTRO ELÉTRICO
cultura
GOVERNO DO MARANHÃO
GOVERNO DE TODOS NÓS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA